

1 Delegacia Nacional

4459

10 DE SETEMBRO

1 9 4 4

NÚMERO

3 6 4

CEL. RENATO BATISTA NUNES

TEN.-CEL. BENJAMIN GALHARDO

TEN.-CEL. LIMA FIGUEIREDO

CAP. JOSE SALLES



Malte
+
Lúpulo
+

Perfeição
Técnica

Malzbier

PROGRESSO

a ANTARCTICA



BANCO DO BRASIL

O maior estabelecimento de crédito do país

Agências em todas as capitais e cidades mais importantes do país e correspondentes nas demais cidades e em todos os países do mundo.

CONDICÕES PARA AS CONTAS DE DEPÓSITOS :

SEM LIMITE 2% a. a. (retiradas livres)

POPULARES (limite de Cr\$ 10.000,00) 4% a. a. (" ")

LIMITADOS (limite de Cr\$ 50.000,00) 3% a. a. (" ")

PERÍODO FIXO - de 6 meses 4% a. a.

- de 12 meses 5% a. a.

PRAZO FIXO COM RENDA MENSAL —

— de 6 meses 3,1/2% a. a.

— de 12 meses 4,1/2% a. a.

NOTA — Nesta conta, o depositante retira a renda, mensalmente, por meio de cheque.

DE AVISO — Para retiradas (de quaisquer quantias) mediante prévio aviso:

— de 30 dias 3,1/2% a. a.

— de 60 dias 4,0% a. a.

— de 90 dias 4,1/2% a. a.

LETROS A PRÉMIO (sujeitas a selo proporcional)

— de 6 meses 4% a. a.

— de 12 meses 5% a. a.

Nesta capital, além da Agência Central, síta na rua 1.º de Março, n.º 66, estão em pleno funcionamento as seguintes Metropolitanas :

GLORIA — Largo do Machado
(Edifício Rosa)

BANDEIRA — Rua do Matoso, n.º 12

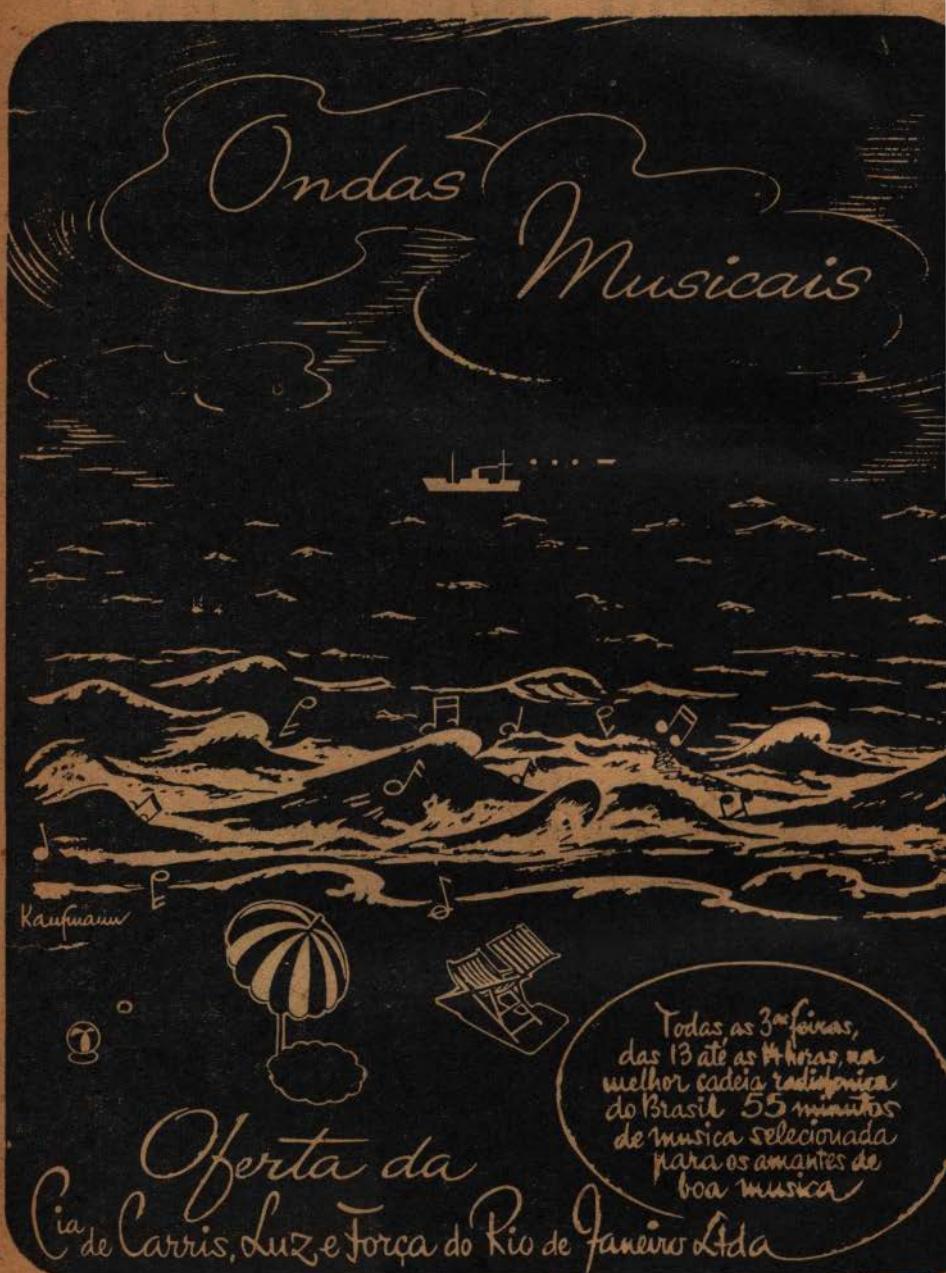
CAMPO GRANDE — R. Campo
Grande, 100

TIRADENTES — Visc. Rio Branco, 52

MADUREIRA — Rua Carvalho de
Souza, n.º 299

MEIER — Av. Amaro Cavalcanti, n.º 27

RAMOS — Leopoldina Rego, 78



Oferta da
Cia de Carris, Luz e Força do Rio de Janeiro Ltda

Todas as 3ª feiras,
das 13 até as 14 horas, na
melhor cadeia radiofônica
do Brasil 55 minutos
de música selecionada
para os amantes de
boa música

NÃO DIGA — QUE SERÁ MEU FILHO? MAS SIM
-QUE FAREI DE MEU FILHO?



NA VERDADE, a par com a educação que lhe vai proporcionar — tesouro inestimável — o sr. pcdé garantir-lhe a independência logo ao dar os seus primeiros passos nas suas atividades profissionais: basta que lhe adquira, desde já, títulos da Pru-

dência Capitalização, por meio de pequenas economias mensais que se multiplicam no fim de alguns anos. Procure conhecer, sem compromisso, os planos da Prudência Capitalização, nas suas vantagens reais e garantias sólidas, legais, absolutas!

COMPANHIA GENUINAMENTE NACIONAL
PARA FAVORECER A ECONOMIA POPULAR



PANAM

PRUDÊNCIA CAPITALIZAÇÃO

CAPITAL: Cr. \$ 2.250.000,00 — RESERVAS: Cr. 28.000.000,00
SÉDE: SÃO PAULO — RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 278 — 1º. ANDAR

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXXI

Brasil - Rio de Janeiro, 10 de Setembro de 1944

N. 364

SUMÁRIO:

	Págs.
Editorial	389
Bibliografia do Marechal do Exército José Antonio Corrêa Câmara — 2.º Visconde de Pelotas — Patrono do Arsenal de Guerra — General Câmara	393
A Cavalaria Moderna — Ten.-Cel. Arthur Carnaúba	405
Combate à Noite — Trad. Ten.-Cel. Vasconcelos	407
Uma Campanha Injusta — Cel. da Reserva Felício Lima	423
Algo sobre Artilharia de Costa — Major Newton Franklin do Nascimento	427
A Companhia de Fuzileiros no Exército dos Estados Unidos — Trad. — Cap. Nelson Rodrigues de Carvalho	433
A seleção do "chefe" no Exército Alemão — Trad. — Major Adalardo Fialho	445
O Chefe e a Tropa — 1.º Ten. Jaldyr Bhering Faustino da Silva	449
A República Argentina e o seu Exército — Trad. — Cap. Malvino Reis Nettó	457
O Reconhecimento Mecanizado no Exército Americano — Cap. Tasso de Aquino	475
Olavo Bilac e a "semana do serviço Militar" — 1.º Ten. Ismael Leite Xavier	481
Observações de Fort Knox — Major Newton Junqueira de Souza	489
Concursos Hípicos em geral — Cap. Osiris Bitencourt Coelho	503
O grande cometimento da administração Henrique Dodsworth	525
Resseguros de Riscos Aeronáuticos	529
O novo comandante da Ordem do Mérito Militar	533
Trabalha e enriquece o Piauí	537
Livros Novos	539
Revistas em Revista	543
Boletim	551
Noticiário & Legislação	555



EDITORIAL

Espaço vital, acesso às matérias primas, privilégios para as minorias racistas — esta a triade de "reivindicações" básicas do catecismo nazista. O Brasil, senhor de vastas áreas cuja densidade demográfica é ainda muito baixa, detentor de um dos maiores e mais completos celeiros de matérias primas do mundo, e abrigando na sua zona colonial numerosos agrupamentos de origem alemã, cuja assimilação sabidamente não se processou em escala satisfatória, era atingido em cheio por esse programa em nome do qual a Alemanha se armou e fez a guerra.

Importava, pois, para o Brasil em trabalho de auto-destruição qualquer simpatia ou qualquer apoio aos nazistas. No mundo de Hitler o Brasil deixaria de existir, sujeitando-se os despresiveis "mestiços" brasileiros ao domínio das "superio-

res" minorias arianas, já instaladas e organizadas politicamente em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul.

A tudo isso se acrescentava a circunstância de estarmos geograficamente colocados no itinerário natural de um ataque militar aos Estados Unidos.

Foi, destarte, em atenção aos nossos vitais interesses, envolvendo até a preservação da nossa existência ameaçada, e pôr fim, como motivo imediato, em legítima defesa da nossa gente cruelmente ferida, que tomamos posição de combater nesta guerra.

Ao segundo aniversário desse, acontecimento não podia ser mais positiva a prova de como soubemos honrar a nossa atitude: a esta hora, com efeito, já tomaram posição, em algum setor da frente italiana, os soldados da F. E. B.. Antes, porém, vínhamos dando uma contribuição não menos valiosa, com o fornecimento de minerais estratégicos, borracha e alimentos. E mesmo do ponto de vista estritamente militar, a colaboração brasileira já vinha sendo muito importante, pois cedemos bases no nosso território, entre as quais se inclue Natal, que teve decisiva importância no destino desta guerra, cooperamos desde o primeiro instante na batalha do Atlântico Sul, guarnecemos sob as maiores dificuldades a fronteira marítima do Nordeste, num momento perigoso e cheio de incertezas, e, desenvolvendo um esforço militar

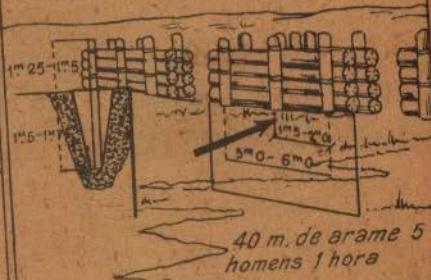
PUBLICADA PELA INSPETORIA GERAL DO ENSI-
ADAPTAÇÃO DO TEN. CEL. LIMA FIGUEIRÉDO

Obstáculo na orla de uma floresta

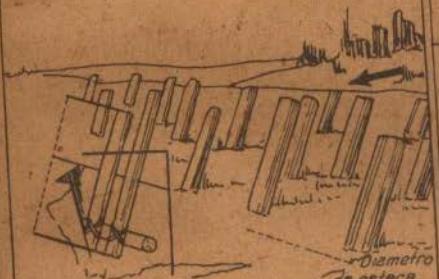


A palissadas aumentam a força do obstáculo.

Palisadas defensivas

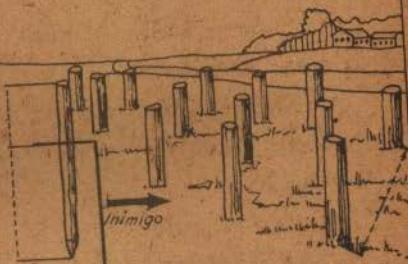


Estacada oblíqua



Para fincar 5 estacas são necessários 20 homens em uma hora

Estacada de madeira



São enterradas de 1m 5 a 2m 0 comprimento de 275 a 3m 0

Troncos decepados



inédito, criamos um força à qual está reservado um alto papel no equilíbrio continental.

Esta é uma honra histórica, em que se valoriza de forma especial o soldado máximo do Brasil — o marechal Luiz Alves de Lima. Basta atentarmos em que, se Caxias foi o grande mágico da ordem interna nacional, sufocando com vigor e habilidade os focos de rebeldia desagregadora, o seu gênio militar, a sua sagrada como cabo de guerra se fez em campanhas exteriores, sobretudo na guerra do Paraguai, a maior luta regular já disputada nesta parte da América, e na qual, como sabemos, o nosso general comandou e conduziu à vitória, em lances magistrais, os exércitos aliados de três diferentes nações.

Recordar, pois, Caxias nesta hora em que integramos os exércitos aliados, em luta contra os conquistadores nazistas, é reviver o exemplo das nossas mais altas tradições militares. Devemos pensar, além de tudo, que Caxias se bateu nos campos do Paraguai pelos mesmos princípios que hoje levaram os nossos soldados às terras ensanguentadas da Europa. Sob o seu comando, ao impulso do seu engenho guerreiro e da sua fibra de herói, os soldados brasileiros já lutaram naquele remoto passado contra uma tirania, contra os

designios dominadores de um ditador ambicioso, que falava a mesma linguagem de Hitler e criou, como este, uma máquina de guerra excepcionalmente poderosa, com a qual pretendia intimidar e, se necessário, esmagar. Tal como Hitler, operou invadindo território neutro, sem preocupar-se de atrair contra si outros inimigos, porque esperava derrotá-los todos rapidamente, aos golpes maciços do seu exército caprichosamente preparado.

E' bem velho o nazi-fascismo! E não variam os seus propósitos nem os seus métodos...

Mas também é sempre e cada vez maior a determinação dos povos que têm a vocação da liberdade.

Caxias guiou-nos um dia, na maior campanha da sua carreira de general, para o triunfo sobre uma organização tipicamente totalitária; o seu exemplo vive em nós, e sob pena de traí-lo, o Exército Brasileiro não poderia nunca transigir com as forças do ódio, da cobiça e da opressão.

Ainda no último 7 de setembro, quando as Forças Armadas nacionais realizaram o seu tradicional desfile para o povo, era como se estivessem anunciando, no rebrilhar de milhares de baionetas nuas, no tropel dos cavalos nervosos, no deslisar macio das colunas automoveis, no rolar atroante dos canhões e dos "tanques", que existem pelo Brasil e crescem com ele, para assegurar a perpetuação e a verdade do que simboliza o "Dia da Independência".



BIBLIOGRAFIA

DO MARECHAL DO EXÉRCITO "JOSE ANTONIO CORRÊA DA CÂMARA - 2.º Visconde de Pelotas - Patrono do Arsenal de Guerra "General Camara".

Publico, para conhecimento dos serventuários, em geral, do Estabelecimento e para que fique constando nos seus Arqu'vos a Bibliografia do Marechal do Exército JOSE' ANTONIO CORRÊA DA CÂMARA — 2.º Visconde de Pelotas e Patrono do A.G.G.C., conforme o Decreto Governamental N.º 6.097, de 15-VIII-1940 e mandado organizar por esta Direção.

Os presentes dados foram obtidos por gentileza dos Snrs. Professor Adalberto Pereira da Câmara e Ten. Cel. Reinaldo Pereira de Câmara, netos do Visconde de Pelotas.

S. Excia. o Snr. Marechal do Exército José Antônio Corrêa da Câmara, Patrono do Arsenal de Guerra General Câmara, constitue incontestavelmente uma das relíquias mais autênticas do nosso passado e por isso o Govêrno, por Decreto N.º 6.097 de 15 de Agôsto de 1940, deu o seu nome a este Estabelecimento de Indústria Militar, como um preito de veneração a esse extraordinário vulto que tanto honrou e elevou a classe a que pertencia e o nosso caro Brasil.

Nasceu o segundo Visconde de Pelotas na cidade de Pôrto Alegre, a 17 de fevereiro de 1824, era filho legítimo de José Antônio Fernandes de Lima e Dna. Flora Corrêa da Câmara, filha do general Patrício José Corrêa da Câmara, primeiro Visconde de Pelotas.

Adotou como sobre-nome o de sua genitora, sem dúvida, pela admiração que nutria pelo seu glorioso avô materno cujo nome quis perpetuar e o fez, elevando-o às culminâncias da glória de um modo brilhante e invejável.

Seu pai pertencia também a uma ilustre família rio-grandense com dois representantes militares distintos o Cel. Antônio Fernandes de Lima senão o principal um dos maiores heróis de 3 de outubro de 1867, em Parê-Cuê e o Gen. Rafael Fernandes de Lima, nome sobejamente conhecido.

mente conhecido por todos os que conhecem e interessam-se pela nossa história militar.

Neto do 1.º Visconde de Pelotas, glória militar provada nas lutas pela formação da nossa Pátria, cujos feitos eram exaltados constantemente na luta contra as incursões dos espanhóis, especialmente nas cercanias de Santa-Tecla e na extensa zona aquem e alem dos rios Negro, Ibicuí e Santa Maria, sob o comando do Brigadeiro Quintana que naquela região operava.

Oriundo de duas estirpes guerreiras, tendo em suas veias o sangue generoso e nobre de tão destacados vultos militares, é natural o seu pendor para a carreira das armas. Resoluto como os seus antepassados, ainda no alvorecer de sua adolescência, assentava praça no 3.º Regimento de Cavalaria Ligeira, partindo no primeiro dia para a campanha dos Farrapos, justamente na época em que a luta era mais intensa, assinalando desse modo, sua estréia nas armas batendo-se pela causa sadia da ordem e da unidade da Pátria, contava o cadete José Antônio nessa ocasião 15 anos, apenas, de idade.

Nos últimos meses de 1839 tomou parte em tiroteios e escaramuças mas no decorrer do ano de 1840 entrou em ação, tomando parte saliente em diversos combates.

Tendo o Barão de Caxias reorganizado o Exército em operações na província, passou o alferes Corrêa da Câmara, com seu Regimento, a fazer parte da oitava Brigada da primeira Divisão.

Em maio do mesmo ano, em virtude de requisição do Cel. Bento Manoel Ribeiro, passou à disposição desse General que o nomeou para o cargo de Comissário de sua Divisão; no exercício dessas funções tomou parte no combate de Ponche-Verde e acompanhou a marcha que aquele General empreendeu pelos municípios Missioneiros, acossando dia e noite a coluna do vigilante e bravo David Canabarro.

Regressando a Divisão a Alegrete, foi dispensado daquele cargo recolhendo-se ao seu Regimento.

Em 1844 foi novamente requisitado pelo Snr. General Bento Manoel, a quem apresentou-se a 14 de abril e ficou servindo em seu Quartel General até 2 de junho do mesmo ano, mês em que tendo ficado doente foi a Alegrete, onde lhe foram concedidos dois meses de licença para o seu tratamento; como em novembro ainda continuasse doente, obteve nova licença.

Em princípio de 1845 apresentou-se pronto para o serviço, sendo nomeado a 20 de março desse mesmo ano, pelo Barão de Caxias, para servir como subalterno no piquete que devia acompanhar o Imperador em sua viagem pela Província.

No desempenho dessa comissão manteve-se desde novembro da-

quele ano até fevereiro de 1846, quando S. Majestade regressou ao Rio de Janeiro.

Por carta Imperial de 2 de dezembro de 1845, foi agraciado com o hábito da Rosa e por Decreto de 30 de setembro de 1846, foi promovido a Tenente para o 2.º Regimento de Cavalaria Ligeira, então sob o comando do bravo Ten. Cel. Manoel Luiz Osório; recolheu-se logo ao seu novo Regimento, acampado no Piraí.

Por Decreto de 20 de maio de 1850 foi promovido a Capitão, com antiguidade de 7 de setembro de 1847, sendo mandado servir no 4.º Regimento de Cavalaria.

Tendo contraído matrimônio a 2 de julho de 1851, com a senhora D. Maria Rita Fernandes Pinheiro, filha do Visconde de S. Leopoldo, um mês após deixava o aconchego do lar, para cumprir o sagrado dever militar, marchando com o seu Regimento de S. Gabriel para Santana do Livramento, onde se operava a concentração do Exército que, às ordens do valoroso Marquês de Caxias devia invadir o Estado Oriental, para livrá-lo da prepotência de Manoel Oribe, em virtude do convênio celebrado em 29 de maio do referido ano.

Em 28 de agosto, Caxias publica sua ordem do dia n.º 15, organizando o Exército que ia entrar em operações; o 4.º Regimento de Cavalaria, no qual servia o Capitão Corrêa da Câmara, passou a fazer parte da terceira Divisão, cujo comando foi confiado ao Gen. José Fernandes dos Santos Pereira; essa Divisão por ser a mais forte e melhor organizada foi encarregada de cobrir a extensa linha da nossa fronteira, ameaçada constantemente por consideráveis fôrças inimigas.

Com a capitulação de Oribe em Cerrito, ao saber que o Exército Brasileiro se aproximava e com a derrota de Rosas em Monte Cáceres, terminaram as campanhas do Uruguai e Argentina, sem que fosse necessário a terceira Divisão, entrar em combate, prestando, entretanto, inestimáveis serviços na missão que lhe fôra confiada: guardar nossas fronteiras executando marchas e contra-marchas no território uruguai. Por Decreto de 19 de junho de 1852, passou a agregado à arma de Cavalaria. Reverteu ao serviço ativo em 31 de maio de 1854, sendo classificado no terceiro esquadrão do terceiro Regimento de Cavalaria.

Em agosto desse mesmo ano embarcou para Montevidéu, por ter sido nomeado encarregado do depósito de guerra, ali existente.

Em novembro, ainda dêsse mesmo ano, voltou a Pôrto Alegre, por ter sido, a pedido, dispensado da comissão em referência, assumido em dezembro deste mesmo ano a fiscalização do 5.º Regimento de Cavalaria. Efetuou matrícula em fevereiro dêsse mesmo ano no 1.º ano do curso superior, onde foi aprovado plenamente. Em 1857 completou o segundo ano da Escola Militar, obtendo as melhores notas.

Em fins de 1858 deixou Pôrto Alegre, seguindo para Ibicuí, para reunir-se ao corpo de Exército que, sob as ordens do Gen. Francisco Felix da Fonseca Pereira Pinto, encontrava-se na fronteira, em vista dos embargos opostos pelo Governo Paraguai à conclusão de tratados que firmára com o Governo Brasileiro. Chegou à Barra do Ibicuí a 3 de fevereiro assumindo a fiscalização do 4.º Regimento de Cavalaria ali em operações.

A 20 desse mesmo mês foi nomeado assistente do depósito do Quartel Mestre General, junto à segunda Brigada de Cavalaria, sob o comando do então Cel. José Luiz Mena Barreto.

A 18 de abril pediu e obteve exoneração dessas funções e aceitando o convite que lhe fizéra o Cel. José Luiz, para servir como seu secretário no comando da guarnição e fronteira de S. Borja, para ali seguiu em companhia desse Cel. assumindo logo, as suas funções. Ali ficou até 21 de novembro, quando por motivo de moléstia obteve licença. No decorrer dos anos de 1859 e 1860 poucas alterações teve na sua vida militar. Por decreto de 27 de fevereiro de 1861 foi transferido para a segunda classe do Exército por motivo de moléstia, ficando agregado à arma de Cavalaria.

Por ter cessado o motivo de sua agregação, a 13 de março de 1861 foi nomeado ajudante da Escola Militar Auxiliar da Província do Rio Grande do Sul, o que se vê na ordem do dia n.º 247 do Snr. Ajudante General, daquele mesmo dia e ano.

Por Decreto de 16 de abril, com diploma de 22 do mesmo mês foi agraciado com o Hábito de S. Bento de Aviz.

Em 30 de setembro de 1862 embarcou para o Rio de Janeiro, por ordem do Ministro da Guerra, para ser inspecionado de saúde pela Junta Superior tendo, na inspeção a que foi submetido, sido julgado incapaz para o serviço militar, por sofrer de "Hipertrofia do Coração" incurável.

Regressando ao Rio Grande do Sul, recolheu-se ao aconchego carinhoso e amigo do lar. Assim viveu alguns meses, até que foi surpreendido pelo Decreto Imperial de 6 de dezembro pelo qual foi mandado reverter ao serviço ativo do Exército, sendo classificado no 1.º Esquadrão do 2.º Regimento de Cavalaria, onde se apresentou pouco tempo após a publicação do Decreto acima referido.

Por Decreto n.º 3.187 de 18 de setembro de 1863, foi nomeado Secretário da Escola Preparatória da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, cargo em que muito pouco tempo permaneceu, pois os seus préstimos foram reclamados ao serviço da tropa.

Ainda no mesmo ano, por Decreto de 5 de dezembro, foi promovido a Major por merecimento, sendo classificado no 2.º Regimento de

Cavalaria, motivo pelo qual foi exonerado do cargo que ocupava na Escola referida.

Esse Regimento estava naquela época, aquartelado em Alegrete, ali se apresentou em 20 de fevereiro de 1864, assumindo logo a sua fiscalização.

A campanha contra o Estado Oriental, alcança na flôr da idade o jovem Major José Antônio Corrêa da Câmara. E' aí que ele pisa a arena de seus triunfos.

Em 12 de outubro de 1864, tropas brasileiras invadem o Uruguai para garantir os interesses brasileiros e fazer represálias, começando em dezembro as operações contra Paissandú.

Tamandaré manda desembarcar para reforçar as tropas do General Venâncio Flôres, 400 homens, uma bateria de artilharia, uma estativa de foguetes e mais três peças de artilharia, entregando o comando dêssa fôrça ao Major Corrêa da Câmara, do 2.º Regimento de Cavalaria, agente de ligação do Gen. Mena Barreto, que vchegára ao campo dos sitiadores.

A 31 de dezembro as forças brasileiras desencadêam o ataque a Paissandú e a 2 de janeiro a praça era tomada. Câmara apesar de ser oficial de Cavalaria, participa desse assalto, comandando uma fôrça de Infantaria.

A intrepidez revelada no combate, a serenidade com que agiu, constituíram prova suficiente para convencer, de que seria capaz de grandes feitos, podendo a Pátria contar nele um servidor devotado, sempre pronto ao sacrifício em pról de sua soberania e integridade, Reconhecendo os seus inestimáveis serviços o Govêrno mais uma vez o agracia e promove-o ao pôsto de Tenente Coronel.

Ainda bem não havia reposado das canceiras dessa luta e a Pátria mais uma vez reclama os seus serviços. Rompe a Guerra do Paraguai. Sua ação começa na rendição de Uruguaiana, onde esteve presente, como delegado do Quartel Mestre Genral.

No combate de Tuiuti, na tomada e ocupação de Curuzú, no ataque a Curupaití, no ataque às posições inimigas de Tuiucuê, o jovem guerreiro portou-se sempre com a serenidade e bravura costumeira, nada desmerecendo no conceito de seus camaradas e chefes. Em 18 de fevereiro de 1867, foi promovido ao pôsto de Coronel, por atos de bravura. Tendo o Cel. Fonseca Costa, Chefe do Estado-Maior de Caxias, em 10 de outubro de 1867, partido para o Rio de Janeiro, assumiu êssas funções o Cel. Corrêa da Câmara. No intuito de melhor aproveitar a sua capacidade de Chefe Militar, Caxias nomeia-o em 27 de janeiro de 1868, Comandante da 5.ª Divisão de Cavalaria, que recebe ordem de marchar contra Passo-Pocú depois contra Espenilho.

Vai ferir-se o combate sob forte aguaceiro; o vigor do ataque faz retroceder o inimigo, que vendo ameaçada a sua esquadra, manda a toda a pressa, parte de suas reservas, conseguindo flanquear o 9.^º e o 15.^º batalhões que formavam a direita da linha de ataque brasileira; a esta manobra responde o Cel. Vanderlei, fazendo avançar o 3.^º e o 14.^º batalhões de Infantaria que, chegaram a flanquear as tropas que vinham em auxílio do inimigo repelindo-as; a luta teria terminado ali, se no meio de violento temporal, os nossos batalhões surpreendidos pela cavalaria paraguaia, antes de poder formar quadrado, não tivessem sido envolvidos. Vendo a confusão em nossas linhas o inimigo ataca com violência, sua cavalaria precipita-se sobre o 9.^º batalhão que, sem poder abrir fogo por causa da chuva, repele a carga à baioneta, perdendo nessa ocasião, o seu comandante, muitos oficiais e soldados.

Percebendo o risco que corria a terceira Brigada, Osório ordena à Câmara, já do outro lado do Avaí, que carregue sobre o adversário para aliviar a Infantaria engajada, enquanto ele ativava a passagem do resto da Infantaria. O Cel. Câmara dispõe de sua Divisão por coluna de brigada dando a voz de avançar, carrega com toda a violência sobre o flanco direito do inimigo, tomando-lhe cinco bocas de fogo que o protegiam por esse lado, fazendo-o recuar muito. Vendo-se o Chefe Paraguaio acometido por tão pouca força e querendo desembaraçar-se da Cavalaria de Câmara, lança sobre ela seus esquadrões de reserva e grande parte de sua infantaria.

O bravo Cel. Câmara não se intimida com o perigo, arroja-se novamente sobre os esquadrões paraguaios e, de espada em punho à frente de seus lanceiros repele-os, mas acometido por forças superiores empreendeu a retirada, disputando o terreno palmo a palmo.

A cavalaria inimiga não cessava o fogo sobre a terceira brigada, causando sérias perdas; a cavalaria de Cabalero, chefe paraguaio, carregava em massa e com maior vigor sobre os nossos bravos soldados que, cediam terreno mas em ordem, apesar das repetidas cargas do inimigo.

Caxias manda que Osório atire o resto da infantaria contra o centro e a esquerda do inimigo enquanto ele, lança, o segundo Corpo contra a direita, conservando o 1.^º Corpo como reserva. O terceiro Corpo atravessa a margem esquerda do Avaí; acossado pela cavalaria paraguaia decem pela colina os batalhões da terceira Brigada; Osório dirige-se a galope para a colina e arroja-se com eles sobre o centro da linha inimiga, mandando-os carregar; a infantaria brasileira apesar das perdas já sofridas e do temporal que a açoitava, avança resolutamente forçando a passagem do desfiladeiro; o inimigo metralha incessantemente, mas não os consegue deter e os brasileiros transpõem a posição a baioneta e sempre debaixo de cerrado fogo, chegam ao

centro da colina. Vendo Cabalero, chefe paraguaio, que a infantaria de Osório não estava protegida, manda suas forças carregarem conseguindo detê-la. Atacada de frente e pelos flancos, a terceira Brigada recua, deixando grande número de mortos e feridos no declive da colina. Nessa ocasião foi Osório ferido.

Tendo ciência do ferimento de Osório, passa Caxias a dirigir só o combate. Lança para a frente as Divisões de Infantaria dos 2.º e 3.º Corpos engajando esta última pelo flanco esquerdo; a Infantaria e a Artilharia, transpondo o arrôio sobem a colina. A Artilharia paraguaia recebe as forças de Caxias com repetidas cargas, sendo o ataque impetuoso de ambas as partes ilustrando-se ambos os exércitos pelos mais belos feitos de armas. Mena Barreto lança-se com a quinta Divisão contra o flanco direito adverso. Finalmente os brasileiros ocupam a colina, apossando-se de quasi todos os canhões do inimigo, que recua encosta abaixo.

Caxias manda então que a quinta Divisão de Cavalaria ataque; Corrêa da Câmara remete para a frente seus cavaleiros; saem-lhe ao encontro pelos flancos, esquadrões inimigos que ele enfrenta, dividindo-se em dois grupos, um dos quais volve a direita e o outro a esquerda, trava-se o combate e os cavaleiros paraguaios são repelidos com perdas consideráveis.

Nesse momento a Cavalaria brasileira opera um movimento envolvente, caindo Triunfo com suas Divisões, sobre o flanco direito do último reduto paraguaio e acometendo João Manoel o flanco esquerdo.

Percebendo de longe que as duas asas das tenazes iam se fechar sobre o adversário, Caxias pede um supremo esforço aos seus infantes e aos cavaleiros de Câmara, atirando-os novamente para diante.

O grosso do 1.º Corpo, que era reserva, avança também pelo flanco direito para apoiar a Divisão de João Manoel a envolver o flanco esquerdo do inimigo. Os paraguaios tentam romper o círculo, mas uma muralha de baionetas os detém. Ao verem-se nesta situação começam a fugir, Cabalero ferido no braço, também procura na fuga a salvação; a nossa Cavalaria persegue-o sem descanso e o combate termina com o triunfo absoluto das armas brasileiras.

Todos os chefes brasileiros brilharam no combate de Avaí, mas a ação do Cel. Corrêa da Câmara foi tão impressionante que Caxias ao vê-lo regressar às linhas brasileiras diz-lhe: "General louvo-o pelas suas brilhantes cargas".

E foi assim que o Cel. José Antônio Corrêa da Câmara, conquistou os bordados de General do Glorioso Exército Brasileiro aos 44 anos de idade.

Quando o Exército segue em direção a Vileta, Corrêa da Câmara

faz a retaguarda, recebendo ordem de observar os movimentos do inimigo em Augustura. Cedendo à pressão de João Manoel, os paraguaios dirigem-se para Angustura mas Câmara corta-lhes a retirada.

Ao afastar-se Caxias do Comando do Exército em operações, o seguinte, referindo-se a Corrêa da Câmara:

“A perícia, inteligente, sangue frio e interpidez com que na baía de 11 de Dezembro próximo passado, manobrou o Cel. José Antônio Corrêa da Câmara, com a quinta Divisão de Cavalaria sob seu Comando, concorrendo diretamente para que não fossem totalmente aniquilados os três batalhões de Infantaria do 3.º Corpo de Exército que haviam sido os primeiros e únicos que avançaram, tornam esse oficial superior digno dos maiores elogios que com satisfação lhe é bento, tendo já recomendado o seu nome ao governo Imperial”.

Ao assumir o comando do Exército S.A.I. o Sr. Conde D'Iberville de suas primeiras providências foi confiar ao General Câmara a agora comandante da segunda Divisão de Cavalaria a chefia das operações contra Galeno; neste propósito, determina ao General Polidoro, sob cujo comando passa Câmara a servir, que o ponha a testa das forças existentes em Rosário, reforçadas com elementos de Infantaria, Cavalaria e Artilharia afim de bater 1.200 homens em Sargento Lomas. Vencendo as maiores dificuldades, Câmara atinge o povoado Iponá, 8 leguas de Sargento Lomas, rumando logo após para a cidade de S. Pedro.

Após penosa marcha em que, infantes e cavaleiros topavam cada momento com inúmeros obstáculos, avistaram as casas branqueadas de S. Pedro ao cair da tarde. Não se fez esperar muito a ordem de ataque, porque Câmara não era de vacilações. Possuia entre muitas qualidades que o faziam um grande chefe, a celeridade dos movimentos, a rapidez e decisão dos golpes.

O combate travou-se em toda a linha e o General Câmara afam de interessar-se pelo desenlace do combate e pela sorte de seu comandados animava-os sempre com a sua presença, percorrendo com seu estado maior, onde brilhavam José Simeão e José Cristino, constantemente as linhas de batalha.

De S. Pedro segue em direção a Sargento Lomas, chegando à povoação de Tupiritá; aí tem informações de que o inimigo se acha em Tupi-hum; rumo para esse local e ao aproximar-se avista o caramante do Major Galeano e suas forças estendidas em linha de batalha.

Rompe o ataque; suas forças vão se aproximando até a distância de carga comprimindo o inimigo de encontro ao rio Aguarahi-guassu, onde o derrota fragorosamente.

Alcançada mais esta vitória, toda dirigida pessoalmente por Câmara, segue-se o ataque a Pirabebui. Ainda aqui a missão distribui

a Câmara é das mais importantes e ele a executa com a precisão e rapidez.

Outro grande feito de armas do glorioso General, foi sem dúvida a batalha de Campo-Grande, pois mereceu de Sua Magestade o Conde D'Eu a seguinte recomendação ao Sr. Gen. Vitorino Monteiro: "Encareça ao Gen. Câmara a imensa importância que representa para nós, apoderar-se dessa presa e o serviço incomparável que prestaria à Pátria se o conseguisse".

E a vitória solicitada foi conseguida, graças à bravura e audácia do General Câmara.

Após tais sucessos, batido o inimigo em toda a parte, entre a campanha na fase difícil e complexa da perseguição, em país selvagem e desconhecido, onde terreno, comunicações e provisões eram precaríssimos.

Sabia que Lopes se homisiara na região nordeste do país; porém onde e por que rumos? Só uma causa interessava o grande brasileiro que era impedir a fuga de Lopez para um país neutro. Porém como e quando? Que nos responda Câmara, o realizador do impossível. A fase final da luta ele a define num expressivo modismo gaucho "a guerra que temos de fazer agora, é uma guerra de pernas". Isto é, guerra de sondagem, de ásperas cavalgadas de vai-vens, de tenacidade, de dificuldades e incertezas.

Para levá-la avante, que plano deveria ser adotado? Simples e objetivo: dentre as providências tomadas pelo Conde D'Eu para a perseguição de Lopez, uma delas era enviar um destacamento para Conceição sob o comando de Câmara, para assistir à zona norte de Xejui.

A 16 de Outubro chega o General Câmara a Conceição; manda fazer uma exploração pelas imediações; depois segue com seu destacamento para Belem-Cué, onde desbarata uma força inimiga comandada por Cante. Daqui por diante Câmara procura tudo dominar.

As providências são tomadas com firmeza, nada escapando a penetração do seu espírito; emprega todos os meios, para tornar-se senhor da situação afim de poder agir com segurança e êxito.

Todas as providências de Câmara convergem em saber o paradeiro de Lopez para medir-se com ele. Sabendo que o Cel. Romero, à frente de numerosa força, procurava bater o Destacamento que se ocupava na reunião de gado, Câmara marcha, contra ele destroçando-o.

Outro inimigo que o importunava era o Cel. Canéte, contra quem lança o Major Martins, que após rápido combate, consegue prendê-lo com mais 29 praças em Ipaneguassú. Desembaraçado o campo de todos os obstáculos que podiam dificultar a sua ação, resolve Câmara entrar em contacto com a vanguarda de Lopez, que sabe achar-se na Região do Rio Verde.

Para alcançar Panadero, era preciso destruir as fortificações de Rio Verde e Cambacibá.

Em 1.º de Janeiro de 1870, Câmara aproxima-se de Rio Verde, prepara o ataque e arremete contra o inimigo em carga violenta; os efeitos não se fizeram esperar; a força de Câmara transpõe os abatis, o fôsso e o parapeito, fugindo a guarnição do forte pelo mato. A fortificação de Cambacibá não ofereceu grande resistência; pequena força foi bastante para destruí-la, prisioneiros ali feitos, informaram que Panadero estava abandonada.

Agora Câmara vai contra-marchar para dar combate ao destacamento do Cel. Genes; encontra-o em Lamaruguá onde o ataca desbaratando-o. E assim de vitória em vitória o Gen. Câmara vai desobstruindo o caminho e conquistando terreno, para chegar à última fase da campanha.

Informado de que Lopez se achava em Cerro-Corá rumava para essa localidade para dar-lhe combate. A 28 de fevereiro chega ao arrôio Guassú e dispõe a força para a marcha de aproximação sobre Aquidaban. De surpresa fêre-se a ação e transposto o passo desse rio, a cavalaria lança-se à carga, surpreendendo a Lopez, no acampamento, quando apenas tem tempo de montar. Há um choque rápido, no qual Lopez é ferido e foge pelo mato até Aquidabanigu. Chega Câmara ao local do combate, sabendo que Lopez escapara; vai-lhe escoteiro ao encalço, seguido de algumas praças. Um pouco alem encontra o ditador tentando, ajudado por dois oficiais, galgar a barranca oposta do arrôio, que transpusera a pé, ferido e meio reclinado está sobre a barranca, ainda empunhando a espada.

Chega-lhe perto o Visconde de Pelotas e dizendo-lhe quem era intima-o a render-se, oferecendo-lhe em nome do Govêrno de S. Majestade, garantias de vida. Responde-lhe o ditador que não se entregava, que morria pela sua pátria; tenta golpear o chefe brasileiro, no que é secundado por um dos oficiais que o acompanhavam, que eram dois filhos seus. Esse oficial foi logo morto e o outro tenta fugir, para embrenhar-se no mato, mas teve a sorte do primeiro.

Mais uma vez intima o generoso e nobre chefe brasileiro, ao ditador que se renda; nova resposta de Lopez quasi nos termos da primeira. Ordena então o Visconde de Pelotas que o preso seja desarmado; um soldado, conhecido por alcunha de Chico-Diabo, pega o punho do ditador esforçando-se por tirar-lhe a espada, este continua reagindo-sendo então lanceado e, na posição falsa em que se achava, perde o equilíbrio e caindo no rio desaparece sob as águas para sempre.

Assim num epílogo rápido, findou essa guerra, na qual o Brasil obteve com a Vitória a mais plena desafronta aos ultrages que sofrera e as mais belas tradições guerreiras americanas.

Sua A. o Conde D'Eu ao dar conhecimento ao Exército, desse grande feito de armas, assim expressou-se no final de sua eloquente ordem do dia: "Ao General José Antônio Corrêa da Câmara, Visconde de Pelotas, coube a glória de conquistar o último acampamento inimigo e alcançar o próprio ditador Lopez em sua fuga, vendo-o expirar com seus filhos e válidos renitentes na resistência".

Vencida a guerra é o General Câmara promovido a Marechal de Campo em 18 de Março de 1870 e agraciado com o título de Visconde de Pelotas.

Em 19 de Dezembro de 1877 foi graduado no posto de Ten. General, sendo efetivado em 30 de Janeiro de 1890.

Foi consecutivamente Inspetor de Corpos em 1871, Conselheiro da Guerra até 27 de Junho de 1877, Senador até 31 de Março de 1880, Ministro da Guerra de 5 de Abril de 1880 a 15 de Maio de 1881, Governador do Rio Grande do Sul de 1889 a 1892, dignatário da Ordem do Cruzeiro, Comendador da Ordem de S. Bento de Aviz, Oficial da Imperial Ordem da Rosa e finalmente condecorado com as medalhas que distinguiam atos de bravura nas operações de guerra.

Faleceu este ilustre vulto do nosso passado histórico a 19 de Agosto de 1893 cercado dos carinhos de sua Exma. Família e do respeito e veneração de todos os brasileiros, no prédio em que nasceu e que ainda pertence à sua Exma. Família, sito à rua Duque de Caxias n. 968 em Pôrto Alegre.



NÃO obstante todas as dificuldades causadas pela guerra, a Anglo-Mexican mantém as suas filiais e agências para a venda dos produtos SHELL de Norte ao Sul do país, cooperando e tudo fazendo no sentido de bem servir ao Governo e as indústrias nacionais.

ANGLO - MEXICAN PETROLEUM CO. LTD.

PRACA 15 DE NOVEMBRO, 10 - RIO DE JANEIRO - RUA DR. FALCÃO FILHO, 58-5.º - SÃO PAULO

Mascotes



Não garantem...

Há quem acredite em mascotes. Mas é preciso construir o futuro sobre bases mais sólidas. É por isso que o Sr. já deve ter pensado no seguro de vida, garantia de tranquilidade futura para o Sr. e para os seus. O Agente da Sul América mostrar-lhe-á, sem compromisso, qual o plano de seguro que melhor se adapta ao seu caso particular.



Sul America

Cia. Nacional de Seguros de Vida
Fundada em 1895

J.W.T.

A ARTE FLORAL

JORGE HEUSELER
(Brasileiro)

Recebe diariamente as mais lindas e variadas flores das culturas de

PETRÓPOLIS E BARBACENA

Especialidade em "Bouquets" de noiva, cestas, coroas e decorações para banquetes e casamentos.

Rua Gonçalves Dias, 17

Telefones: 22-8260-22-3901

RIO DE JANEIRO

Bar-Restaurante

SANTOS DUMONT

Casa de Comestíveis -- Aceita-se encomendas para festas

Rua Visconde de Pirajá, 499-A

TELEFONE 27-1289

I PANEMA

A CAVALARIA MODERNA

405

III

Grandes Unidades Couraçadas

Pelo Ten.-Cel. Arthur Carnaúba

Creio que, depois do que disse em meu artigo “*A CAVALARIA MODERNA*”, publicado na “*A Defesa Nacional*”, de Julho, nenhuma dúvida pôde restar a respeito do fato capital de que as grandes Unidades Moto-Mecanizadas, em particular as Divisões, devem pertencer à Arma de Cavalaria.

Ninguém de bom senso poderá destruir a minha asserção, baseada na argumentação já exposta nos meus artigos anteriores.

Não é minha intenção travar polêmica em assunto tão delicado.

Proponho-me apenas a fazer uma propaganda de certas idéias que se relacionam com a moderna concepção de emprêgo da minha arma.

Quero contribuir, tão somente, com o meu modesto esforço, no sentido de acelerar uma evolução que se processará fatalmente, queiram ou não os homens.

Da fase de transição — caracterizada pela aliança do cavalo e do motor — chegaremos à fase decisiva do emprêgo das grandes *massas couraçadas*, já atingida por outros exércitos mais adiantados, embora se pretenda considerar essas grandes unidades blindadas como pertencendo a uma arma especial, que acaba de surgir com a guerra atual. Ora, como já disse, *não há nenhuma arma nova*.

E' a velha arma que evolue, transformando-se, graças ao emprêgo de novos meios de luta. E' claro que não poderíamos combater no século XX como na Edade Média.

Nesse caso, a infantaria moderna — que utiliza desde o fuzil ordinário até ao canhão de 105 — não devia mais chamar-se infantaria!...

E' evidente!...

Qualquer grande unidade couraçada deve, em boa lógica, ser considerada como parte integrante da cavalaria.

E', essa, a idéia que defendo com entusiasmo.

E tenho certeza que estou com a bôa causa!...

Pelo menos... as minhas idéias estão à altura do meu século!

Recife, 24-4-44.

CONFEITARIA COLOMBO



SAÚDA os bravos soldados da Força Expedicionaria Brasileira, no segundo aniversario da entrada do Brasil na guerra e precisamente no momento em que iniciam ação no campo de batalha.

Brevemente a CONFEITARIA COLOMBO inaugurará sua filial de Copacabana, à Avenida N. S. de Copacabana, esquina de Barão de Ipanema.

COMBATE À NOITE

Artigo do Ten. **Vace Muyden**, editado pela
"Revue Militare Suisse", de Fev. de 1942, e
reproduzido na "Military Review" de Julho
de 1942 pela Escola de Estado Maior.

TRADUÇÃO DO TEN. CEL. **VASCONCELOS**

I — IMPORTANCIA

Em caso de guerra a superioridade de um adversário no ar, ainda que suas atividades sejam menos efetivas devido aos naturais obstáculos encontrados no nosso país, permite estorvar consideravelmente os movimentos de tropas durante o dia. Seremos, então, forçados a realizar os importantes deslocamentos de tropa à noite. Além disso, é bem sabido que nossa falta de tanques nos impedirá de manter a iniciativa em terreno descoberto durante o dia. Neste particular, ainda, a superioridade inimiga em equipamentos perturbará nossos movimentos.

Teríamos, não obstante, uma indispensável vantagem: a familiaridade com nosso próprio terreno.

Mas, se o inimigo estiver melhor armado do que nós e fôr mais experimentado na guerra, nossa vantagem prevalecerá sómente à noite. De noite, com efeito, a melhor carta e as mais completas informações não podem substituir o semi-instinto adquirido com o terreno, que é fruto da experiência. Isto é muito evidente e verdadeiro, mas frequentemente não se lhe atribue a importância que merece.

Um profundo conhecimento dos métodos de combate à noite torna-se portanto indispensável. Assim, seria proveitoso realizar deslocamentos à noite com o mínimo de baixas; procurar golpear as cadeias de suprimentos do inimigo, desorga-

nizar suas linhas de comunicações, liberar os elementos de defesa que tenham sido aprisionados pelo inimigo, aniquilar os elementos inimigos — especialmente tanques — que houverem penetrado nossas defezas durante o dia, remover demolições, etc. Sernos-ia tambem útil procurar afetar a moral do inimigo, embora aparentemente sem resultados imediatos.

Não haverá nada mais deprimente para o físico do soldado fatigado das lutas diurnas do que manter seu sono constantemente interrompido.

Uma opinião alemã sobre o combate à noite em certos casos

“Significa pêrda de tempo, deixar cair quasi completamente a escuridão sem que hajam sido expedidas as ordens relativas a instalação da segurança, do mesmo modo que seria absolutamente imperdoável deixar de garantir o resto das tropas que dormem confiantes em nós”.

Se a França tivesse contra-atacado com a energia propria da desesperação e do desejo de quebrar nossas linhas, todos os sucessos e sacrifícios de hoje, teriam sido em vão. E' que, na remetido, apenas opusemos uma barreira com tanques nas estradas principais enquanto o pequeno grupo remanescente do destacamento reposava expondo-se a morte... (Jungenfeld: Bo Kämpften Panzer, Belgica de 1940).

II — CARACTERISTICOS

Nas questões de natureza militar, como em outros assuntos, é perigoso estabelecer regras gerais. Devem se considerar apenas os casos particulares. Contudo, é possivel dizer que a obscuridade torna muito difícil e onerosa uma ação ofensiva em larga escala, especialmente quando o assaltante não está habituado com o terreno e os defensores tiveram tempo de organizar suas defezas, que será o nosso caso. Essa circunstancia priva o atacante de 2 de seus valiosos recursos. De um lado, torna o emprego de tanques quasi impossivel devido a falta de visibilidade. De outro, torna a intervenção da “ar-

tilharia do ar" (aviação de assalto e bombardeio de mergulho) muito difícil e perigosa. Os ataques modernos assim, perdem sua maior força. Quanto a artilharia, não pode ser usada, salvo nos tiros preparados; a pouca visibilidade tornaria muito aleatórias todas as tentativas de ajustagem do tiro à noite. A zona de tiro (regiões de intervenção) porem é ainda possível identificar porque as bombas da aviação podem produzir clarões ou as bombas incendiárias podem ser utilizadas para iluminar o objetivo. Seja como fôr, esses como outros tantos artifícios para auxiliar à Infantaria, são de pouca eficiência a menos que o ultimo dos processos indicados seja reservado a um objetivo facilmente visível do ar e que possa ser usado como ponto de referência.

Daí, os ataques da Infantaria, não poderem contar à noite com outro apoio que não seja o de suas próprias armas, (cañão de I., localizador de minas etc.) e portanto, a curta distância.

Sua progressão fica muito dificultada pela circunstância de que a ligação pela vista, indispensável para a coordenação dos esforços, não é exequível no escuro.

Daí, a Infantaria ter que atacar, com o mesmo armamento que possuir o adversário, que mantem a vantagem de já conhecer o terreno e ter tido oportunidade de organizar sua defesa. O inimigo, ao revez, tem a desvantagem de ser obrigado a mudar de posição para avançar.

Depois que escurece, os postos de tiro são guarnecidos para a espreita: os homens devem ser habeis em "saber ver com sus próprios olhos". Esta situação é mais uma vantagem para o defensor que permanece no mesmo lugar.

Passemos a examinar a situação com relação aos defensores. A noite reduz consideravelmente a eficiência das trategórias das armas tensas, que por definição, devem atirar apenas sobre aquilo que pôde ser visto e, consequentemente, perdem em grande parte sua utilidade. Na Infantaria, as armas que conservam intato seu valor durante a noite são as armas curtas, os lança chamas e as granadas.

Essas últimas, com o raio de ação relativamente estenso, proporcionam meios de pôr "fora de combate" o adversário sem ser precisovê-lo, basta pressenti-lo. Comparados com o fuzil e o lança chamas, as granadas oferecem a vantagem de não revelar a posição de tiro.

À noite o terreno se transforma, ocultando-se no véu da escuridão, que restringe grandemente as possibilidades de avanço da Infantaria e torna impossíveis as facilidades de surpresa por meio de progressões em silêncio, salvo com pequenas unidades. O valor dos obstáculos artificiais fica muito restrito porque podem ser cortados, atravessados por baixo ou destruidos desde que sejam guardados de muito perto.

A obscuridade produz também um importante efeito psicológico: isolar os homens de seus vizinhos, equivale a colocá-los "sobre o domínio de si mesmos", dar-lhes a sensação de solidão que estimula a imaginação, mas que é cruel supor mesmo sabendo que a 10 jardasadeante existe um camarada.

O homem resistirá bem, particularmente si estiver desocupado, como no caso da situação defensiva. É frequente, em exercícios à noite, verificar-se um falso alarme pelo fato de que os sentinelas nervosos não distinguiram bem uma vaca de um vulto qualquer, surgido do lado inimigo.

Todas essas circunstâncias tendem a diminuir a invulnerabilidade da defesa que em dado ponto e à noite pôde exigir uma força maior para deter o inimigo do que durante o dia. Em vez de vasculhar o terreno com o fogo, essa circunstância levará o defensor a executá-lo com efetividade; o que nem sempre é possível porque o homem carece de repouso. Daí um expediente: — apenas os pontos mais importantes serão ocupados, deixando-se os restantes à vigilância de patrulhas.

Alem disso, a escuridão acarreta confusões, tornando-se penoso distinguir os amigos dos inimigos. Admite-se que uma pequena unidade, pode conservar-se constantemente em ordem, evitando equívocos, conseguindo vantagem, evitando um grupo inimigo numeroso. (Por exemplo, durante a "ar-Filadeza, patrulhas finlandezas do valor de "1 gr.

guiram superioridade sobre companhias inteiras russas). No entanto, si as tropas de ataque permanecerem reunidas, e criada a confusão, o combate degenerar em um furioso encontro corpo a corpo, a luta assume para ambos os lados caráter homicida.

Concluindo, durante a noite desde que atacantes e defensores não se empreguem em formações concentradas, terão obtido as condições ideais para operações ofensivas contra objetivos limitados, assumindo o ataque o tipo clássico de surpresa com meios reduzidos.

O combate noturno será, talvez, o único meio de conservar a iniciativa em face do superior equipamento inimigo, cujo emprego deixaria em situação desvantajosa durante o dia os defensores.

III — GENERALIDADES

O combate à noite não pode ser improvisado. Ele deve não somente ser aprendido, como também constantemente exercitado. Suas características são tais que requer um longo e meticoloso treinamento. A escuridão é uma arma de 2 gumes, a bem dizer, mas em terreno comum, pode tornar-se um meio mais útil para quem melhor souber utilizá-la; no entanto seus benefícios podem tornar-se desfavoráveis para quem não souber aproveitá-la.

E' óbvio que nem todos os homens são igualmente aptos a este gênero de trabalho e, neste caso, do mesmo modo que os das fileiras combatentes, os especialistas devem ser utilizados para desencadear ataques de surpresa, etc. Mas, de qualquer forma, é indispensável que todos conheçam o combate à noite e estejam treinados para executá-lo.

Não é muito frequente aliás, haver um exercício noturno em cada período de instrução; alguma causa parecida se executa em exercícios finais de tiro. Estes consistiriam, no mínimo, em uma lição prática por semana, além dos exercícios normais, os instruções.

Para que fosse realmente completa, conviria exercitar-se o combate a noite, conduzido sob as 2 formas seguintes :

- 1) — Um muito curto periodo de preparação do combate à noite que deve ser terminado pelo estudo da técnica desse modo de agir;
- 2) — Estudo intensivo, depois de caída a noite, das possibilidades do setor em que se pode ser chamado a combater sob o ponto de vista do ataque eda defesa.

IV — TÉCNICA DO COMBATE À NOITE

Uma parte dos exercícios preparatórios para o combate à noite corresponde exatamente aos mesmos exercícios destinados a instrução regular das patrulhas. Podem ser realizados durante o dia. Mas êsse processo seria muito rígido para ser recomendado, salvo quanto aos exercícios preliminares, por isso que as condições obtidas durante o dia são absolutamente diferente das exigidas à noite.

Desde que consideremos uma forma de combate em que as habilidades e as capacidades individuais sejam submetidas a rigoroso "test", é evidente que os exercícios preliminares não serão formais.

Particularmente, é importante não repetir várias vezes um dado exercício sob a mesma forma e no mesmo local quando se pretende atingir bons resultados.

Exercícios preliminares: Exemplos recolhidos em partes de combate tanto da atual como da guerra passada, realçam a importância de certos ensinamentos.

Em 1.º lugar, escolhe-se um dos homens que será empregado para ilustrar os diferentes pontos do exercício (monitor). Depois então passa-se ao estagio seguinte que consiste em executar praticamente a ficha da sessão.

1 — Exercícios para ensinar a execução de movimentos sem ruído

- 1.º) — Demonstrações sobre quais as peças e artigos do equipamento que produzem ruído durante a marcha (baionetas, fivelas do cinto cartucheira, carregadores, ruidos dos pregos dos sapatos sobre a pedra, a macéga seca) e nos momentos de repouso.
- 2.º) — Processos para eliminá-los (enrolar tiras nas calças ou um lenço em torno da baioneta, uso de sapatos especiais ou de sapatos cobertos para amortecer os ruidos dos cravos, — podem ser cobertos com meias velhas ou envoltos em pano).
- 3.º) — Demonstração prática à noite desses processos para serem observados nas marchas, escolha de terreno (evitar paradas onde a silhueta possa se projetar no céu ou em zonas contra luz fôsca em que a sombra possa projetar-se, fugir do topo das elevações ou cristas).
- 4.º) — Quando se aproximar do inimigo: destacar para a frente escuta de radio.

Importância da progressão em silêncio

De um relatório de combate:

“Aqui estamos bem no centro de um emaranhado de fios. O arame farpado enreda-nos tal como uma teia de aranha. De súbito o sentinela francês postado à nossa esquerda faz sinal de inquietação.

“Ele desembaraça a garganta e grita muitas vezes. Cuidamos que ele esteja dominado pelo medo, mas é possível que enha ciúmo alguma cousa. Se ele arremecer uma granada de mão no fôsso, acabar-se-á tudo para nós.

“Presos como ficamos no emaranhado de fios, não seremos capazes de nos mover e muito menos de nos defendermos. Suspendemos a respiração. Os momentos angustiosos pas-

sam-se lentamente. Quando o sentinelas finalmente retomou a calma, retirei minha patrulha de reconhecimento. Neste meio tempo, a escuridão caiu completamente. Como rastejamos atravessando asperas pontas, restavam-nos poucos trechos a vencer. Com barulho, o inimigo despertou toda sua guarnição e em alguns minutos despejam uma saraivada de metralhadora e balas de fuzil sobre o terreno intermédio das 2 posições. Colados ao terreno, a saraivada de projéctis passou sobre nossas cabeças.

“E assim retornamos as nossas posições sem um arranhão”, (Coronel Komml “Infantaria Greiftan”, P 111, Stosstrupp — unternehmen Latrhenkopfe guerra de 1914-1918).

2 — EXERCICIOS DESTINADOS A ENSINAR OS HOMENS A APURAR SEUS ORGÃOS DE SENTIDO

- 1.º) — Aprender a reconhecer os diferentes ruidos produzidos pelo armamento e equipamento como acima ficou dito.
- 2.º) — Determinar a direção de cada um dos sons recebidos.
- 3.c) — Tornar-se habil em estimar a distância de cada um dos sons percebidos.

Importância da audição

Tomemos outros exemplos vividos:

“Que nos trará a noite? Ensaiamos recordar de memória cada árvore e bosque na frente de nossas posições para evitar verem-se durante a noite “fantasmas”. A chuva começa a cair, primeiro em gotas dispersas, depois sob constante aguaceiro; a escuridão torna-se absoluta. Nossos olhos não têm grande utilidade, seremos forçados a confiar exclusivamente na audição. Sob o peso da chuva faz-se necessário um grande esforço para distinguir um ruído do outro. 80 jardas no máximo separa-nos do inimigo, a posição das trincheiras não

está a mais do que 50 jârdas afastadas dêles, não considerados obstaculos "(Militär Wissenschaftliches Wachenblatt, Hept 2/1940 P. 158)."

"Vendo com os ouvidos"

"Uma unidade francesa recebeu ordens de defender 2 estreitas pontes, atravessadas por 2 estradas em mau estado de conservação. A barranca direita do rio, por onde o inimigo se aproximará, está coberta de mato. Ao amanhecer, uma grande coluna é vista atravessando uma clareira que na apariência podia ser presentida da ponte.

"Pela escuta radio atenta, a distância avaliada pelo ruído dos veículos a motor, das armas e brados de comando germânicos, tem-se a impressão de que os sons parecem vir da direção da fazenda.

"Imóveis, respirando com dificuldade, evitando o menor ruído, as tropas ficaram escondidas na margem do rio para onde está orientada a escuta.

"A escuridão agora é quasi completa. Guardam a ponte o cabo Hermegnier e os soldados Gimpel e Bruére os quais espreitam com ancia, na escuridão crescente, os ruídos produzidos. O 2.º Ten. De Nedle decide conduzir imediatamente um destacamento de reconhecimento, para élé próprio saber que se passa.

"Ele avança lentamente acompanhado pelo cabo Hermegnier e o soldado Gimpel. Todos 3 alcançam a ponte e param para escutar. Gimpel toma no percurso su gole de conhaque e prepara sua sub-metralhadora. Subitamente él se volta para o Tenente e com uma voz fraca e arrastada lhe diz: "Tenente! começo a vê-los". E efetivamente, no extremo da ponte, do outro lado, 2 alemães estavam indiscretamente empenhados em remover os petardos que haviam sido colocados na estrutura..

"Solenemente Gimpel toma novo góle de conhaque, e delibera permanecer com sua sub-metralhadora no parapeito da pon-

te sem uma única palavra aponta sobre os 2 trabalhadores de costas e atira. Gritos de dor são ouvidos..." (Antoine, Memorial de França — P. 137 da Campanha de França de 1940).

3 — Exercícios para dar aos homens algumas instruções especiais

a) Exercícios de orientação à noite; trabalho com a bussola;

b) Estudos sobre ligações: pela vista, ouvido, meios especiais tais como: lampadas com fraca fonte de luz, lampada elétrica com refletor e protegida com escudo de papelão munido de obturador e lampadas azuis ou verdes; fontes fosforecentes no verso, funcionando por coordenação do tempo de emissão (horário);

c) — Mostrar agora o emprego da granada no escuro; estudo da defesa e melhor método para sustentar o combate corpo a corpo; cortar silenciosamente os fios de arame farpado dos obstáculos; estender na obscuridade um cabo telefônico.

Emprego da granada para suprir um enguiço da sub-metralhadora

Continuação do caso anterior :

"Repentinamente a sub-metralhadora engasga. Imediatamente o tiro do inimigo duplica. Uma excelente ocasião para arremecer-se sobre a ponte. "Mas o sargento Muzzoli e o soldado Bruére que estão a poucos metros atrás de Gimpel, lançam granadas para dentro da ponte. Há duas explosões e novos gritos de dor; logo após as vozes de comando começam a ser ouvidas do lado alemão..." (Antoine Memorial de França, P. 127 — 1940).

Ação com a granada

"O inimigo agora espera passar a vau o rio entre 2 pontos.
"O 2.º Ten. De Nedde corre para o ponto ameaçado.

Exemplos:

a) Transpor uma zona que é limitada em sua extenção por ambos os lados, direito e esquerdo, e guardada por um ou 2 sentinelas.

- 1) — isoladamente;
- 2) — em pequenos grupos.

b) Aproximar-se de uma sentinela e pô-la fora de ação sem despertar a atenção do inimigo.

c) Conhecendo a localização do inimigo, executar uma missão de reconhecimento sobre as posições localizadas e apresentar um relatório.

d) — Conhecida a zona em que se instala o inimigo mas não exatamente suas posições, descobrir sua localização exata.

e) Um ataque de surpresa (uma operação do tipo da que as tropas estariam bem informadas sobre todos seus aspetos) :

- 1) — contra um posto sentinela;
- 2) — contra uma posição organizada do inimigo, orientada para todas as direções;
- 3) — contra um elemento de defesa inimiga;
- 4) — contra um posto de comando no interior das linhas inimigas;
- 5) — para produzir uma demolição;
- 6) — contra um corpo de tropa deslocando-se sobre estrada durante a noite, etc.

Um exemplo do número seis (6) do §acima

Novos casos vividos:

“A companhia adota uma formação fazendo frente a todas as direções. O inimigo percebe que estamos em má situação. Vários homens permanecem em seu posto, animados por uma vontade ferrea. Um emissário caminha para nós a galope. Deliberamos abrir fogo. Um de nossos homens, por sua própria iniciativa, arrisca-se um pouco adiante. Imediatamente 2 estafe-

tas apareceram de bicicletas. Um dos nossos homens saltou na garganta de um deles e o outro se escapou.

“Avançamos. Temos a missão de abrir nosso caminho para Grodeck sobre a estrada principal.

“Cerca da 1h,45 da manhã chegamos até a vila de Bratkowice. Poucos minutos mais tarde foi ordenado um alto. Repentinamente, recebemos tiros de todos os lados. Estamos em muito séria situação. Todos puderam ouvir o sibilante das balas, as detonações das pistolas metralhadoras do estafeta e a explosão das granadas. Instintivamente deixamo-nos cair sobre o terreno. Nossas mulas estão bravas e inquietas e pisoteam os homens que estão deitados no campo.

“A este tempo, nossas mulas abandonaram-nos.

“Na escuridão é impossível distinguir amigos de inimigos. Eis porque empregamos sómente as granadas de mão e a pistola no combate a curta distância. Nesse curto tempo conseguimos desembaraçar nosso caminho e retirar, cessando o combate.

“Chegamos ao extremo W. de Grodek pelas 4 horas da manhã do dia 16 de setembro, severamente castigados pelos acontecimentos ocorridos de noite. (Wir zogen Gegen Paleu p. 117, 1939).

Observações: É fácil encontrar-se certa confusão no escuro. Esta empresta grande valor às fintas e estratégias de várias espécies. É bom que a tropa esteja convicta disto e aprenda a executar fintas (ataque simulado em um ponto diferente do que corresponde ao ataque real) e empregar o mesmo processo na defesa.

VI — TREINAMENTO DE OFICIAIS NO TRABALHO À NOITE

Para conduzir a tropa durante a noite, encontram-se alguns problemas gerados pela necessidade de grande silêncio e pelas dificuldades em manter o contato, momentaneamente com auxílio artificial. Estes problemas são tornados ainda mais difi-

ceis pelo efeito psicológico da sensação de isolamento causada pela escuridão. O oficial assim torna-se mais do que ordinariamente responsável por esses males.

Eis porque é necessário dar especial treinamento aos oficiais encarregados de tais tarefas. A instrução e o treinamento serão ministrados visando a orientação e a prática de ordens e tomando em consideração as condições particulares criadas pela escuridão. Neste treinamento um cuidado deve ser tomado de modo a ensinar os oficiais a ajustarem-se rapidamente as novas e imprevistas mudanças da situação, para aumentar sua faculdade de adaptação e de rapidez na reação, qualidades requeridas em alto grau no combate à noite.

VII — ESTUDO DE UM SETOR DE COMBATE EM QUE SE TENHA QUE COMBATER

Como Mr. de la Palisse dizia: "Não há caminho melhor para conhecer o valor de um sistema de defesa do que atacá-lo." Mas, algumas vezes, surgem dificuldades, para os oficiais que estabeleceram as defezas, em colher um golpe de vista sobre o que serviu de base a seu plano de fogos. Eles correm o risco de organizar o ataque sob o ponto de vista da defesa. É melhor, aliás, que a exploração de um tal setor seja empreendida depois de caír a noite, por um outro qualquer.

Por exemplo, deve-se adotar o seguinte processo: — o desacamento incumbido da defesa será dividido em um certo número de patrulhas; um determinado plano de ataque será escolhido e executado. Os homens tomarão posição como atantes e defensores de tal forma que possam aprender a atuar em ambas as situações. Subsequentemente, no propósito de comprovar o apuro das lições aprendidas nesses exercícios, o setor será atacado por algumas unidades diferentes, tais como as pertencentes ao setor adjacente, por exemplo.

É também evidente que um estudo deverá ser feito sobre as possibilidades de contra-ataques para recuperar algum ponto sobre que se exerce forte pressão ou para restabelecer algum

elemento da defesa que tenha sido capturado pelo inimigo, operação que certamente será menos custosa à noite do que de dia se for bem conduzida.

Alem do valor tático, tal preparação tambem assume um consideravel mérito pelos efeitos morais que produzem na tropa, aumentando sua confiança em si mesmos e no terreno em que tenham que se empenhar.

Que sirva de subsidio os nossos programas de instrução as considerações interessantes que acabamos de ler são nossos melhores propósitos.

THE CALORIC COMPANY

Matriz: RIO DE JANEIRO
AV. PRESIDENTE WILSON, 118, 4.º andar
Tel. 22-5133

ÓLEO
COMBUSTÍVEL
para indústrias e
navegação



ÓLEO
DIESEL
para motores e
tratores

ÓLEOS LUBRIFICANTES
DEPOSITOS:

Rio - S. Paulo - Santos - Cde. do Salvador - Recife e Belém
Representantes em todas as cidades do país

UMA CAMPANHA INJUSTA

Cel. da Reserva *FELÍCIO LIMA*

A reorganização do Exército brasileiro, de 1908, obra meritória do ínclito Marechal Hermes da Fonseca, que comentámos em outro artigo, repercutiu de modo cavigoso nas altas esferas sociais da República Argentina e, ainda agora, uma revista andalusa pretendeu reviver um caso que fôra liquidado com honra para o Brasil.

E' que àquela época o irrefletido Estanislau Zebalos, pela "La Prensa", importante periódico de Buenos Aires, sempre insaciável pelo ódio velho que não cansa ao nosso imortal Barão do Rio Branco, iniciara uma campanha gratuita contra o Brasil, afirmando malévolamente que a reorganização das nossas fôrças armadas tinha por objetivo provocar um conflito com a sua pátria !

Daí a propaganda contrária a uma suposta guerr, que só poderia ser concretizada no cérebro de Zebalos e de seus corifeus no grande órgão portenho.

Ignoravam êles que as leis brasileiras, votadas pelo Congresso Nacional, eram de necessidade inadiável e visavam garantir a cordial hegemonia marítima de nosso imenso país, com uma costa oceânica de cerca de 1.200 léguas; um solo rico de minerais de quase toda espécie e cobiçados pela raridade e pela mais notável beleza; com florestas virgens que têm sido descritas por competentes naturalistas como sendo um pedaço do paraíso, onde existe tudo quanto a vida encerra de delicado e bravo; com os seus rios caudalosos que se assemelham aos mares europeus e cujas cachoeiras, bramindo nos rochedos, abalam o ar como roncos de trovões !

Nenhum estadista desconhece que a fatalidade de acontecimentos imprevistos impunha ao Brasil, com sacrifício financeiro embora, a remodelação de seu poder armado à altura de cumprir a sua nobre missão.

Isto porque, naquela fase nacional, em que sobressaiam a honradez e o gênio diplomático do diretor da nossa política externa, a inexperiência poderia ser o produto ingênuo do vedor dos anos, mas a imprevidência seria então o resultado inevitável do atraso intelectual do homem, da sociedade e dos povos.

Conquanto a Conferência de Haya tivesse uma finalidade humanitária, as grandes potências do Norte da Europa, representadas por seus diplomatas petulantes, pretenderam agitar, após deprezar o gênio extraordinário do Direito, ali simbolizado no embaixador de nossa Pátria.

Em monumental discurso, Ruy Barbosa, à luz de autênticos documentos, lidos perante seus pares, demonstrou, não só quanto fôra nobre e digna a nossa chancelaria dirigida pelo segundo Paranhos, como também quanto êle — o grande Ruy — batera-se em Haya para que a República Argentina não ficasse abaixo das potências inferiores !

Por outro lado, é do domínio público o célebre discurso proferido no Senado Federal, em que a “Águia de Haya”, contestando sofismas e tergiversões lançados contra o Brasil, provou exuberantemente que, ao envéz da afirmativa do ex-ministro do presidente Alcorta, fôra a representação do Brasil a defensora, naquela memorável Conferência, do direito menos preso da Argentina.

Porém, a tempestade de embustes levantada pela “La Prensa”, que apoiava incondicionalmente Zebalos, não poude, todavia, abalar e muito menos interromper o desenvolvimento da reorganização das nossas forças armadas, prosseguindo sempre, com passo lento e pacífico mas seguro.

E nos ministros da Guerra e das Relações Exteriores daquela quadra luminosa, dadas suas idéias pacifistas, tinhamos

a garantia da paz, sem perturbação do direito que assistia ao Brasil de se proclamar a primeira potência intelectual, moral e política da América Meridional.

Sim, porque o nobre empreendimento do Marechal Hermes, apoiado de um modo decisivo pelo benemerito Rio Branco, — grandes vultos soberanamente imbuidos de amor à Pátria e de sentimentos de justiça — constituem, à luz da História, a maior força consolidadora do Brasil e a mais plena demonstração da vitalidade de seu povo.

Não se poderia criar, portanto, vislumbre de censura ao cidadão eminente que, com ciência e talento extraordinários, havia resolvido, com honra para a soberania brasileira, todas as questões, algumas seculares, existentes entre o Brasil e a República Argentina, a Bolívia, a Inglaterra e a França.

E' oportuno crescentar que, desde o Império até os nossos dias, a direção dos negócios internacionais sempre obedeceu aos ditames dos princípios de direito e pactos jurídicos que dignificam as nações cultas.

Não devemos olvidar a nossa História, a despeito do intrumento de afirmativas de determinada seita filosófica, porque só assim far-se-á inteira justiça ao criador dêsse Acre prodigioso — o novo e incomparável território da Federação.

Assim, Rio Branco reduziu a nada todas as invetivas de Zeballos, num estilo modesto e elegante, próprio de um belo talento, realçando ainda mais o engenho e a justeza dos conceitos, a verdade histórica e, finalmente, os fatos desenrolados no cenário da política internacional.

O grande chanceler brasileiro sempre observou com interesse e carinho tudo que se relacionava com o aperfeiçoamento da nossa defesa nacional. E assim procedendo revelou-se um patriota notável, dado os relevantes serviços decorrentes que prestou, no sentido de armar o Brasil com a eficiência peculiar de suas congêneres do Continente Sul Americano e tal gesto encerra a maior glória que um estadista pode ufanar-se de haver obtido.

Um verdadeiro homem público não se amesquinha de haver sido derrotado, salvo se perde a serenidade, porque a adversidade é o crisol dos fortes, é a pedra de toque dos heróis.

A Nação brasileira tem a sublime tradição de haver sido sempre pacifista e se em certa época deixou os instrumentos de trabalho para empunhar a imaculada espada, foi apenas com o objetivo de socorrer vizinhos irmãos martirizados e, com admirável desinteresse, libertá-los de uma opressão inqualificável...

Cerâmica São Caetano S/A

ESCRITÓRIO CENTRAL

Viaduto Boa Vista, 68 — 6.º andar

Secção de Refratários — 3.4952
Secção Interior — 2.4229

Fones : Gerência e Compras — 2.7636

Caixa Postal 278 — Telegramas "ACIMAREC" — São Paulo — BRASIL

Fábrica em São Caetano (S.P.R.) — Rua Casemiro de Abreu, 4 —

Fora 1124 — Linha 140

TELHAS "BRILHANTES"

LADRILHOS — Vermelhos — Amarelos — Marrons e Pretos

TIJOLOS PRENSADOS para degraus — pingadeiras — pisos — colunas e outros

MATERIAIS REFRATÁRIOS

de alta classe, para todos os fins industriais

Fornecedor das principais indústrias do País —

Fábrica peças especiais de qualquer formato

Os materiais refratários

"São Caetano"



se caracterizam pela sua qualidade e esmerada fabricação

ALGO SÔBRE ARTILHARIA DE COSTA

Major NEWTON FRANKLIN DO NASCIMENTO

Para definir a Artilharia de Costa, prescrutar-lhe o âmago, sentí-la, compreendê-la, saber de suas possibilidades e servidões, não será fóra de propósito que se recordem algumas noções elementares, as quais, por sua extrema simplicidade, nos passam por vezes despercebidas.

Não temos o intuito, pois, de reivindicá-la nem tecer-lhe lôas ou hinos laudatórios. Por si mesma, ela já se impôs no conceito de todos, através de um labor profícuo e silencioso. Do norte ao sul do País, todas as unidades costeiras se irmanam aos mesmos anseios e anelos que entrelaçam as forças armadas, fundindo-as imperecivelmente.

Que é a Artilharia de Costa? E' uma modalidade da arma, equipada com aparelhagem de direção de tiro própria para bater objetivos navais móveis. A não ser em casos mui excepcionais, a Artilharia de Costa não age nunca isolada, mas sempre como elemento primordial, colocado em terra, para cooperar com todas as forças armadas — terrestres, aéreas e navais — na defesa do território porventura ameaçado de ataques vindos do mar. Daí a necessidade de serem bastante íntimas suas relações com essas outras forças, de vez que são empregadas em missões comuns e, sobretudo, por constituirem as duas últimas (Marinha e Aeronáutica), os elementos mais importantes para obtenção de informações sobre os movimentos dos navios e aeronaves do inimigo.

Os meios atuais de que dispõe a Artilharia de Costa para

cumprir suas tarefas, são múltiplos e variados. Hoje em dia seu armamento classifica-se, segundo o calibre, em *primário* e *secundário* e, segundo o tipo, *em fixo* e *móvel*. O material móvel, conforme o meio de transporte utilizado, pôde ser *sobre ferrovia*, *auto-transportado* ou *tracionado*. O armamento primário abrange os calibres de 280 mm. para cima. O secundário compreende todos os materiais abaixo desse calibre e comporta, por sua vez, duas sub-divisões :

— *secundário intermediário*, constituído dos calibres de 105 mm. (exclusive), a 240 mm. (inclusive), sendo o de 203 mm. um dos materiais mais indicados, atualmente, dentro dessa sub-divisão;

— o *secundário de tiro rápido* compreende os calibres de 105, ou menores.

Além do material acima citado, fazem ainda parte da Artilharia de Costa os seguintes meios suplementares: *projetores*, *minas controladas*, *localizadores pelo som* e demais elementos que se tornarem indispensáveis ao cumprimento de suas missões.

A missão geral da Artilharia de Costa consiste em cooperar na defesa do litoral contra o ataque de forças navais, não importando que o ponto atacado seja um porto, uma praia, um grande centro populoso ou industrial, uma base aérea ou naval, enfim, qualquer parte do território, ou mesmo de uma ilha, se for êsse o caso.

No caso particular da defesa de um porto, a Artilharia de Costa tem a missão de protegê-lo, bem como as forças navais no seu interior ou vizinhança, contra ataques navais, desembarques, ou ataques terrestres, dentro do alcance e possibilidades de seus canhões.

Os canhões de 280 mm e maiores, destinam-se ao ataque dos navios capitais, ou melhor, fortemente couraçados. Os materiais abaixo desse calibre são empregados contra cruzadores e navios ligeiramente couraçados, podendo, também, danificar certas partes vulneráveis dos navios capitais, como sejam sua superestrutura e órgãos de direção de fogo. O secundário inter-

mediário destina-se ao ataque a cruzadores e o secundário de tiro rápido emprega-se contra navios sem couraçamento.

Cumpre assinalar que as minas de contato são classificadas como armamento primário, à vista de seu grande poder de destruição.

Como tudo o que existe sobre a terra, a Artilharia de Costa possue não só grandes possibilidades, mas também certos pontos vulneráveis, que convém sejam recordados, uns e outros, para não se exigir dela um emprêgo superior às suas forças: assim é que possue a faculdade de concentrar seus fogos com grande rapidez; pôde manejá-los, também, sem perda de tempo, de um objetivo para outro; procura-se, cada vez mais, aumentar-lhe o alcance e a potência de seus canhões, mas, por outro lado, é mui vulnerável aos ataques aéreos, quando não for bem protegida; o armamento fixo tem seu campo de ação limitado e a mobilidade do material móvel é bastante relativa, condicionando-se, por sua vez, a inúmeras servidões. No entretanto, êsse material pôde ser empregado para fazer o tiro contra objetivos terrestres e para agir em outros teatros de operações que não sejam litorâneos, desde que se saiba aproveitar de sua mobilidade.

Da mesma fôrma como as metralhadoras que, por sua estabilidade, constituem a ossatura de um plano de fogos de infantaria, a elas se subordinando as demais armas automáticas, assim também o material de artilharia de costa fixo constitue o elemento a ser primeiramente considerado, na organização da defesa de qualquer ponto do litoral. Antes de determinar o emprêgo do material móvel, estuda-se, em primeiro lugar, a zona de ação do material fixo, quais suas partes batidas, não batidas, ou fracamente batidas, quais os objetivos a serem atacados, dentro do alcance de seus canhões, para depois completar seus fogos com os do material móvel, cujas posições são escolhidas visando especialmente essa completação. Só quando se dispuser de muita artilharia, é que se podem superpor seus fogos.

Sendo a organização do plano de fogos um problema tá-

tico e técnico, é preciso para organizar êsse plano, que se conheçam, pelo menos, as caraterísticas do material a empregar. Não vamos lembrar aqui as caraterísticas de todos os materiais utilizados na defesa de costa, para não alongar em demasia estas ligeiras notas, já por sua natureza, bem assim pelo estilo de seu autor, bastante insípidas. Como todos sabem, qualquer canhão é caraterizado por seu alcance, calibre, rapidez e campo de tiro, potência e capacidade de funcionamento do projétil, velocidade inicial, etc., cujos dados os fabricantes do material têm o cuidado de juntar às tabelas de tiro, que acompanham todo e qualquer canhão, fazendo parte intrínseca dêle.

Do ponto de vista tático, o problema se encaminha sempre pelo estudo de quatro elementos fundamentais, jamais desprezados em nenhum problema dessa natureza, como sejam : missão, terreno, inimigo, meios.

Não nos alongaremos nisso. Alguns pontos, porém, devem ser lembrados.

A missão, para ficar bem definida, deve determinar claramente os limites da zona a bater, natureza dos objetivos, esclarecendo-se de antemão se a unidade destina-se à defesa de porto, praia, base, ou do que for, pois em cada caso, há disposições especiais a tomar.

Devido à modalidade da arma, o terreno é estudado do ponto de vista hidrográfico e topográfico. Nesse estudo, são fixadas, igualmente, as questões de proteção, desenfiamento, disfarce, além de outros, que o conhecimento da zona de ação indicar.

O inimigo, que a artilharia de costa é essencialmente apta a matar com seus fogos, é o navio de superfície. Assim, antes de estabelecer o plano de fogos para a defesa do litoral, é indispensável conhecer primeiro o tipo, classe, etc. das belonaves do provável inimigo. Algumas vezes achamos fastidioso, ou mesmo supérfluo, perder tempo no estudo das marinhas estrangeiras, sobretudo a de nossos prováveis inimigos. Mas nos esquecemos que, sem êsses conhecimentos, quiçá bem aprofundados, não chegaremos nunca a uma conclusão lógica sobre o

emprêgo da artilharia. Outras vezes, nos detemos em estudos mais aprazíveis ao nosso espírito e à aplicação de nossas atividades, esquecendo-nos que o inimigo tanto pôde vir por terra, como pelo ar e pelo mar. A guerra moderna faz-se nessas três dimensões e, por isso mesmo, torna-se cada vez mais demorada e complexa.

Definida a missão, conhecido o terreno em que vai atuar e sabendo qual a espécie do inimigo que tem de enfrentar, o artilheiro de costa passa ao estudo dos meios, para fazer face às contingências da luta. Por vezes, achamos monótono o estudo dos meios e conduzimos nosso espírito para locubrações ou realizações mais brilhantes, como, por exemplo, as que se referem à parte técnica, ou mesmo tática, da arma. Mas é preciso não esquecer que sem os meios, sem estarmos bem aparelhados em pessoal e material, não conseguimos sair do terreno das hipóteses. E não basta sómente o material, pois, sem o homem, não podemos manejá-lo. Daí o estudo dos meios constituir preocupação máxima de quem está incumbido da organização de um plano de fogos para barrar a entrada de qualquer parte do litoral. O problema se conduz sempre pela clássica pergunta : *com os meios que tenho, que posso fazer?* Mas nunca pela negativa, isto é, não posso fazer isso ou aquilo, por não ter todos os meios necessários. Isto é a negação de tudo, pois, apenas com um canhão e munições suficientes, muita coisa se consegue realizar.

Para facilitar a ação do comando, a artilharia de costa como as suas outras irmãs, a de campanha e anti-aérea, reune seus meios em comandos táticos chamados *grupamentos*, com ação sobre dois ou mais grupos (ou Baterias Independentes), sob a condição de cobrirem a mesma área marítima, ou áreas adjacentes. São designados, normalmente, pelos nomes das localidades a que se destinam, como, por exemplo, *Grupamento de Santos, de Vitoria, etc.*

Um Grupamento dispõe, em geral, dos seguintes meios : armamento fixo e móvel, unidades de minas controladas e de projetores, além de outras que se fizerem mistér. Em princípio,

deve, ainda, dispor de armamento primário, para ataque a navios capitais e secundário, para ataque a contra-torpedeiros, submarinos, rocegadores de minas e pequenas embarcações para desembarque.

Quando o número de Grupos é muito grande, mais de 4 ou 5, a artilharia de costa que constitue um grupamento é subdividida em *Sub-Grupamentos*, o mesmo que acontece na campanha ou anti-aérea.

O Comandante do Grupamento subordina-se a um comando superior, que pode ser o do setor, sub-setor ou do porto, tal seja sua missão precípua cooperar na defesa de cada um destes escalões adrede constituidos.

Embora só a Artilharia de Costa seja especializada na defesa de objetivos móveis navais, não quer isso dizer que, em casos de extrema gravidade, afim de completar o sistema de defesa litorâneo, não sejam também chamadas, para cooperar com ela, unidades de campanha ou de anti-aérea. Assim sendo, torna-se necessário que todos os artilheiros se familiarizem com certos problemas da costa, cujo sistema de direção de tiro, embora não lhes seja comum, apresenta, no entanto, imensa simplicidade, quando apreciado em seu pleno funcionamento. Tudo se passa com tanta naturalidade, tanta harmonia e tanta precisão, que convence até aos mais incrédulos.

A descrição da aparelhagem de direção de tiro, através de um trabalho de divulgação e nos moldes do que ora delineamos, é humanamente impossível. Uma visita, porém, a quaisquer unidades de artilharia de costa, sempre acolhedoras e amigas, teria a vantagem de objetivar tudo aquilo que num singelo artigo somos incapazes de esboçar.

Compreendendo o funcionamento dessa aparelhagem e os órgãos encarregados de fornecer-lhes elementos, somos levados, naturalmente, a render nosso preito de admiração e respeito à genialidade dos homens que criaram tais aparelhos e tais órgãos de sincronismo tão perfeito e exato, convencendo-nos, ou trossim, da precisão e simplicidade a que aludimos acima.

Rio de Janeiro, D.F., 20-III-44.

A Companhia de Fuzileiros no Exército dos Estados Unidos ⁽¹⁾

Trad. e Adap. do Cap. Nelson Rodrigues de Carvalho
(DO REGIMENTO SAMPAIO)

COMBATE OFENSIVO: Ataque da Cia. Fzos. a bosques, localidades e através cursos d'água (em presença do inimigo)

A T A Q U E D E B O S Q U E S

Nesta parte do nosso estudo condensado, trataremos do ataque da Cia. de Fzos. aos bosques, compreendendo o movimento atacante à sua orla exterior, a penetração no bosque propriamente dito e a sua saída do outro lado, em prosseguimento do movimento.

Na primeira fase, durante o movimento atacante para a orla exterior do bosque, a Cia. se encontrará, forçosamente, sob o fogo e as vistas de um inimigo abrigado. Resulta daí que tal ataque é realizado, quase sempre, ou à noite, ou sob a proteção de uma cortina de fumaça protetora.

Quando o ataque se aproxima da orla exterior e, finalmente a atinge, tornar-se-á necessário para a Cia. fazer um alto e se reorganizar. Precisamente, porém, que tal ato é indispensável ao atacante, tais orlas estarão sempre reparadas pela artilharia e aviação do inimigo nazi ou nipo. Daí decorre, portanto, a imperiosa necessidade de ser esse muito breve, devendo o atacante reorganizar-se o mais rápido possível. Por isso também, o Cap. ao estabelecer seu plano de ataque à orla do bosque, já prevê e estabelece a reorganização da sua força e a travessia mesma do bosque, poupando aos seus subalternos um tempo precioso para o reagrupamento de seus homens.

(1) Com este número fica terminada a tradução e adaptação, especialmente dedicada aos meus camaradas de Infantaria da F.E.B., do extenso e útil condensado do F.M. 7/10 (The Field Manual of the Rifle Company) publicado pelo "INFANTRY JOURNAL". Exculpo-me de algum deslize na tradução com a esperança de que esta "cooperação" lhes tenha sido proveitosa, num momento em que tanta sede temos todos nós de literatura militar americana.

Por esses motivos, ainda, o Cmt. da Cia. em sua ordem inicial de ataque, detalha as medidas de reorganização de seus pelotões, prescrevendo, mais, ações de patrulha com a missão de manter contato com o inimigo nipo ou nazí de dentro do bosque. Do mesmo modo, ele provisoria a proteção de seus flancos e a manutenção das ligações com as unidades que lhe são vizinhas. Deverá ainda prever as formações que lhe paregam mais adequadas, as frentes aproximadas e a conservação das ligações, tudo no que respeita a ação de seus pelotões, já no interior do bosque que vai atacar.

REAJUSTAMENTO DE ORDENS DURANTE A BREVE PARADA: Tão logo a reorganização tenha sido ultimada, o comandante da Cia., rapidamente, confirma ou altera suas primeiras ordens, fixa os objetivos e determina o avanço. Um azimute magnético é fixado para cada Pel. e instruções particulares são dadas afim de prevenir que qualquer deles venha a cometer erros fatais de direção. Por sua vez, o Cap. e seu G. de Cmd. seguem de perto, em princípio, imediatamente atrás do centro do primeiro escalão. A velocidade da progressão dependerá da visibilidade que se possa obter dentro do bosque, devendo se prestar à manutenção das ligações com as unidades vizinhas. Ligeiros altos devem ser, também, previstos, de tempos em tempos ou em linhas predeterminadas, afim de ser restaurada a coesão e restabelecidas as ligações, tudo segundo as ordens do Cmt. do Bt. 1.

DISPOSITIVO A ADOTAR: A disposição da tropa vai depender, também das facilidades de movimento e do grau de visibilidade. Em bosques esparsos e abertos, os elementos da frente podem ser desenvolvidos em linha. Já em bosques densos, a linha de colunas de G.C. é muitas vezes a melhor formação para os elementos de 1.º escalão. Esclarecedores devem preceder estes elementos, patrulhando e reconhecendo sua frente e seus flancos. Os demais elementos da retaguarda da Cia. seguem, comumente, em coluna de Pel.. Grupos de ligação ou filas, são empregados largamente sempre que a ligação pela vista for impraticável entre os diversos elementos da Cia., bem como para as ligações entre patrulhas e esclarecedores, nas mesmas condições. E a menos que haja uma ligação quase em contato entre unidades vizinhas, torna-se imperativa a preocupação da segurança dos flancos, tendo em vista a possibilidade, sempre presente, de um contra-ataque de flanco por surpresa. Do mesmo modo, a menos que outros elementos do Btl. sigam de perto à retaguarda, a proteção desta última torna-se essencial.

As metralhadoras leves do Pel. Ptr. estarão sempre em condições de aproveitar intervalos e brechas entre as formações dos Pels. Fzos., entre seus G. C. e linhas de atiradores, para desencadear, no limite

de seu alcance útil, um grande débito de fogo, quase sempre à curta distância. Elas são mantidas sob o controle da Cia. e acompanham, cerradas sobre ele, o escalão de ataque. Já quanto aos morteiros, são quase sempre destacados junto aos Pels. do escalão de ataque, e isso porque é muito raro que se encontre para eles observatórios que lhes satisfaçam a necessidade de observação do tiro, de posições interiores do dispositivo da Cia.

ENCONTRO COM RESISTÊNCIAS NO INTERIOR DO BOSQUE: Quando esclarecedores e patrulhas topam com uma resistência que não podem reduzir, os Pels. que lhes seguem desenvolvem imediatamente e cerram sobre o inimigo, procurando resolver a situação pelo emprego da manobra de infiltração por onde fôr favorável. Em tais manobras, o sucesso vai depender largamente do golpe de vista, agressividade e energia de comando dos Tenentes, Sargentos e Cabos. Quanto ao Capitão, dirige ele seus fogos de apoio do Pel de Ptr. para os pontos mais recalcitrantes, segundo as possibilidades do momento, ao mesmo tempo que apela para o fogo das Mtr Pes., sempre que a situação e o terreno exigirem tais reforços de fogo. O emprego de seus elementos de apoio (reserva), não lhe sai da mente, e o faz logo que lhe pareça requerido pela situação. Dificilmente poderá ele esperar aqui o apoio dos Mrt. de 81 mm e da própria Art.: à dificuldade da observação se somará a impossibilidade de bem definir-lhes os objetivos. Todavia, o Capitão apelará para a sua intervenção, sempre que julgar seus fogos necessários e praticáveis.

CONDUTA DO COMBATE À SAÍDA DO BOSQUE: Os Pels. avançados fazem um alto, perto da saída do bosque e, enquanto o Cmt da Cia. procede a reconhecimentos de patrulhas a frente, afim de avaliar a localização e a força da próxima resistência, os elementos de apoio (Ptr) cerram sobre eles. Tal reorganização dos Pels deve ser feita ainda dentro do bosque, afim de evitar os fogos hostis que possam partir da orla de saída. Rapidamente, o Cmt da Cia dá suas ordens aos Pels avançados, tendo em vista o avanço para o novo objetivo, tudo dentro de um plano de ataque por ele elaborado. Dispõe, ainda, o Pel Ptr, de forma a assegurar o apoio de seus fogos ao movimento para fora do bosque, assentando também os fogos das armas da Cia de Ptr Pes. (C. M. B.) e da Art. Quanto a forma da progressão para deixar o bosque, vai ela depender do terreno, da natureza e do volume dos fogos inimigos, e isto de uma maneira grandemente acentuada: se por lanços de elementos constituidos, ou por infiltração.

ATAQUE DE LOCALIDADES

A conduta do ataque através de localidades e cidades, particularmente àquelas em que as casas são muito perto umas das outras, é, de

um modo geral, semelhante ao ataque aos bosques, e as diferentes fases da ação são também as mesmas. Há todavia certas diferenças que não devem ser perdidas de vista. São elas:

1. A possibilidade de um reconhecimento mais completo e da elaboração de um plano mais perfeito, graças as foto aéreas e mesmo cartas comuns, porventura disponíveis;

2. A utilização em maior escala de sinais pirotécnicos;

3. Uma designação nítida dos objetivos sobre os quais o Cmt da Cia deseja os fogos de apoio; quer isto dizer que ele poderá contar com uma grande probabilidade de fogos eficazes dos Mrt. 81 mm e de Art.

4. A conservação da direção se torna mais fácil; por outro lado, o contato (ligações) e o controle são, frequentemente, mais difíceis.

5. Zonas de ação bem definidas podem ser assinaladas aos Pels, abrangendo uma ou mais ruas. Os cruzamentos de rua, além disso, constituirão objetivos bem definidos, próximos dos quais poderão ser feitos altos breves para o restabelecimento das ligações e reajustamento das frações atacantes;

6. Maior necessidade de prontas ações de limpeza pelos elementos de retaguarda dos Pels de 1.º escalão. Nesse sentido, o Cmt do Btl expedirá medidas complementares; e se ele não o fizer, o Cmt da Cia lançará sua fração de apoio para tal fim, limpando resistências perigosas para o seu avanço, do mesmo passo que indicará ao seu Cmt. de Btl outros locais em que se encontrem grupos inimigos hostis (para maiores detalhes sobre o combate de ruas e localidades, procurar outros regulamentos).

TRAVESSIA DE CURSOS D'AGUA EM PRESENÇA DO INIMIGO

A Cia de Fzcs, normalmente, só procede a ataque com travessia de curso d'água, enquadrada no Btl. De qualquer modo, porém, pode ela ser disposta no 1.º escalão da travessia ou fazer o transpasse do rio como reserva. No primeiro caso, utilizará botes de assalto e, no segundo, servir-se-á de pontes ou "ferri-boats". Estudaremos aqui, sómente, as medidas que dizem respeito com as travessias de 1.º escalão.

Logo que tenha prevenido seus elementos da operação a realizar, o Cmt da Cia procede a um reconhecimento da área na qual vai operar. E recebida que seja a ordem do Major, realiza reconhecimentos complementares, de acordo com o tempo disponível e a cobertura (cobertas) que o terreno oferecer. Sempre que praticável, tal ou tais reconhecimentos incluirão os itinerários que conduzem da área de reunião de retaguarda à área de reunião avançada e desta às margens do rio.

Posto isto, sua companhia se deslocará e ocupará a área de reunião

de retaguarda, conforme as determinações do Major. Esta área deve ficar fora do alcance da artilharia leve do inimigo e a uma breve jornada de marcha noturna da margem do rio.

DISTRIBUIÇÃO DE ÁREAS AVANÇADAS: As áreas de reunião mais avançadas são distribuídas por Btis, entre os que deverão cruzar o rio em primeiro escalão. Normalmente, áreas de reunião avançadas são indicadas para cada Cia de 1.º escalão, cada uma delas devendo marchar diretamente da área de reunião de retaguarda para de reunião avançada. Aí, as equipagens de engenharia designadas para tripular os botes, se juntam à infantaria. Nelas se encontram, também, postadas de prontidão, os botes de assalto, ladeando os itinerários que conduzem ao rio, e de onde serão transportados a braços para as áreas de lançamento à água, na margem do rio.

TAREFAS DO CAP. NAS ÁREAS DE RETAGUARDA: é nestas áreas que o cap. completa seu plano de travessia. Expende suas ordens aos subordinados em tempo útil para que eles, por sua vez, possam estudar e realizar as tarefas que lhes hão de caber. É aconselhável que o Cap os conduza às margens, ou o mais próximo possível delas, para que eles procedam ao seu reconhecimento do terreno. Depois, planeja o deslocamento da Cia de maneira a assegurar o mínimo retardo na área avançada e, ainda, por forma a não haver, de nenhum modo, qualquer retardo nas margens do rio. Em complemento aos ítems usualmente fornecidos nas ordens de combate, uma ordem de travessia deve conter mais:

ITENS ESPECIAIS DA ORDEM DE TRAVESSIA DO CAP:

1. Localização da área de reunião avançada, itinerários que a ela conduzem e a hora em que deverá ser atingida;
2. Processos de controle da marcha para área avançada (guias, pontos de controle, e assim por diante);
3. Distribuição dos botes de assalto aos Pels ou G. C.;
4. As formações a adotar para a travessia;
5. Os objetivos e as missões de cada Pel.;
6. Tempo de travessia para cada Pel.;
7. Instruções para a divisão do pessoal pelos botes;
8. Medidas complementares com relação aos suprimentos, avaliações, controle, local do Cmt da Cia e comunicações (ligações).

DESLOCAMENTO DA CIA PARA ÁREA AVANÇADA: Pode ser feito diretamente sob controle do Cmt do Btl ou pelo do Cmt da Cia. Antes de deixar a área de retaguarda, o Cmt da Cia já faz a divisão

pelos botes, respeitando, o mais possível, os liames táticos. Próximo a atingir a área final, guias de engenharia vão ao encontro da Cia e conduz o pessoal aos botes. Daí por diante, até ao rio, tudo o mais fica a cargo das tropas de engenharia. Os homens marcham em coluna por dois e se movimentam de modo a alcançar os botes sem mudar de formação. Os guias de engenharia recebem os homens e os levam até aos botes, que são apanhados em silêncio e em silêncio transportados, pelos próprios homens que neles deverão embarcar para a travessia.

CAPACIDADE DOS BOTES DE ASSALTO: Cada bote de assalto é calculado para transportar qualquer das seguintes cargas:

- 9 homens e seu equipamento e armamento individuais;
- 8 homens e 1 mtr leve com 20 caixas de munição (5.000 tiros);
- 7 homens e 1 mtr de 60 mm com 150 caixas de munição.

(As capacidades acima incluem dois soldados de engenharia de equipagem os quais ajudam a remar, na travessia do bote carregado, e que o trarão de volta, para recarga. Cabe-lhes, ainda, orientar a aproximação à margem, o lançamento e o recolhimento do bote da agua, e todo o movimento dentro do rio).



Fig. 1 Equipamento de 1 G. C. acomodado para a travessia

O CRUZAMENTO DO RIO: As partidas da área avançada são reguladas de maneira a permitir que os elementos de 1.º escalão cruzem o rio ao mesmo tempo e em larga frente. Todavia, uma vez que tais elementos tenham deixado as áreas finais de reunião, não mais se deverão deter e nenhuma preocupação deverá existir quanto ao alinhamento entre os botes. Normalmente, não se faz fogo dos botes, quando a travessia é feita à noite. Também não deve haver esforço em remar contra a correnteza, a menos que as posições relativas de embarque e desembarque e a força da correnteza obriguem a prévias ordens a tal res-

peito. Se necessário, deverão ser indicados pontos alternados para a travessia por ondas sucessivas.

FORMAÇÃO PARA A TRAVESSIA: A Cia Fzos cruza o rio, comumente, com os tres Pels juxtapostos, deixando na margem o Pel de Ptr e a Seç Cmd. Estes elementos atravessarão tão logo os Pels Fzos tenham atingido a margem oposta. Os homens de saúde postos à disposição da Cia atravessam com os Pels de Fzos da primeira onda.

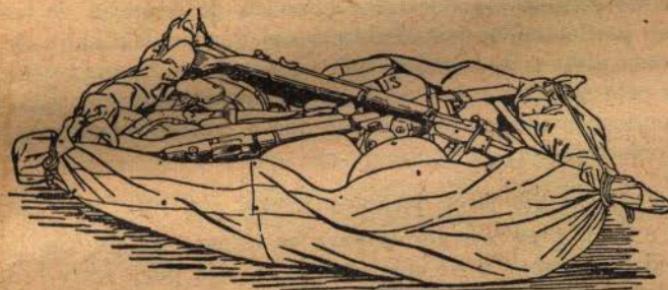


Fig. 2 Equipamento de I. G. C. flutuando no rio

CONDUTA DOS PELS DE FZOS NA MARGEM OPOSTA: Os Cnts de Pel escolhem, na outra margem, pontos favoráveis do terreno para efeito do reagrupamento dos homens, tão logo seus botes atinjam a margem de desembarque. Por sua vez, os homens do Pel procuram



deixar livre as margens vivamente. Quando o desembarque é feito à noite, ninguém atira e, se o inimigo descobre suas posições, atirando sobre o Pel, deve ser atacado a baioneta. O Cmt da Cia, ordinariamente, acompanha ou segue os primeiros elementos, imediatamente atrás deles. Quanto ao Pel de Ptr, progride com os Pels de Fzos sobre o objetivo fixado pelo Cap., tendo sempre suas armas em condições de repelir um

contra-ataque do inimigo ou de apoiar a propria progressão dos fuzileiros. Tão logo o Cmt da Cia tenha reassumido o controle da Cia na margem oposta, determinará o prosseguimento do ataque sobre a porção do objetivo que lhe foi designada pelo Cmt do Btl.

PARADA A CONTRA-ATAQUES E DEFESA AERO-ANTITANQUE: Todos os homens da Cia devem estar preparados para os contra-ataques do inimigo, particularmente pelos seus tanques e isso desde o momento em que tenham posto pé na margem inimiga. Os granadeiros anti-tanques cobrem logo as rotas possiveis de irrupção de tanques, e muito em particular as que conduzem aos flancos da Cia.

Quanto a Aviação inimiga, cabe ao comando superior providenciar a defesa pela Aviação e Art. A. A. As armas anti-aereas da Cia, por seu turno, permanecerão em silencio até que a travessia venha a ser assinalada pelo inimigo.

LOCALIZAÇÃO DOS TRANSPORTES DA CIA: O Cmt do Btl, em sua ordem, prescreve locais para os transportes da Cia. Seus veículos podem transpor o rio seja em balsas, seja por "ferry boat", seja utilizando pontes sobre pontões, por ventura já estabelecidas pela engenharia. De qualquer forma, deverão atravessar o mais cedo que possam, por isso que a quantidade de munição que as Cias levam consigo nos botes é limitada.

LIGAÇÕES COM O BATALHÃO: Durante a travessia, o controle repousa principalmente na ação dos Cmts de G. e de Pel, do mesmo modo que nos primeiros lanços do ataque sobre o objetivo do inimigo, já do outro lado. Todavia, o Cmt da Cia reassumirá o Cmt de sua tropa tão cedo quanto possa. Do mesmo passo, a companhia deverá restabelecer suas ligações com o P. C. do Btl tão logo tenha ultimado a passagem do rio. Utilizará para isso seus mensageiros e os sinais previstos no código do Major.

TRAVESSIA POR INICIATIVA COM MEIOS DE FORTUNA: E' o caso da Cia que se encontra numa vanguarda ou faz parte dos elementos de perseguição. A travessia terá que ser feita de surpresa e com os recursos de fortuna encontrados à mão. Tal espécie de travessia é normalmente executada sob a direção do Cmt do Btl, muito embora o Cmt da Cia possa realizar a cruzamento, por sua própria iniciativa, sempre que encontrar em situações táticas semelhantes. Em qualquer caso, a técnica da travessia é a mesma que a indicada nas travessias preparadas. Realiza-se por meio de botes encontrados nas vizinhanças ou através de pontes imperfeitamente destruidas. Se meios melhores não foram encontrados, a travessia se fará a nado e com a ajuda de balsas

preparadas com o próprio equipamento do homem. Todo o trem de combate da Cia pode ser atravessado "a nado" da maneira seguinte:

1. Uma balsa para dois fuzileiros pode ser preparada por dois homens em sete minutos — os dois meios panos de barraca (uma por cima da outra) são esticadas no chão e o restante das duas mochilas e as peças dos uniformes dos dois homens colocados no centro. Os fuzis, atravessados em cruz para armar a balsa e dar-lhe a necessária rigidez, são postados por cima das mochilas e do fardamento. A balsa fica pronta para flutuar amarrando os quatro cantos do meio pano de barraca externo às coronhas e aos canos dos fuzis, com as cordas das barracas dos dois homens. De maneira idêntica, utilizando-se varas de 3 pés ou dois paus de barracas em vez de fuzis, as metralhadoras leves e os morteiros de 60, um de cada vez, ou dois F. M., podem atravessar em balsas — barracas.

2. A munição e outros suprimentos indispensáveis às primeiras operações do ataque do lado do inimigo, são atravessados, do mesmo modo, por balsas — barracas a dois homens, e transportados por viagens de vai e vem.

Com este número fica terminado, o trabalho a que nos propusemos traduzir para os camaradas da F. E. B., Cmts de Cia, "A CIA DE FZOS NO EXÉRCITO DOS EE. UU.. Pensamos, porém, que ele poderá ser também útil a todos os demais camaradas de posto e de arma, como contribuição para aquilo que virá a ser, sem dúvida, A CIA DE FZOS DO EXÉRCITO BRASILEIRO... Nesta ordem de idéias, traçamos, a seguir, algumas observações de "próprio punho" sobre os pontos essenciais da nova organização, segundo o que já temos visto e experimentado na nossa F. E. B.:

— A Companhia de Fuzileiros continua a ser o núcleo básico da infantaria, no tocante à organização, instrução, enquadramento e emprego. E' a escola de formação, por excelência, do condutor de homens em seu primeiro grão: o CAPITÃO !

— No tipo F. E. B., ela difere da organização anterior, mais pesada, principalmente por ter liberado o Capitão de encargos que lhe manietavam a ação pessoal no combate, encargos de que o antigo T. C., tão nosso conhecido, é bem uma síntese... Fica, assim, o capitão de votado tão sólamente às preocupações de direção do combate de sua Companhia, o que lhe confere mais eficiência combativa. Tanto mais que conta com um 1.º Ten. Sub Cmt, sem comando de tropa, cuja missão é desembaraçar, justamente, o capitão das minúcias de execução, coordenando, ainda, as atividades dos Pelotões segundo as ordens do Cmt da Cia.

— Foi reforçada com um Pelotão de Petrechos (Mtr. L. e Mrt

60) que lhe conferem maior autonômia e melhores possibilidades no combate. O rendimento de fogo foi ainda aumentado com a adoção do M. 1 (o famoso Garand) semi-automático e do F. A. (o nosso F. M...) de rusticidade e eficiência comprovadas.

— No G. C. vamos encontrar uma novidade: não há mais duas esquadras; ele é um todo, escalonável mas não fracionável e o único cabo que nele existe é destinado a defesa anti-tanque (a. t.) do G. C., com o seu Fz M. 1903 (Springfield) com bocal (lembra o nosso antigo V. B.). Além disso, os dois primeiros volteadores são agora denominados esclarecedores — excelentes atiradores, espertos e safos...

— Foi dotada de 16 homens de *Reserva*, homens que se destinam a preencher os claros de combate e outros impedimentos dos Pels, e fornecem um reforço para o remuniciamento e a organização do terreno.

— Dispõe de "jeeps" para o transporte do Pel. Ptr e uma vez esse Pel empregado, constituem viaturas disponíveis para um remuniciamento ou para um contâto rápido eventual com a retaguarda.

— Não possue T. C. orgânico. As refeções são preparadas no R. I. bem como as tarefas burocráticas (cabo escrevente, sob as ordens de um Cap. do Regimento).

— Os homens tiveram suas mochilas aliviadas, sendo dotados de um saco de lona onde conduzem os objetos não utilizáveis de dia ou em combate. À noite esses sacos são trazidos em auto-transportes do R. I. e recolhidos pela manhã. (agasalhos, muda de roupa, etc.)

— As viaturas hipomóveis tendo se tornado desnecessárias, ficou a Cia aliviada dos antigos muares. O Capitão também não tem cavalo, deslocando-se a pé, como seus homens. Não tem ordenança. Os oficiais conduzem mochilas.

— Consequência disso, a Seç Cmd ficou reduzida a 1 G. de Administração (Sgts furriel, do rancho — o primeiro chefe de remuniciamento, principalmente, e outro no R.; cabos armeiro, cosinheiro ajudantes de cosinheiros, também no R.) e 1 G. de Comando (Sar e escrevente — estes dois últimos no R. — e soldados cosinheiros e genteante (agt das trms, corneteiro e mensageiros) ao todo 16 homens. Acrescentar a Seç Com os Reservas.

— As ligações e transmissões se fortaleceram com a adoção de aparelhos rádio-receptor-transmissores, portáteis, conduzidos pelo Cap e pelos tenentes. Um outro tipo de rádio faz a ligação radio-telefônica com o Batalhão. Destarte, os mensageiros e o corneteiro funcionam mais como observadores e sinaleiros da Cia, na coleta de informações e dobramento das transmissões. Continúa existindo o aparelho ótico e,

eventualmente, um "telefone expedito" (o termo é nosso), sem energia elétrica, aparelho que lembra os telefones de cordéis dos brinquedos de meninos...

— EMPREGO TÁTICO: Aqui é preciso frizar que não difere do que já sabemos; apenas dispõe de maiores recursos, que, naturalmente, precisam ser bem conhecidos. Mas os princípios de segurança (a que o tanque, os auto metr rect, aviões e 5.^a coluna dão maior importância) continuam de pé; o mesmo para a aproximação e o ataque. O assalto ainda é o coroamento do combate e pois a baioneta continua com todo o seu vigor de arma branca decisiva (a esgrima de baioneta é, então, uma instrução de que se deve cuidar com o maior interesse, no mesmo pé do tiro e da ed. física). Não há mais, porém, um Pel. Reserva, no sentido antigo do termo — o que há é um *Pelotão de Apoio*, designação mais ativa e mais própria do que aquela, embora com a mesma missão daquele.

A defesa aero-anti-tanque é agora feita no âmbito da Cia, pelos rojões anti-carro (bazooka) e pela Mtr 50, montadas nos "jeeps" do Pel de Ptr.

Na defensiva, absolutamente um recurso que só em circunstâncias muito especiais se lançará mão, nada de novo, também, nos seus princípios básicos (escalonamento, profundidade, org. do terreno, plano de fogos). Algumas alterações de detalhe na O. T. (buracos de raposa, uns abrigos sumários contra tanques e aviões, como elementos iniciais, em vez do antigo abrigo individual); maior reforço nos obstáculos anti-tanques e na camouflagem à observação aero-terrestre, que se fez verdadeira arte.

— A DOUTRINA chamada francesa, pois, está de pé. E' o mesmo o método de raciocínio tático que leva o cap. a resolver os problemas decorrentes das missões que lhe são conferidas, do mesmo paíso que na ofensiva ou na defensiva, são os mesmos os princípios básicos que devem conduzir os chefes de todos os escalões, incorporados à sua formação profissional.

"Nihil nuovo subsolo..."

Tais são, ao correr da pena e com a experiência já adquirida na F. E. B., as observações que ocorrem ao tradutor sobre a Cia de Fzcs no Exército dos Estados Unidos...

Colaboração eficiente ao esforço de guerra

Merce que se siente a colaboração que a Casa da Borracha Ltda., estabelecida à rua do Senado 11, vem dando ao nosso esforço de guerra. Em um mínimo de tempo adaptou as suas máquinas à produção de artigos essenciais aos serviços das indústrias bélicas, fabricando as milhares de luvas requeridas no trabalho das usinas e laboratórios onde se manipulam explosivos. Ao mesmo tempo entregava, com absoluta presteza, antecedendo-se aos prazos concedidos, as roupas de mergulhadores e toda a variedade de capas impermeáveis para as faias da aviação. Isto tudo custou transformações e prejuizos a que a Casa da Borracha Ltda. não olhou, porque era preciso atender ao apelo da defesa nacional. E' um exemplo que deve destacar-se e uma revelação de capacidade criadora que merece louvores.

Um restaurante à altura dos fóros de civilização da cidade maravilhosa

No 12.º andar da Associação Brasileira de Imprensa acha-se instalado o restaurant que o A. G. Balbis & Allievi Ltda., presenteou a cidade do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo que se completava a estrutura da Casa do Jornalista.

Sua organização é modelar, à altura das grandes casas do gênero de qualquer país civilizado. Sua cozinha excelente, onde se contam os pratos internacionais ao lado dos mais típicos do país. O ambiente agrada aos mais requintados e exigentes. O restaurant da A. B. I., como logo ficou conhecido, tornou-se, hoje, o ponto obrigatório de reunião da sociedade carioca.

Apezar da sua vida recente, já se celebrizou pelos banquetes em homenagens a homens públicos, diplomatas e artistas que ali se realizaram.

Além disso, de acordo com o estabelecido entre a firma exploradora e a direção da A.B.I., o restaurant estabeleceu preços especiais para os jornalistas, que, num ambiente, confortável, saboream os pratos mais saborosos por preços os mais econômicos.

O restaurant da A.B.I. é, assim, uma organização model r, que honra os fóros de civilização da Cidade Maravilhosa.

"A SELEÇÃO DO CHEFE NO EXÉRCITO ALEMÃO"

Tradução e adaptação pelo
Major ADALARDO FIALHO

William B. Ziff, afamado reporter americano, especializado em questões militares, em seu interessante livro "The coming battle of Germany", advoga uma mudança radical nos métodos de formação do oficial americano. Debatendo a questão, invoca o método alemão, apontando-o como um dos mais eficazes. Julgamos interessante divulgar em nosso exército os pontos principais do sistema de recrutamento de *chefs* do Exército alemão, que o autor classifica como sendo o responsável por espetaculares vitórias na presente guerra.

Entre as cousas que maior impressão nos causam, ao observarmos o Exército alemão, estão o seu alto grau de coordenação prática, o senso de realismo com que tratam os seus problemas e bastante estranho, a absoluta democratização do processo de seleção dos seus chefes. Em meio à geral corrupção nazista, como unica instituição que se conservou absolutamente limpa, figura o Exército. Não há, nele, senão um critério para a promoção e esse é a competência. Nem os direitos de nascimento, nem as ligações sociais ou outra qualquer afinidade influe nessa questão. Nem mesmo poderosas ligações com o Partido nazi. Joseph C. Harsch, em seu livro "Pattern of Conquest", informa-nos que u'a manobra do Exército, na

Alemanha, não é só um exercício abstrato, senão também um vigoroso meio empregado para descobrir competências e rejeitar incapacidades. O oficial que bem conduzir as suas tropas e conseguir um sucesso tático, em manobras, é instantaneamente promovido. Os que fracassam no campo são demitidos de seus cargos e mesmo rebaixados de posto, se suas deficiências se mostraram bastante acentuadas. Os alemães conduzem o seu sistema, para escolher os oficiais, de acordo com os mais modernos métodos. Desde o momento em que um recruta entra para as fileiras, é submetido a provas de aptidão e a um número sem fim de análises, nas quais todos os exames científicos de personalidade concebíveis são utilizados. Grande número de cientistas são empregados neste trabalho, bem como oficiais de carreira do próprio Reichswehr. Os candidatos aos postos do oficialato são examinados quanto à habilidade técnica, energia mental, pensamento claro e prontidão em executar planos até o limite de duração física. Conhecimentos formais são explicitamente dados como de importância secundária para as qualidades espirituais e as atitudes emocionais do soldado. Uma técnica especial é usada para a escolha de oficiais e de especialistas. Ela inclui o exame do relato da vida do examinando, de suas expressões faciais, de sua aparência, de sua voz e do seu falar. Tudo isso é cuidadosamente analizado em detalhe, de acordo com métodos que têm sido desenvolvidos em laboratórios psicológicos. Exames de inteligência e de interesse são empregados, ao mesmo tempo que se medem a vivacidade, a dexteridade manual e a habilidade para expressar-se logicamente, junto com a memória e a velocidade nas respostas. Tal exame requer 2 dias completos no Exército e 2 e meio na Aeronáutica, durante os quais os candidatos são confiados à Secção de Exame.

As qualidades requeridas para os oficiais são a imaginação, a habilidade em aprender depressa, a iniciativa e a aptidão para chefe.

Não há provas de memória, exceto para os futuros oficiais de ligação, dos quais se exige a repetição de complica-

dos relatórios, da especie que serão usadas na instrução ou no combate atuais. E' tambem incluida uma avaliação geral da competencia e da inteligencia inata, a qual é computada independentemente do total dos exames.

Completo registro é conservado do trabalho do oficial no campo, sua habilidade em conduzir homens, sua capacidade para resolver situações, seu desembaraço e sua eficiencia sob condições dificeis.

Uma importancia especial é focalizada sobre novas idéias e todos os anos o Ministerio da Guerra dá a todos os oficiais oportunidades de escrever teses de valor sobre assuntos militares. Esquemas visionários, desde que guardem relação com os planos de ação propostos, tão todos alimentados, tais como o desembarque de tropas de planadores ou uma técnica especial para a invasão de um dificil paiz montanhoso. Um brilhante jovem pode começar do nada e tornar-se um General lá pelos seus 40 anos. Homens que exibam qualidades de 1.^a classe para "Chefe" são pacientemente instruidos, mandando-se-os estagiar em todos os ramos importantes das forças de linha. Eles dispensem um periodo nas Unidades Aereas, onde se lhes ensinam a vôar e a embeberem-se na técnica do trabalho, desde a do bombardeio de mergulho até à do poderoso quadrimotor.

São, assim, "feitos em casa" nos segredos de todas as fases da estratégia aerea. Outro periodo é gasto a aprender como se cpera um regimento pánzer.

Em outro, servem na Infantaria e na Engenharia. Grupos escolhidos são ainda enviados à Marinha, por 2 anos, servindo em submarinos, navios de linha e outros vasos, a aprenderem as táticas navais. Tais oficiais são então apelidados "os tridimensionistas", devido aos seus conhecimentos gerais dos aparelhamentos militar, aereo e naval, permitindo-lhes uma habilidade em comandar não igualada senão por poucos grupos de outros oficiais em todo o mundo.

O Chefe alemão é ensinado a pensar em termos de força

armada nacional e não somente naqueles de sua propria especialidade. O fator competitivo não é nunca permitido voltar-se para o interior; ao contrario, é forçado para fora, sobre a circunferencia à qual pertence. Os resultados do método que acabamos de expôr (e eles falam mais do que a exposição) foram mais do que aparentes na conquista da Noruega, na batalha dos Paizes Baixos e da França, na campanha da Servia e da Grecia e na batalha de Creta, todas conduzidas fóra das tradições militares e apresentando problemas que teriam intimidado qualquer militar comum.

1822 - 1944

NA DATA COMEMORATIVA
DO 122.º ANIVERSARIO DA

INDEPENDENCIA DO BRASIL

a firma IRMÃOS CUQUEJO LIMITADA,
proprietaria do Grande Bar e Restau-
rante BRAHMA, saúda o glorioso

EXERCITO BRASILEIRO

O CHEFE E A TROPA

JALDYR BHERING FAUSTINO DA SILVA

1.º Tenente de Infantaria — Auxiliar de Instructor do C. P. O. R. do Salvador

Lendo nosso R.E.C.I., na 2.^a parte, encontramos um interessantíssimo artigo intitulado: "Ligaçāo moral entre chefes e subordinados".

Dentre as várias considerações de alto valor, destacamos algumas que nos servirão de base para a constituição deste pequeno trabalho:

Começa o regulamento dizendo da importância da disciplina e da solidariedade como qualidades militares primordiais, garantindo a ação do comando e a convergência dos esforços. Julga mesmo tão primordiais estas qualidades pessoais que, sem elas, a bravura, a tenacidade, e o espírito de sacrifício correm o risco de ser empregados em vão.

Estuda a ação do chefe como preparador da tropa para o combate, empregando-a, conduzindo-a e comandando-a até o fim.

Os esforços isolados dos subordinados não terão nenhum valor se não forem coordenados para um fim único por um chefe capaz.

Manda o chefe desenvolver a iniciativa em seus subordinados, mostrando que esta iniciativa só dará resultados quando cada um estiver compenetrado da unidade de doutrina. Esta unidade de doutrina é traduzida de um modo diferente para o soldado e para o oficial, áquele será por meio de reflexos criados pela instrução que dirigirão suas ações no combate, a este

não bastam os reflexos porque, para realizar as intenções do comando, precisa saber julgar e decidir.

No final do artigo, o nosso regulamento exalta tanto a ligação moral entre o chefe e o subordinado, que chega mesmo a dizer, de uma eloquente maneira, que esta ligação substituirá, no combate, ás interrupções inevitaveis da ligação material.

Este trecho final é simplesmente notável.

O chefe tendo, como se diz comumente, "a tropa na mão", realizará o milagre de substituir a ligação material tão necessária e tão difícil por uma outra: a ligação moral!

Devemos então, como chefes, ir á procura desta fantástica ligação moral que nem as vicissitudes do campo de batalha poderão destruir!

Só a conseguiremos com o tempo e pelo contacto diário com a tropa que comandamos se soubermos disciplinar e instruir nossos comandados, porque MORAL não se impõe, é fruto da confiança.

Para o chefe que assume o comando de uma tropa, esta se apresentará sempre sob três aspectos distintos:

1 — a tropa é nova, não possue instrução militar, isto é, inicia o período de recrutas;

2 — a tropa já possue instrução militar porem está mal orientada;

3 — a tropa possue instrução militar bem orientada.

Vemos assim que, para o chefe, a tropa não se apresenta sempre de uma única maneira. Para cada um destes casos é necessário aplicar certos princípios diferentes afim-de ser atingido o objetivo: a ligação moral entre o chefe e os subordinados.

Estudando cada caso em particular, vamos tomar contacto, inicialmente, com um chefe que assume o comando de uma tropa constituída de recrutas que irão iniciar seus primeiros passos na vida militar.

Em primeira mão surge, imediatamente, o complicadíssimo problema do programa de instrução como um bicho de sete cabeças.

Veze por outras, observam-se alguns chefes que, preocupando-se demasiadamente em mostrar seus largos conhecimentos e tirocínio, fazem uma obra monumental e cheia de enfadonhas citações de títulos, capítulos, artigos e trechos regulamentares.

Inicia-se o período com uma estrondosa cerimônia e, nos primeiros dias, tudo corre á risca conforme está escrito, porém, como a finalidade não foi propriamente a instrução da tropa e sim mostrar conhecimentos puramente teóricos, a cousa vai aos poucos esfriando, chegando mesmo, ás vezes, a se limitar á ordem unida ministrada pelos sargentos pela manhã e á celebre instrução dentro dos alojamentos á tarde.

Não houve outra cousa senão aquilo que habitualmente chamamos de "fogo de palha", ardeu muito de inicio mas foi de curta duração. No fim do periodo apresentar-se uma tropa sem eficiência por ter sido mal dirigida.

Ora, se este chefe, tivesse somente feito o que preceituam nossos regulamentos a cousa tomaria um rumo completamente diferente porque sábios são os preceitos regulamentares que possuimos; a questão será lê-los, compreendê-los e cumprí-los.

A instrução dos recrutas baseia-se nos programas que constituem um plano de ação ao qual se evita rigorosamente dar exagerada amplitude pela transcrição ou citação insípida e dispensável de textos regulamentares e começa a ser ministrada pelo tenente no âmbito de seu pelotão.

O recruta, por piores qualidades morais que possua, ao se ver dentro de um quartel, cercado de superiores por todos os lados, desde o cabo até o coronel, sente-se completamente aturdido.

Com o decorrer do tempo, ou alguém lhe deu a mão, instruindo-o e ele se tornará um ótimo soldado ou então, abandonado á sua sorte, começou, com os mais velhos, a se viciar e a aprender uma série de "golpes", tornando-se assim um péssimo elemento.

O tenente tem um pelotão de recrutas, este punhado de

homens apresenta-se inicialmente timido e receioso da disciplina militar, julgando ser ela uma verdadeira escravidão.

A estréia de um recruta tem muito maior importância do que geralmente se pensa.

Não se iluda porém o tenente com aquela timidez inicial de todos porque dentre aqueles há também máus elementos.

Cabe então ao tenente, a princípio, procurar manter constantemente esta tropa em estado de alarme, isto é, sempre alerta, sempre em atividades, já que esta deve ser para o soldado uma segunda natureza, adaptando-a, pouco a pouco, a todas as circunstâncias da vida militar e, sentindo as reações, ir separando lentamente o joio do trigo.

Findo o primeiro mês de instrução, já conhecendo os bons e os máus elementos, será necessário ainda continuar, sob o ponto de vista disciplinar, aplicando a disciplina preventiva e não ainda a coercitiva. Procurará, por todos os meios, educar os reacionários, esforçando-se por elevar-lhes o moral a-fim-de obter mais homens capazes para o serviço da Pátria porque educar também é uma missão do chefe, principalmente em nossa terra cujo índice de analfabetismo ainda se apresenta, infelizmente, bem grande.

Às vezes, faltas cometidas inicialmente pelos recrutas são fruto de sua ignorância e ainda aqui é sábio nosso regulamento mandando que tratemos aos recrutas, em particular, com interesse e benevolência.

Lembremo-nos de que no temperamento de cada homem há uma corda sensível pela qual poderemos conduzi-lo.

Assim, no fim de mais um ou dois meses terá o tenente recuperado alguns daqueles indivíduos que a princípio pareciam indisciplinados e máus elementos, mas no fim das contas possuíam apenas fracas arestas faceis de serem buriladas.

Dentro de uma companhia, surgirão então, fatalmente, os verdadeiros máus elementos que será preciso expurgar, aplicando as penas disciplinares, e aí mesmo ainda não a ferro e fogo, mas seguindo a graduação regulamentar, porque o castigo precisa ser aplicado ao grau de sensibilidade do acusado.

Cada chefe, desde o tenente até o comandante, sentir-se-á satisfeito com o resultado final de um período tão cheio de ensinamentos e instrução, só sendo necessário agora manter a disciplina desta tropa. O xadrez desta unidade que teve educação moral como base e instrução militar como fim, estará constantemente vazio porque "comandar é obter resultados pelo funcionamento normal do organismo militar e nunca por intervenção de todos os instantes" e "quando o meio militar for física e moralmente são, quando for guerreiro, calmo e alegre, nele o espírito de solidariedade se desenvolverá com poderosa intensidade e a educação militar se realizará espontaneamente".

Para um chefe que se depara com uma tropa já possuindo instrução militar porem mal orientada, o problema não se apresenta com tanta simplicidade como no caso anterior em que só era necessário dar normas e não ainda corrigir defeitos já velhos quanto á parte militar.

Sabemos que todo indivíduo que assume uma função, passa sucessivamente por várias fases, isto é, primeiro *começa a se ambientar*, procurando entrar em contacto com o novo meio e a fazer a ligação necessária com o trabalho de seu antecessor. Para o primeiro caso não houve trabalho anterior pois a tropa ia iniciar a instrução, porem, neste caso, já existe trabalho de um antecessor que não apresenta bons resultados.

Feita esta ligação necessária, o indivíduo inicia uma outra fase que será aquela em que ele, achando uma solução, vai pô-la em execução e *começa a produzir*.

Nesta segunda fase a solução se apresentará sempre de duas maneiras :

1 — O sucessor verifica que o trabalho de seu antecessor estava mal orientado, a tropa se apresenta mal em todos os ramos da instrução e então *começa a agir* empregando a disciplina coercitiva, isto é, aplicando punições e mais punições afim-de obter disciplina e instrução.

No fim de algum tempo terá alcançado o resultado desejado porem tudo aquilo é fictício pois não há ligação moral entre ele e seus subordinados mas sim um verdadeiro terror.

Foi implantada a disciplina do terror e ela é falsa porque falso é o comando.

Ao invez de cultivar em seus subordinados a bravura, procura fazê-los medrosos.

Findo algum tempo começarão a surgir pequenos casos que se irão avolumando para um dia assumir o caracter de crime militar.

A reação é sempre igual e em sentido contrário; lembremo-nos ser necessário respeitar a dignidade de nossos subordinados; que degradando o soldado diminuiremos o valor do homem e enfim que jamais disciplinaremos alguém procurando diminuir-lhe a personalidade.

2 — Conciente de sua força, sereno e calmo o chefe procura observar os defeitos deixados na tropa por seu antecessor. A esta tropa não cabe nenhuma culpa, está viciada e será preciso então reeducá-la.

O chefe anota todas as falhas e lentamente irá dando o remédio necessário.

Dê-se um soco sobre uma mola e ela imediatamente reagirá lançando nossa mão longe e saltando do lugar, mas experimentemos comprimí-la devagarinho que ela irá se adaptando e no fim seremos os dominadores.

Será necessário reeducar esta tropa e ás vezes este trabalho terá que ser iniciado no âmbito da oficialidade para chegar ao soldado por intermédio dos sargentos e cabos a-fim-de que os laços de união entre o chefe e a tropa se tornem sólidos.

Esta reeducação terá que ser iniciada ministrando-se muita educação moral nos momentos oportunos, passando-se também pelo campo da instrução geral com um esforço bastante pronunciado no que diz respeito á ordem unida.

Será um trabalho lento; só se alcançando um resultado depois de largo tempo porem será ele de uma solidez notavel.

Assim sendo, este chefe poderá aproveitar o êxito, fazer o seu quadro de trabalhos para o futuro, colher os frutos e aperfeiçoar sua obra, a terceira fase de quem assume uma função.

Obterá assim a ligação moral entre ele e seus subordinados que aos poucos adaptar-se-ão ás novas exigências do chefe sentindo-se até satisfeitos.

Poderá submeter sua tropa a um "test" de disciplina e este "test", como já se disse muito bem, é comprovado nas retiradas, nos ataques, no frio, na chuva, na fome, no perigo e na confusão quando as almas e os corpos dos homens se revoltam contra maiores sofrimentos e riscos. Um chefe que pôde conseguir um esforço extra não importa quão desesperada seja a esperança de seus homens deante dessas circunstâncias, deve ser considerado como o verdadeiro comandante e a sua disciplina é a mais real.

Para o terceiro caso de nosso estudo não precisamos nos alongar pois se um chefe assume o comando de uma tropa que possue uma instrução militar bem orientada nada mais terá a fazer do que conserva-la e aperfeiçoa-la.

Restaurante Reis

Reis, Almeida & Cia.

O Restaurante que pela qualidade e pelo preço pôde servir desde o General aos soldados das forças expedicionarias

Avenida Almirante Barroso, 18 e 20

Telefone: 22-0993

RIO DE JANEIRO

Felizes Américas

ONDE "BOMBA" AINDA SIGNIFICA

← ISTO... E NÃO ISTO



REFLITA! O nosso continente é o único que ainda não ouviu o estrondo de uma bomba do Eixo. Somente aqui nas Américas bomba ainda é símbolo de progresso e paz — a bomba de gasolina.

A guerra força o aperfeiçoamento de muitas coisas a ela necessárias. Especialmente no que diz respeito ao petróleo. Melhoram-se combustíveis e lubrificantes; descobrem-se novas aplicações do petróleo. São aperfeiçoamentos de que, quando vier a paz, o sr. receberá os benefícios.

Nessa tarefa de tudo melhorar, a Organização Esso sempre ocupou e continua a ocupar destacado papel. Também para o futuro, a Standard Oil Company of Brazil espera, ansiosamente, pelo dia em que as bombas ESSO serão vistas de novo, abastecendo abundantemente as necessidades dos automobilistas de todo o Brasil.

• • •
Ouça diariamente o Repórter Esso através das rádios: Nacional, do Rio; Record, de São Paulo; Inconfidência de Minas Gerais, de B. Horizonte; Farroupilha, de P. Alegre; e R. Clube de Pernambuco, de Recife.



STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL

A República Argentina e o seu Exercito

Artigo do Cel. *Carlos Van Der Beck*,
Diretor da Escola Superior de Guerra da
Argentina, publica no número de outubro de
1938 da "Revue Militaire Générale"

Trad. — *Cap. Malvino Reis Netto*

I — O PAfS

A — *Situação e limites*

A república Argentina se estende, de Norte a Sul, sobre um comprimento de 4.650 Kms., gosando assim todos os climas, mas com predominancia do clima temperado, o que é uma das causas de seu extraordinário desenvolvimento economico.

A República é, com o Chile, o país mais ao Sul da América Meridional e do Oceano Atlântico, rota marítima que a põe em comunicação direta com a Europa. A Argentina não tem acesso natural ao Pacífico.

Ocupando uma posição central, ela é limitada por cinco nações: ao Norte pela Bolivia e Paraguai; a Oeste pelo Chile; a Leste pelo Brasil, Uruguai e Oceano Atlântico e ao Sul por este Oceano e pelo Chile; suas fronteiras têm uma extensão de 12.000 Kms. e apresentam as mais diversas características: 4.800 Kms. de alta e media montanha separam-na do Chile e de uma parte da Bolivia; 3.200 Kms. de cursos d'água (Pilcomayo, Paraguai, Paraná e Uruguai) lhe servem de limite com as repúblicas do Paraguai, Brasil e Uruguai; seu litoral tem uma extensão de 4.000 Kms.

Sua superfície é, em cifras redondas, de 2.800.000 km². Seu perímetro poderia conter folgadamente dez países europeus: Alemanha, Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Noruega, Portugal, Suécia e Suíça. A Argentina ocupa o 5.^º lugar entre as nações do Globo (sem levar em conta as possessões coloniais) e o 4.^º entre os países do Continente Americano, em seguida aos Estados Unidos, Brasil e Canadá.

Sua população, de raça branca, é de 12.470.000 habitantes, inclusive 30.000 indígenas, apenas, distribuídos nas regiões do Chaco. Os cinco países limítrofes formam um total de 58.441.000 habitantes. (1)

B — *Regiões Naturais*

As grandes regiões naturais, resultantes da combinação da estrutura e do relevo do solo, do clima e da vegetação, são: a Planicie, a Mesopotamia Argentina, o Planalto das Missões, as regiões Montanhosas, os planaltos da Patagônia e o território da Terra do Fogo.

1 — A "Planicie" se extende sobre a maior parte do território e, em particular, sobre a parte do Norte e do Centro, desde a linha formada pelo rio Paraná e as costas do Atlântico até os pés da Cordilheira.

A parte norte — chamada "Chaco", de uma palavra indígena que significa "terrenos de caça" — compreende uma superfície de 500.000 km². Esta região marca, ao Norte, o limite com o Paraguai e a Bolívia. Compreende os territórios do Chaco e de Formosa, a metade Norte das províncias de Santa Fé e de Santiago del Estero e a metade oriental da província de Salta. O solo muito uniforme se abaixa em declive suave de Oeste para Leste, sua altitude mais elevada sendo de 300 metros e a menor, de 100 metros. A região é muito fértil e o regime das chuvas bastante irregular. Ela possui magnificar florestas e imensas zonas de cultura e de pastagens naturais disseminadas aqui e ali, no interior das florestas.

A parte Sul, é denominada "Pampa". A zona oriental ou "Pampa" propriamente dito, compreende a sexta parte do país, ou sejam as províncias de Buenos Aires, Santa Fé (Sul) e Córdoba (Sul) e o território do "Pampa" (Norte) e é maior do que toda a Espanha. Seu solo plano, fértil e sem asperezas, o clima e as chuvas suficientemente abundantes, constituem fatores naturais que favorecem seu desenvolvimento econômico; esta região é, também, considerada um dos celeiros do mundo.

O "Pampa" ocidental, coberto de terras com matas, algumas vezes densas e impenetráveis, é seco e árido, porque as chuvas diminuem de Leste para Oeste. Onde quer que a irrigação artificial é possível, surgem verdadeiras "Oasis", cuja importância econômica é grande. (2)

2 — A "Mesopotamia Argentina" é formada pelas províncias de Corrientes e de Entre Ríos, (160.000 km²), que são cercados por dois grandes rios: o Paraná e o Uruguai. Exceto a parte sul que é plana, baixa e coberta de enormes lençóis d'água (3), pantanais e lagoas, as ondulações do terreno, dominadas por "Cochilos" (4) não são insignificantes. É uma região fértil onde a vegetação alterna com o terreno descoberto e os bosques, formando, assim, parques e savanas.

3 — O "Planalto das Missões" compreende o território assim denominado e fórmá como que um apêndice situado no angulo Nordeste da Mesopotamia. Floresta quasi tropical, tal é seu aspecto predominante.

4 — As "Regiões Montanhosas" pertencem a Puna, as montanhas secundárias do Pampa e a Cordilheira dos Andes.

A "Puna", situada na extremidade Norte do país, é um vasto altiplano dos Andes que penetra na Bolivia e no Chile. A parte argentina é chamada Puna de Atacama (5); a densidade de sua população — um habitante para 30 (trinta) quilômetros quadrados — dá uma idéia de sua inhospitalidade. As partes baixas se elevam a 3.800 metros acima do nível do mar e seus picos culminantes, são cobertos de neve, ultrapassam 6.000 metros. A "Puna" se prolonga na direção de Leste, toma o nome de Montanhas de Salta e Jejuí (6) e se interna no Chaco, sofrendo um abaixamento gradual de altura.

4 As "Montanhas do Pampa", ao sul da Puna, penetram no Pampa Ocidental segundo uma direção Noroeste-Sudeste, se extendendo sempre cada vez mais e formando um tipo topográfico particular (7). O sistema de Famatina, de crista nevósas, atinge 6.000 metros de altura. São montanhas áridas, exceto o Aconquija, que recebe 2.000 milímetros de chuva por ano. No sopé da montanha, como que embutida no massiço, acha-se Tucuman, o "Jardim da República", de vegetação quasi tropical e cujo solo fixou a maior densidade de população do país: 18 habitantes por km².

A projeção da "Cordilheira dos Andes Argentina" sobre o continente europeu concidiria com um arco meridiano traçado do cábo Norte, na Escandinavia, até Tunis, ao norte da Africa. Pode-se distinguir a cordilheira do Norte ou Real e a do Sul ou Patagonica, ligadas entre si por uma zona de transição compreendida entre 37° e 38° de latitude Sul. A cordilheira Real, submetida a um clima seco, tem uma vegetação extremamente pobre; é ao norte da província de Mendoza e ao Sul da de San Juan que se encontram os mais altos cumes (alturas medias e absolutas). (8) As *passagens* para o Chile, situadas a uma altitude superior a 4.000 metros, são obstruídas pelas neves durante a maior parte do ano. Ao pé da Cordilheira, a irrigação é a principal fonte de riqueza. A cordilheira Patagonica é caracterizada por uma altitude menor, uma humidade maior e por uma temperatura menor. O limite das neves eternas se abaixa até 2.000 - 1.000 metros; as cristas nevósas e as geleiras vão aumentando gradualmente para o Sul, ao ponto de cobrirem toda a cordilheira, a partir do paralelo 46°. Si bem que menos elevada, ela só permite o estabelecimento de comunicações com o Chile, no Território de Neuquen, sobretudo ao Sul deste Território.

Existem lagos muito bonitos e também vastas extensões de gelo,

algumas ainda inexploradas. Junto da Cordilheira, nos grandes vales preandinos as condições de vida são favoráveis.

5 - Os "Planaltos da Patagonia" se estendem para o Sul, desde o paralelo 40° até o estreito de Magalhães e, para Oeste, do Atlântico até às faldas da Cordilheira. Uma série de degraus ou terraços que se elevam de Leste para Oeste, tal é o traço essencial de seu relevo. Elas ocupam uma superfície de 800.000 km² cuja população é de 140.000 habitantes, espalhados pelos territórios de Neuquen, Rio Negro, Chubut e Santa Cruz. Fazem parte da região seca do país e a ausência de água é um obstáculo à colonização intensiva. Nos vales que se prestam à irrigação, têm surgido verdadeiros "oasis".

6 - Desta breve exposição consegue-se que a Argentina ocupa uma posição central cujas fronteiras têm um perímetro imenso. Este fato, favorável ao comércio e às relações intelectuais, é prejudicial sob o ponto de vista militar: os teatros de operações eventuais estão, com efeito, muito afastados uns dos outros e apresentam características geográficas essencialmente distintas que têm uma influência direta sobre a organização e a conduta das tropas.

Sob o ponto de vista econômico, chega-se à conclusão que a maior parte do solo é fértil e se presta como tal às mais diversas culturas, dando um rendimento excelente em troca de pequenos esforços. É isto que explica a predominância da cultura intensiva, sem esquecermos, entretanto, que este sistema de produção depende também da densidade de população. Numa superfície total de 279 milhões de hectares, 40 milhões podem ser considerados como não cultiváveis; 190 milhões de hectares se prestam admiravelmente tanto à agricultura como à criação, mas sómente 40 milhões são explorados; as florestas e as matas cobrem 50 milhões de hectares.

B — POPULAÇÃO

1 — A população é sobretudo constituída por indivíduos de descendência europeia, principalmente espanhóis e italianos; entretanto, pode-se dizer que descendentes de todas as nacionalidades contribuem para o povoamento do solo. É um país de imigração, mas neste cadiño formado pelo meio geográfico e histórico, as multidões imigrantes se fundem e se amalgam para constituir o tipo característico de nossa nacionalidade. (9). Com a República Argentina acontece o mesmo fenômeno que se verifica nos Estados Unidos: ela forma um quadro ideal de vida em sociedade para o qual convergem todas as correntes de imigração; mas seu poder de assimilação é tal, que imprime uma forma original àquele que vem de fora e, desde a primeira geração, os tipos mais diferentes tem cravado profundas raízes no seu solo e formam como que a síntese viva de sua unidade moral, do mesmo modo

que sua unidade geográfica reuniu as regiões e climas mais variados para constituir um todo perfeitamente equilibrado. No decorrer dos 38 últimos anos, a população triplicou; si bem que, em virtude das restrições impostas à imigração, o ritmo de crescimento tenha diminuído em 1932, 1933 e 1934, aumentou em 1935 e 1936. A população urbana é a mais numerosa (60%) e a cidade de Buenos Aires contém a 5.^a parte do total da população, ou sejam 2.350.000 habitantes, segundo o censo municipal de 1936. A repartição muito irregular da população depende do grau de riqueza das regiões naturais: a zona do litoral, acolhe 65% (8.400.000); a do centro, 21% (2.600.000); a de Oeste 8% (1.100.000) a do Norte, 4% (425.000) a Patagonia, 1,3% (200.000).

2 — A instrução pública depende do governo federal e das províncias. A instrução primária é obrigatoria para todas as crianças que tenham 6 anos *completos*, entretanto, a proporção de analfabetos é ainda muito grande (30% em 1928). Existem 12.490 estabelecimentos de ensino primário, 58.900 professores e 1.670.000 alunos. O ensino secundário é ministrado em 74 colégios do governo. O ensino superior é ministrado em 24 faculdades, que dependem de 5 universidades, e mais 5 institutos especiais que são: Professorado Secundário. Academia Nacional de Belas Artes, Conservatório Nacional de Música, Instituto Superior de Educação Física, Escola Superior de Belas Artes.

3 — Sob o ponto de vista político, a República Argentina é um estado federal compreendendo 14 províncias (10), tendo cada uma seu governo, 10 territórios federais e o Distrito Federal de Buenos Aires. A constituição Argentina é uma das mais liberais do mundo e de algum modo semelhante à dos Estados Unidos, que lhe serviu de modelo. É baseada na divisão clássica dos 3 poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário.

C) — RIQUEZA ECONÔMICA

A riqueza econômica da República Argentina é sobretudo, constituída pela agricultura e pecuária. A agricultura é a sua principal fonte de riqueza. Em 1936, foram semeados 20 milhões de hectares de cereais: trigo, milho, aveia, cevada, centeio e milho miúdo; produção foi de 20 milhões de toneladas. A cultura do arroz, da cana de açúcar, do algodão (11), do fumo e do mate é também importante. Si a agricultura foi obra do imigrante, em compensação a pecuária foi, desde a época da colonização, a ocupação tradicional e característica do "criollo". Atualmente, nosso gado é o mais famoso do mundo e o comércio das carnes congeladas ocupa um lugar dos mais importantes (12). A produção da lã atingiu um nível muito elevado e a indústria de laticínios é um fator de riqueza (13).

Quanto à exploração das minas a produção de petróleo é a unica, no momento, que é importante, si bem que não seja suficiente para atender às necessidades do consumo (14). A hulha e o ferro não são explorados.

O desenvolvimento das indústrias manufatureiras foi, em nosso país, uma consequência da guerra européia. Nos ultimos anos e graças à iniciativa privada apoiada pelo governo, elas tomaram um desenvolvimento surpreendente. Segundo o recenseamento industrial de 1936, existem 35.234, estabelecimentos industriais, cuja produção foi avaliada em 3.442.408.296 de pesos papel.

O país é cortado por 41.400 km. de vias férreas, metade da rede sul-americana, construidas unicamente por satisfazer às necessidades econômicas. A rede de rodovias está em pleno desenvolvimento, desde 1932 (15). Várias linhas aéreas percorrem seu imenso território que se presta admiravelmente ao vôo mecânico e o unem aos outros países do continente e da Europa (16). Buenos Aires é o maior porto da América do Sul e um dos principais do mundo.

Para dar uma idéia da próspera situação econômica da Argentina, é bastante dizer que seu comércio exterior (17), seu consumo de petróleo, o número de seus aparelhos de rádio, seus serviços postais, seu consumo de papel de impressão, etc., igualam ou superam as cifras reunidas das 9 outras nações sul-americanas, enquanto que sua dívida externa é menor. A república Argentina ocupa o 3.º lugar entre os países produtores de cavalos e de animais de carga vindo após os Estados Unidos e a Rússia.

Poucos exércitos parecem, pois, achar-se em melhores condições para tirar vantajoso partido dos dois elementos que se completam: o cavalo e o motor. A motorização acarreta servidões tais, que mesmo os países industriais hesitam em sacrificar suas formações hipomoveis.

Além disso, o assunto não é exclusivamente estratégico e tático é, também, nacional. A Argentina tem plena e inteira liberdade de adotar a rotina que melhor lhe convenha.

D — POLÍTICA INTERNACIONAL

A posição da Argentina na política internacional é bem conhecida. Ela tem sempre sustentado e posto em execução a primazia do direito, da razão e da justiça sobre qualquer outro sentimento, doutrina ou obrigação. Ela mantém as mais cordiais relações com os países vizinhos, relações estas baseadas em uma sincera amizade e um perfeito espírito de colaboração. De 1868 a 1905, a Argentina assinou com todos seus vizinhos tratados de arbitragem (18) e, em 3 ocasiões diferentes, as questões de fronteiras foram submetidas à sentença arbitral

de uma potência amiga (19). A recente guerra entre a Bolívia e o Paraguai, a despeito de sua longa duração e da situação central dos beligerantes, não se alastrou graças à sabedoria e ao espírito pacifista dos governos vizinhos; a paz foi assinada em Buenos Aires e foi, sem contestação, obra do presidente Justo. A Argentina fez ato de presença em todos os Congressos e Conferências internacionais ou panamericanas destinadas a melhorar e consolidar as boas relações entre os povos.

Os limites atuais da República Argentina são os que ela já ocupava no quadro das Províncias Unidas que formavam o Vice-Reinado do Prata; elas não são pois uma linha traçada ao acaso dos tratados; elas marcam os limites onde, sem violência, se deteve o impulso revolucionário que partiu de Buenos Aires. Com efeito, a República Argentina antecipando-se a todos os povos sul-americanos em seu movimento de independência, iniciou uma nova era nos destinos desses países. Ela deu assim um exemplo de progresso, é certo, mas também de moderação: esse movimento não teve nunca um caráter opressivo e ela nunca desejou fazer cair pelas armas as barreiras que pareciam opor-se à sua expansão; ela aguardou que esses países tivessem consciência de sua unidade nacional e este foi o impulso generoso de um povo que procura se libertar para dar liberdade aos outros e para construir o futuro sobre idéias de liberdade e de humanidade, divisa que se poderia inscrever no começo de sua história.

Sua missão humana se confundiu sempre com a sua missão nacional e sua conduta tem sido sempre pautada pelo alto conceito que ela faz da moral internacional.

Atualmente, a República Argentina é membro da Liga das Nações e o pacto de "não agressão" do chanceler argentino Saavedra Lamas, prêmio Nobel de Paz 1936, foi aceito e assinado por quase todos os países do mundo.

II — O EXÉRCITO ARGENTINO

A — *Tradição*

O exército argentino é ufano, com justa razão, de sua gloriosa tradição; a de ter sido o braço que tomou as armas para criar e defender as instituições argentinas.

Sua origem data do próprio começo do momento revolucionário e libertador de maio de 1810. Desde essa época até 1822, ele interveio nas guerras da independência argentina e sul-americana. Em 1817, sob a direção genial do general San Martín, ele abriu uma passagem através dos mais altos cumes da Cordilheira dos Andes e em duas batalhas, em Chacabuco e em Maipú, decidiu a libertação do Chile e enveredou no caminho da emancipação definitiva de toda a América Espanhola. De

fato, em fins de 1820, uma expedição chileno-argentina, conduzida pelo próprio libertador, desembarcou nas costas do Perú para abater o último reduto da dominação espanhola. A campanha dos Andes merece ser estudada e o general San Martin (20) pode figurar entre as grandes capitães do passado. Suas virtudes guerreiras e cívicas fazem-no o protótipo mais perfeito do soldado e do cidadão; seu exemplo é a fonte pura onde nossos oficiais bebem sem cessar e saciam seu espírito; o fator luminoso que guia a consciência de nossas gerações. Ele se recolheu voluntariamente ao ostracismo e viveu na França longos anos, falecendo em Boulogne-Sur-Mer, em meados do século XIX; aí, face ao mar, a França, nobre e generosa, lhe erigiu uma magnífica estátua que immortaliza os traços vigorosos deste grande homem.

Enquanto que uma parte do exército lutava em terra estrangeira, para a emancipação de povos irmãos, a outra parte desaparecia arrastada no turbilhão que a anarquia desencadeou sobre nós em 1820. Ele foi reorganizado em 1825 e interveio na guerra contra o Império Brasileiro.

Até 1861, houve uma série de guerras de coligação com os povos vizinhos e também de lutas intestinas, resgate de nossa organização nacional. Logo após realizada esta suprema aspiração e pacificando o país irrompe a longa e sangrenta guerra da Tríplice Aliança (Argentina, Brasil e Uruguai), contra o ditador do Paraguai. Não menos sangrentos nem menos crueis foram as lutas que ele teve que sustentar, à força de heroísmo, contra os índios (1810-1833), para defender a vida e os bens dos colonos e submeter a totalidade do território à autoridade nacional. Pode-se proclamar com toda a sinceridade que a espada argentina nunca foi posta a serviço de causas injustas ou de interesses mesquinhos.

B — Missão

Em 1901, a promulgação da lei do serviço militar obrigatório inicia uma nova era. O velho e glorioso exército se adapta pouco a pouco à nova orientação, sua estrutura e sua própria essência se transformam para atingir este alto grau nas realizações modernas, de que ele se orgulha. Desde então, o ministro não é somente um instrumento de guerra que garantiu a paz e a integridade do país pelo respeito e estima que inspira os outros países, mas também uma instituição eficiente de cultura e de unificação nacional.

E' preciso não esquecer que o exército foi e ainda é um meio de estreitar os laços que nos unem aos povos vizinhos; assim, por exemplo, em 1927, as Escolas Militares do Chile, Bolívia, Paraguai e Uruguai, se reuniram em Buenos Aires; no ano seguinte a nossa escola retribuiu esta visita. Recentemente por ocasião da visita do Presidente do

Brasil, Dr. Getulio Vargas, à Argentina, a Escola Militar desse último país foi nossa hóspede e, em 1937, nosso exército prestou homenagens aos Exércitos brasileiros e chileno por ocasião de suas festas nacionais. E não poderia ser de outra maneira, não é uma mesma raça, cujas tradições e aspirações são comuns, que povoam o sólo sulamericano?

C — *Organização atual*

I — No orçamento, o anexo F (Guerra) ocupa o terceiro lugar e representa aproximadamente, 10% (21). Após o sorteio, os conscritos são submetidos à rigorosa inspeção de saúde — radioscópica e rádio-gráfica — e são incorporados por um ano; seu número é inferior à quarta parte de sua classe (22). A afirmação de que na Argentina o número de professores é o dobro do de soldados é em todo tempo verdadeira. O serviço militar é prestado dos 20 aos 45 anos. A lei prevê a convocação periódica das reservas. Levando em conta as exigências atuais, considera-se que um período de preparação de 12 meses (10 meses de instrução efetiva) não é suficiente, sobretudo com efetivos reduzidos.

De acordo com a Constituição, o presidente da República é o chefe supremo de todas as forças armadas da Nação. Ele exerce o comando do Exército por intermédio do Ministro da Guerra. Atualmente, nos meios profissionais, discute-se a necessidade de criar um Conselho de Defesa Nacional, calcado no modelo dos que já existem em alguns países da Europa e da América, ou um Ministério de Defesa Nacional.

Sob o ponto de vista da Administração e do Comando, o Ministro da Guerra tem ação direta sobre a Inspetoria Geral do Exército, Estado Maior Geral, Quartel Mestre Geral, Direção Geral dos Institutos, Divisões e os elementos não endivisionados, Comando das forças aéreas e Serviços destinados a satisfazer às necessidades do Exército.

II — A INSPETORIA GERAL é o órgão que serve de intermediário para que o Ministro da Guerra possa exercer o comando de todas as forças armadas, e centraliza tudo o que diz respeito à preparação para a Guerra: organização, mobilização, preparação técnica (instrução e serviço da tropa). À sua frente está colocado um Inspetor Geral cujos colaboradores diretos são os Inspetores das diferentes armas. A experiência demonstrou que a Inspetoria Geral, criada em 1923, é um órgão centralizador eficiente, e suas "Diretrizes para a instrução dos oficiais e das tropas no Exército" confirmaram-na com instrumento perfeito para assegurar a uniformidade.

III — O "QUARTEL MESTRE GERAL" centraliza, no que diz respeito à preparação para a guerra, as Diretorias Gerais dos diversos

serviços, que são os seguintes: PESSOAL, cuja autoridade se estende sobre tudo o que se refere ao pessoal militar, assemelhado e civil do Exército; sobre a Justiça Militar e o clero militar; MATERIAL DE GUERRA, que é responsável pela administração, conservação (um arsenal central e dois regionais), ensaios, compra, fabricação e fornecimento de equipamentos e de material de guerra; ADMINISTRAÇÃO que coordena os serviços administrativos do Exército (vencimentos, pensões, fardamento e transportes, inspeção e controle de despesas, etc.); SAÚDE; INSTITUTO GEOGRÁFICO MILITAR, encarregado do levantamento da carta topográfica do país, da impressão dos Boletins oficiais e dos regulamentos militares; REMONTA, que se ocupa do estudo e do desenvolvimento das fontes produtoras de animais necessários ao Exército e de sua distribuição; SERVIÇOS TÉCNICOS, encarregados da instrução, conservação, preparação e novas construções dos quartéis e edifícios militares; e, finalmente, TIRO E GINÁSTICA, destinados a ensinar metodicamente o tiro e a ginástica aos jovens de menores de 20 anos e aos reservistas, e a prover o país de "polígonos" e de "ginásios" com o fim de generalizar esta instrução.

IV — O ESTADO MAIOR GERAL preenche, como tal, as funções que lhe são atribuídas. A Escola Superior de Guerra depende deste órgão.

IV — O ESTADO MAIOR GERAL preenche, como tal, as funções que lhe são atribuídas. A Escola Superior de Guerra depende dêste órgão.

V — A DIRETORIA GERAL DOS INSTITUTOS — Tem sob suas ordens dirétas o Colégio Militar, as Escolas das Armas, a Escola Superior Técnica e a Escola dos Sub-Oficiais. Além disso, ela está autorizada a inspecionar as seguintes escolas de especialidades: de Administração, de Mecânicos, de Enfermeiros e de Auxiliares, de Fereadores e de Veterinários.

D — *Escolas Militares*

I — O COLÉGIO MILITAR criado por uma Lei que data de 1869, é, em tempo de paz, a única fonte de recrutamento de oficiais combatentes. Anualmente é realizado um concurso de admissão; os numerosos candidatos à carreira militar são submetidos a uma rigorosa seleção física, moral e intelectual. No Colégio, a educação e a instrução militar são ministradas, para cada arma, no quadro de um batalhão de Infantaria, de um esquadrão de Cavalaria, de uma bateria de Artilharia, de uma Companhia de Engenharia e de um esquadrilha de Aeronáutica.

Os alunos aviadores completam seu último ano na Escola Militar

de Aviação. A duração da preparação teórico-prática é de cinco anos, após os quais os alunos são promovidos à sub-Tenente de Infantaria, de Cavalaria, de Artilharia, de Engenharia ou de Aviação.

A educação e a instrução dos alunos-oficiais — os cadetes — tem por finalidade primordial dotá-los das qualidades intelectuais, físicas e técnicas necessárias ao oficial, e sobretudo desenvolver nêles as altas virtudes morais, inculcando-lhes a preponderância do sentimento do dever, de honra, de espírito de sacrifício e de camaradagem sobre todos os outros fatores. Se se considera atingida essa finalidade essencial, na formação do oficial argentino, a existência de um só colégio militar para todas as Armas parece-nos uma circunstância das mais felizes; por este motivo, julga-se que não convém recorrer a outros sistemas de recrutamento mais rápidos, e portanto, menos onerosos. Não é tudo: a passagem pelo Colégio estabelece amplos laços de solidariedade espiritual, porque cada turma está em contato com as quatro turmas anteriores e com as quatro seguintes, laços mais do que necessários uma vez que nossas Guardiões do tempo de paz estão disseminadas por toda a extensão territorial. A afeição e o respeito que o povo da República tributa ao Exército se manifestam principalmente para com os "Cadetes", que gosam da amizade e da simpatia de todas as classes sociais.

Se se considera a missão de cultura social e de unificação nacional que incumbe ao Exército as importantes tarefas que pesam sobre ele em tempo de guerra e a duração reduzida do serviço militar, conclui-se que o corpo de oficiais assume uma grande responsabilidade diante do país; por consequência, sua preparação deve ser objeto dos maiores cuidados. Uma das sérias dificuldades com que se choca a instrução do Exército Argentino reside na falta de uma experiência pessoal da guerra. Desde o fim da guerra do Paraguai, já decorreram 70 anos, e, nesse intervalo, transformações de natureza fundamental se produziram na arte da guerra.

O COLÉGIO MILITAR forma um instrutor, um educador e um condutor de homens, para o escalão pelotão. Sua preparação, e seu aperfeiçoamento se coroam nos corpos de tropa, sob a direção de seus comandantes, por meio de conferências, de exercícios táticos, de exercícios na carta e no terreno, de exercícios de quadros com e sem tropa.

Mas, devido à curta duração do serviço militar, aos reduzidos efeitos do tempo de paz e à falta de grandes campos de instrução que permitam reunir as diferentes Armas para realizar exercícios de conjunto, o oficial, nos corpos, se consagra quase exclusivamente à instrução do pessoal e ao serviço interno, com prejuízo de sua preparação como condutor de homens.

II — Antes de atingirem o posto de capitão, todos os oficiais combatentes seguem um curso de instrução que dura oito meses, nas *Escolas de Armas*, (23) curso destinado a aperfeiçoá-los na conduta tática do conjunto das diferentes armas e nos métodos de instrução. A instrução prática dos oficiais subalternos, nas escolas das diferentes Armas, (Centros de instrução) não pôde ter a mesma duração das dos exércitos em que o tempo do serviço militar é superior a um ano. E' por este motivo que estas Escolas devem limitar a duração de seus cursos práticos a alguns meses somente. E' indispensável haver sido "gravado" para ser promovido ao posto superior.

III — No final dos cursos, os oficiais retornam às suas Unidades ou entram na *Escola Superior de Guerra*, instituto de estudos superiores, fundado em 1900 e cuja finalidade principal é formar um núcleo de oficiais especializados nas funções de estado maior e aptos a exercer altos comandos.

Além disso, devido a uma necessidade que se faz sentir em nosso Exército, este instituto funciona de modo que os dois primeiros cursos sejam frequentados pelo maior número possível de oficiais, afim de preparar chefes no quadro da "Divisão", futuros instrutores de seus subordinados, preparando-os para o comando de Unidades e também aumentando seus conhecimentos gerais (24).

E' dada uma grande importância à tática e à História Militar. Não é sem interesse para o leitor francês, saber que no primeiro curso utilizou-se, para a História Militar (e os resultados foram excelentes) a obra — *Monthion* — do Cmt. René Michel, traduzido e publicado em espanhol, trabalho no qual o autor estuda o papel da 55.^a Divisão da Reserva, na batalha de Ourcq; e também o livro "Combate de uma Divisão" do cel. LOIZEAU que nêle relata o papel da 58.^a Divisão durante a ofensiva de fevereiro de 1918. Estas obras, estudando em detalhe a ação tática de uma divisão de Infantaria, facilitam grandemente a compreensão da realidade do campo de batalha moderno.

IV — A ESCOLA SUPERIOR TÉCNICA destinada, em princípio, ao aperfeiçoamento dos oficiais de Artilharia e de Engenharia, prepara atualmente, oficiais técnicos. Os oficiais de todas as Armas nela podem ser matriculados mediante concurso. Os cursos duram 4 anos; os dois primeiros são consagrados ao estudo das ciências físicas e matemáticas, e os dois últimos têm um caráter de aplicação científica. Os candidatos, ao terminarem o curso, saem especializados na fabricação de Armação, nas Transmissões, na Construção de Pontes, na Técnica Aéro-Química e no serviço Geográfico.

Não existe nenhum outro centro de altos estudos; é evidente que se sente a necessidade de criar um para oficiais superiores e um outro

para oficiais das forças de terra e de mar. O aperfeiçoamento que, devem adquirir os comandantes de unidades na conduta das operações táticas e estratégicas, está nas mãos dos quadros das Divisões (25), do Estado Maior Geral (26), da Inspetoria Geral do Exército (27) e é também função do esforço pessoal de cada um.

VI — É justo ressaltar o importante papel que, sob este ponto de vista, o Círculo Militar desempenha. Fundado em 1890, ele realizou uma notável obra de caráter social e profissional. Suas publicações são: a *Revista Militar* (mensal) e a *Biblioteca do Oficial*. Esta última publicação é única no seu gênero, no mundo inteiro (28). Ela publica, geralmente um volume de 300 a 350 páginas; o total de suas publicações está assim distribuído: 61 obras de autores argentinos e 169 traduções (96 do alemão, 55 do francês, 9 do inglês, 7 do italiano, 1 do suíço e 1 do japonês). As outras publicações postas à disposição do oficial, são: o *Boletim de Informação das Armas* (trimestral), publicado pela Inspetoria Geral do Exército e a *Revista de Informações*, editada pela Escola Superior de Guerra.

A tribuna do Círculo Militar, da mesma forma que a da Escola Superior de Guerra, foi honrada com a palavra de ilustres chefes estrangeiros e, entre eles, o eminentíssimo gen. Paul Azan, que deixou inesquecível lembrança (29). Oficiais de todos os postos frequentaram e frequentam atualmente diversas escolas da França, ansiosos de assimilarem os tesouros de experiência que seus mestres acumularam no domínio da guerra.

VII — A ESCOLA DE SUB-OFFICIAIS, que compreende: Um batalhão, uma bateria, um esquadrão, uma companhia de sapadores — pontoneiros e uma companhia de Transmissões, é a fonte de recrutamento dos sub-oficiais; eles saem cabos, após 2 anos de estudos teóricos e práticos.

E — Recrutamento e Preparação

I — O recrutamento da tropa é regional e o país está dividido em seis regiões militares que correspondem, cada uma, a uma Divisão a 3 Regimentos.

Além destas unidades e dos institutos militares já citados, existem, ainda: duas Divisões e uma Brigada de Cavalaria, dois Destacamentos de Montanha, uma Divisão Aérea e Destacamentos especiais (30). A Motorização vem sendo realizada progressivamente (31).

A instrução militar é dividida em períodos e é a instrução individual que ocupa o primeiro lugar, dada a importância que se empresta a minucia na preparação: um mês antes de terminar este período

começa-se a instrução do grupo de combate e da peça. Seguem-se os períodos de instrução de companhia, do esquadrão ou de Bateria, do Batalhão ou dos grupos e do Regimento. O ano militar termina com manobras ou exercícios combinados nos quais tomam parte, pelo menos, duas Divisões. Estas manobras são muito frequentes, se bem que exijam grandes somas destinadas aos transportes e coincidam com a época das colheitas.

II — A *Diretoria do Material Aeronáutico*, que compreende a Fábrica Militar de Aviões, a Escola Militar de Aviação (32), a Escola de Aplicação (33) e a Divisão Aérea n.º 1, formada por 5 Regimentos a dois grupos cada um, dependem do *Comando das Forças Aéreas* (34). Acaba-se de dar um grande passo na formação de pilotos civis criando a Diretoria Nacional da Aeronáutica que terá controle sobre o funcionamento da Escola Nacional de Aeronáutica.

III — O Recrutamento dos oficiais e sub-oficiais assemelhados efectuado pelas Diretorias Gerais, merece tantos cuidados quanto o dos quadros das armas.

Os oficiais do serviço de Saúde, do Serviço Veterinário, da Justiça Militar (cirurgiões, dentistas, farmacêuticos, veterinários e auditores), são escolhidos entre os profissionais universitários. Eles servem durante 3 anos a título precário e são efetivados após terem prestado um exame complementar.

Os quadros de Administração são formados pela Escola de Administração, de onde saem como sub-oficiais; após um estágio de vários anos, são submetidos a exame antes de serem promovidos a oficiais. Estes quadros devem assistir aos exercícios táticos na carta e no terreno, aqueles em que tomam parte os serviços, aos exercícios de quadros e às manobras; para atingir certos postos da hierarquia, é preciso frequentar cursos especiais cuja duração é variável e ainda submeter-se a um exame. Os professores de ginástica e de esgrima e seus ajudantes são formados em uma escola especial que funciona quando se torna necessário. Existe um corpo de capelães (clero militar).

IV — O armamento é moderno, pois foi quase inteiramente renovado levando em consideração as exigências da última guerra. Muito material foi adquirido de usinas francesas. A fabricação, no país, foi encarada de modo racional. Adotou-se um processo misto, tendo em vista o fato da indústria siderúrgica privada não ser ainda muito importante. O Ministério da Guerra criou algumas usinas e começou a fazer encomendas aos estabelecimentos particulares.

Os quartéis, construídos conforme as condições climáticas de cada região, são modernos e confortáveis.

* * *

O Exército Argentino, que está assim em vias de se desenvolver progressivamente, conserva com a Europa, e em particular com a França, múltiplos contatos, graças aos quais se opera um constante intercâmbio de idéias. Inspirando-se em sua tradição, contemplando seu passado e adaptando às condições particulares de seu país os métodos e os materiais novos, ele tem um caráter pessoal que é de muito valor para a nação Argentina.

O B S E R V A Ç Õ E S

- (1) — Brasil : 47.895.000; Chile 4.446.000; Bolivia 3.100.000; Uruguai 2.100.000; Paraguai 1.000.000.
- (2) — Parte das províncias de San Luiz, La Rioja, Catamarca, San Juan, Mendoza e Cordoba;
- (3) — A lençol d'água de Ibera (província de Corrientes) tem 20.000 km².
- (4) — Cochila — extensa elevação do terreno que representa a linha de divisão das águas.
- (5) — Conforme a divisão política, ela corresponde ao território dos Andes: 90.000 km² e 3.000 habitantes.
- (6) — Duas províncias argentinas vizinhas da Bolívia: 173.000 km² e 285.000 habitantes.
- (7) — As províncias Argentinas: Catamarca, La Rioja, San Juan (vizinhas do Chile) San Luiz, Cordoba e Tucumán pertencem à esta região.
- (8) — Aí se encontram os cumes mais elevados do país: Aconcagua, 7.000 metros; Mercedario, 6.700 metros; Juncal 6.100 metros; Tupungato 6.500 metros e as néves eternas, entre 6.000 e 4.000 metros.
- (9) — A população, segundo as raças, no fim de 1935 era (cálculo aproximado): Naturais de sangue europeu,

- 9.400.000 (76%); mestiços com vestígios de raças inferiores, 100.000 (0,5%), estrangeiros quasi todos europeus, 3.000.000 (23,5%).
- (10) — Provincia: Divisão política que contem mais de 70.000 habitantes.
- (11) — Em poucos anos, ela conquistou o 7.º lugar na produção mundial.
- (12) — Número de cabeças de gado em 1930 (em milhões) — Bovinos, 32; carneiros, 44; cavalos, 10; porcos, 4; cabras, 5; muares, 1.
- (13) — Produção em 1935 (toneladas): Manteiga 27.899; queijos, 22.594; Caseina 17.274.
- (14) — Ocupa o 10.º lugar na produção mundial. Produção 2.300.000 metros cúbicos; consumo 3.404.000 metros cúbicos.
- (15) — Data da criação da diretoria geral de "Viação" que dispõe de uma soma de cerca de 50 milhões de pesos produto do imposto sobre a gazolina.
- (16) — Air France, por exemplo.
- (17) — Em 1936, o comercio exterior foi de 2.772.423,390 pesos e acusou um saldo favorável de 539.000.000 — Em 1937, a exportação aumentou de 600.000.000 Um pezo vale 10 francos franceses. Classificada por produtos, ela foi, em 1936 (em milhões de pesos): agricultura, 962; pecuaria, 613; madeiras, 38; minerais, 9; pesca, caça e outras, 31; Principais compradores: Inglaterra 27,3%; Olanda, 18,6%; Estados Unidos 11,1%; Belgica, 10,4%; Alemanha, 6,4%; Dinamarca, 4,5%; França, 4,4%.
- (18) — Com a Bolivia em 1868 e 1902; com o Brasil em 1889 e 1905; com o Chile em 1902; com o Uruguai e o Paraguai em 1899;
- (19) — Arbitragem dos presidentes dos Estados Unidos da América em 1878 (litigio com o Paraguai) e em 1895 (litigio com o Brasil); do rei Eduardo VII, em 1902 (litigio com o Chile);

- (20) — Um breve resumo desta campanha, de autoria do Sr. Ten. Cel. Danton Teixeira, foi publicado no número de Julho de 1940, de "Nação Armada" (Nota do tradutor).
- (21) — Despesas (em 1933): 833 milhões de pesos. Ministérios: do Interior 121 milhões; da Justiça e Instrução Pública, 93 milhões da Guerra; 86 milhões.
- (22) — Efetivos de uma classe: 120.000; incorporados: 27.000.
- (23) — Escola de Infantaria (Um Batalhão com petrechos de acompanhamento); Escola de Cavalaria e Equitação (Um esquadrão, um esquadrão de metralhadoras e um pelotão de ligação); Escola de Artilharia (Um grupo mixto, um grupo de reconhecimento e um grupo de Artilharia anti-aérea); Escola de Transmissões (Dois Batalhões e um Esquadrão divisionários); Escola de Sapadores-pontoneiros (Dois Batalhões divisionários. As Escolas das Armas, exceto a ultima, estão reunidas na guarnição de Campo de Maio. Elas são tambem centros de experiencias e de ensaios de petrechos, de métodos de instrução e de conduta de tropa, cujos resultados são objeto de cursos de informação.
- (24) — Os 1.º e 2.º anos constituem o curso geral; segue-se o curso de estado maior. Há um concurso de admissão. A tática e as matérias correlatas, e a Historia Militar constituem a base do ensino. Os conhecimentos gerais ministrados compreendem: História, Geografia, Direito, Economia Política, Linguas, etc. No primeiro ano estuda-se a conduta do regimento e dos elementos suscetíveis de o reforçar; no segundo ano estuda-se a conduta da Divisão de Infantaria e da Cavalaria e no curso de Estado Maior, a dos Grupamentos superiores. A verdadeira seleção se processa por ocasião da admissão á este último curso.
- (25) — Exercícios táticos e de estado maior, no terreno;

- (26) — Exercícios sobre a conduta das operações (exercícios combinados de estado maior e de serviços, exercícios exercícios na carta para as armas e os serviços) trabalhos táticos (excursões e exercícios na carta), tra-
- (27) — Deslocamentos de tropas de Cavalaria, Artilharia, etc. no escalão Exército. Exercícios de quadros: Manobras. Em 1937, o primeiro exercício de quadros, no escalão exercito, foi realizado na fronteira Oeste e durou 8 dias.
- (28) — Desde Junho de 1937, possuímos também a nossa Biblioteca (Nota do Tradutor).
- (29) — Diretor da Revue Militaire Generale, em um número do qual foi publicado o trabalho que ora traduzimos (Nota do Tradutor).
- (30) — Um batalhão destinado aos arsenais e um regimento de *gendarmeria*.
- (31) — Nos serviços para a tração da Artilharia, etc., existe um Regimento de Infantaria Motorizado.
- (32) — A Aviação depende do Exército e da Marinha.
- (33) — Há dois cursos;
- (34) — Seu papel no quadro da arma aérea é semelhante ao das Escolas das Armas.
- (35) — Exceto a Fábrica Militar de Aviões, elas dependem da Diretoria Geral do Material de Guerra. Estão em atividade: Uma fábrica de munições para armas portáteis e uma fundição; em construção: uma fábrica de polvoras.

DESEJA TER BOA RENDA MENSAL?

Abra uma conta de depósitos a prazo fixo, no
Departamento Bancário de

A COMPENSADORA

Carta Patente n.º 1388 de 20-8-1936

Rua da Quitanda, 39 — 43-1068

O reconhecimento mecanizado no Exército Americano

II — Organização. Características e emprêgo dos veículos.

Capitão TASSO DE AQUINO

“BUSCA DE INFORMAÇÃO”: esta tem sido a missão confiada em todas as épocas á Cavalaria.

Para cumprí-la tem ela passado por grandes transformações em organização e emprêgo.

O aparecimento da arma de fogo alterou-lhe profundamente o modo de ação, obrigando-a ao combate a pé, e acrescentando ás suas características, mobilidade e potência de choque, mais a de potência de fogo.

A utilização da máquina em larga escala na atual guerra está forçando a Cavalaria a adaptar-se á essa nova modalidade.

De qualquer maneira, entretanto, qualquer que seja o meio de transporte utilizado, quaisquer que sejam os processos empregados, a missão será sempre a mesma: — “Busca de informação”.

Nenhum exército do mundo poderá prescindir dela, que é o elemento básico de qualquer decisão; nenhuma arma, sem as características da Cavalaria, e, sobretudo, sem que tenha os seus elementos possuidos de audacia, iniciativa e insaciável curiosidade, poderá obetê-la.

A Cavalaria viverá enquanto os chefes, para decidirem, precisarem de informação.

O exército americano deu á sua Cavalaria mecanizada uma organização prática e eficiente, e dotou-a de meios poderosos para cumprir a sua eterna missão.

Os órgãos de reconhecimento no exército americano estão organizados, possuindo meios em veículos, armamento e comunicações, que lhes premitem procurar e obter, com os seus recursos próprios, a informação desejada.

Tomemos para exemplo, o "Reconnaissance Squadron", que é o orgão de reconhecimento da Divisão de Cavalaria, e vejamos, rapidamente, como está ele organizado e equipado.

Façamos também um rápido estudo dos diferentes veículos e seu emprêgo, do armamento utilizado, bem como dos meios de comunicação.

COMANDO — "O Reconnaissance Squadron" é comandado por um Tenente Coronel (Command Officer), que tem para assistí-lo em sua função de comando, um Major-Sub-Comandante (Executive Officer) e um Estado Maior.

O Estado Maior é constituído de quatro seções, organizadas como se segue :

1.^a *Seção* — Pessoal (inclusive prisioneiros de guerra), recompensas, punições, esportes, divertimentos.

2.^a *Seção* — Informações sobre o inimigo, sobre as condições de tempo em território ocupado pelo inimigo, interrogatório de prisioneiros.

3.^a *Seção* — Operações.

4.^a *Seção* — Transporte, muniçãoamento.

Organização semelhante a que temos nos nossos Q. G., a partir de Divisão, mas que existe no exército americano desde Esquadrão, Bateria e Companhia.

Não são oficiais com o curso de Estado Maior os chefes de Seção. São chefiados por Capitães, as 1.^a, 2.^a, 3.^a, e 4.^a Seções, e por Major a 3.^a. Os chefes de Seção são chamados respectivamente S-1, S-2, S-3, e S-4.

Fazem ainda parte do Estado Maior o oficial de transmissões, o médico, o oficial de ligações e o oficial de motorização.

A 2.^a Seção é a seção que coléta, interpreta, e distribue todas as informações recebidas dos reconhecimentos, e onde o S-3 vai buscar os dados necessários á preparação dos futuros planos de ação da Unidade.

O Sub-Comandante orienta os trabalhos do Estado Maior; é o veículo de ligação entre o Comando e este.

TROPA — O “Reconnaissance Squadron” é constituido de 3 “Reconnaissance Trops”, 1 “Light Tank Company” e 1 “Assault Gun Troop”. São, portanto, 5 Sub-unidades, comandadas por capitães.

São 3 emprêgos diferentes, executados em carros de características diversas, com um objetivo único : “Busta de informação”.

“Reconnaissance Troop” — Dotada de “jeeps” e “armored cars”, veículos que permitem completa observação, e possuindo um armamento que a torna capaz de vencer pequenas resistências inimigas, é o elemento de reconhecimento propriamente dito do “Reconnaissance Squadron”.

Organização e equipamento — O “Reconnaissance Troop” é organizado em 3 Pelotões, de 3 teams. Cada team composto de 1 “armored car” e 2 “jeeps”.

Jeep — *Características e emprêgo :*

Características — grande velocidade em estradas, excepcional mobilidade através campo, pequena silhueta.

Por essas características é o veículo por excelência de reconhecimento.

“Armored Car” :

Características: grande velocidade em estradas, razoável mobilidade através campo, poderosos meios de comunicação.

Sua limitada mobilidade através campo e relativa grande área que precisa para manobrar, fazem o "armored" particularmente sujeito às emboscadas.

Essas deficiências devem ser levadas em conta no seu emprêgo.

Armamento — E' notável a potência de fogo dos Pelotões do "Reconnaissance Troop".

Eles são dotados de canhões de 37 mm anti-tanque, metralhadoras 30, morteiros 60 mm., além das armas individuais levadas pelos homens que formam as guarnições.

A distribuição desse armamento é a seguinte :

3 canhões 37 mm anti-tanque (um em cada "armored car"); 6 metralhadoras 30 sendo uma em um dos "jeep" de cada team e uma em cada "armored car"; 3 morteiros 60 mm, transportados em um dos dois "jeeps" de cada team do pelotão.

"LIGHT TANK COMPANY" — E' o elemento de força do "Reconnaissance Squadron".

Em princípio mantida em reserva, na mão do Comandante da Unidade, para emprêgo decisivo e imediato contra as resistências inimigas encontradas pelos reconhecimentos, — que não podem ser contornados por êstes, e bastante fortes para impedir o prosseguimento dos mesmos no cumprimento da missão dada.

Organização e equipamento: Está organizada em 3 Pelotões de 5 tanques leves M3 e M5.

Armamento: Cada tanque possue um canhão 37mm e 4 metralhadoras .30 (anti-pessoal e anti-aérea).

Características e emprêgo dos tanques leves :

Características — bôa velocidade em estradas, grande mobilidade através campo, proteção para a guarnição contra armas portáteis e automáticas, pouca visibilidade quando com as tampas baixadas, deslocamento barulhento, grande silhuêta.

Essas características que podemos resumir em mobilidade, potência de choque e proteção dada pela couraça à guarnição, fazem do tanque a arma ofensiva por excelência do "Reconnaissance Squadron". Eles são sempre empregados em grande número, contra os pontos mais fracos da resistência inimiga; em ação rápida, violenta e decisiva, sendo as suas características favoráveis exploradas ao máximo.

Uma base de fogos, estabelecida com os canhões anti-tanque dos "armored cars" e com os obuzeiros 75, apoia a ação ofensiva dos tanques.

"ASAULT GUN TROOP" — E', no "Reconnaissance Squadron", o elemento de apoio dos reconhecimentos.

Organização e equipamento — Está organizado em 3 pelotões de 3 peças 75 mms. Cada peça é montada em um chassis de tanque leve.

Características e emprêgo :

Características — São as mesmas dos tanques leves da "Light Tank Company. E' empregada, em princípio, separadamente, á razão de um Pelotão por "Reconnaissance Troop", em missão de apoio aos reconhecimentos.

Armamento: Cada tanque é equipado com um obuzeiro 75 e uma metralhadora 50 (anti-aérea), além das armas individuais levadas pela guarnição.

Comunicações : — Toda ação dos órgãos de reconhecimentos será nula se não possuirem êles meios seguros e rápidos de ligação e transmissão das informações obtidas.

No exército americano o principal meio de comunicação é o rádio.

Os órgãos de reconhecimento são dotados de grande número de aparelhos de rádio de longo e curto alcance, que permitem perfeita ligação entre os seus elementos, a transmissão em tempo útil das informações desejadas.

Todo veículo do "Reconnaissance Squadron", à excepção de um dos dois "jeeps" de cada team nos pelotões de reconhe-

cimento, possue um aparelho radiofônico de pequeno alcance para ligação, e os "armored cars", além deste, um de longo alcance.

Os demais meios de ligação são a sinalização a braços e a bandeirola e o estafeta em "jeep", largamente utilizado quando a natureza das operações limitam o emprêgo do rádio.

Conclusão — Os reconhecimentos no exército americano são executados por elementos de grande mobilidade (os elementos menos rápidos, os tanques leves, podem desenvolver cerca de 68 km. por hora em estrada) e dotados de grande potência de choque e de fogo, que lhes permitem abrir brechas na cortina inimiga, obtendo pela força, quando necessário, a informação procurada.

Dispõem, além disso, de rápidos meios de comunicações que lhes facultam transmitir em tempo útil as informações que o Comando necessita para decidir.

Nota — 1. — Neste artigo são tratados apenas os elementos de combate do "Reconnaissance Squadron".

2. — O "Reconnaissance Squadron" da "Armored Division" é organizado com mais um "Reconnaissance Troop" e mais um Pelotão no "Assault Gun Troop".

3. — Este trabalho é fruto de observação pessoal e ensinamentos colhidos na ESCOLA DE CAVALARIA dos Estados Unidos da America, onde fiz o curso Mecanizado.

Washington — Abril de 1944.

MONTEIRO JUNIOR & CIA.

ARMAZEM DE MOLHADOS

82, Rua Visconde de Inhauma, 82

Telefone: 23-3628 — Rio de Janeiro

Olavo Bilac e a "Semana do Serviço Militar"

1.º Tenente *ISMAEL LEITE XAVIER*

Latino Coêlho, General do Exército Português, numa bela tradução do discurso da Corôa, de Demostenes, assim se expressou sobre a palavra.

"De tôdas as artes a mais bêla, a mais expressiva, a mais difícil é sem dúvida a arte da palavra. De tôdas as mais se entrece e se compõem. São as outras como ancilas e ministras: ela soberana universal.

Da estatuária toma as formas, da arquitetura imita a regrada estrutura de suas fábricas; da pintura copia a côr e o debuxo de seus quadros; da música aprende a variada sucessão de seus compassos e melodias; e sôbre tôdos estes predicados tem, mais do que as outras artes, a vida, que anima os seus painéis, a paixão, que dá novo esplendor ás suas tintas, o movimento, que intima aos que a escutam e admiram o entusiasmo e a persuasão".

A imagem auriflúgente que acabei de desenhar a respeito dessa formidável arma que é a palavra, não descobrireis por certo em quem vos fala neste momento.

Se por um lado, não ouvireis o verbo inflamado de um cultor da palavra, escutareis entretanto a frase simples, isenta de figuras de retórica, sem nenhum matiz mesmo a não ser o da sinceridade que caracteriza a palavra do soldado.

Não fôra a alta finalidade patriótica desta reunião e eu talvez não teria a coragem de roubar esta parcela do vosso precioso tempo.

Entretanto, uma cousa me anima a falar-vos. É a generosidade de vossos corações.

Moços, na minha vida de oficial, jámais tive um momento de tanta alegria e de reflexão como êste.

Alegria, por contemplar a magnificência dêste espetáculo, onde á distinção de gentis senhorinhas, senhoras e cavalheiros, se juxtapõem o realce polícrômico do que há de mais belo, de mais risonho e promissor numa Pátria — o da sua Juventude !

Reflexão, porque o desobrigar-me da missão que me coube, sôbre não ser tarefa difícil, está entretanto, além de minhas possibilidades.

A manifestação de viva sensibilidade em que me encontro, longe de exprimir um receio, traduz apenas o sentimento de responsabilidade que custumo emprestar a tôdas as tarefas que me são confiadas.

A mim, não poderia ser conferido maior galardão que êste de falar-vos.

E isto porque falar-vos, é ter o ensejo de lêr nos vossos semblantes a eterna primavéra que está reservada á Pátria Brasileira.

Falar-vos, é contemplar os vossos pulsos férreos que amanhã dirigirão as atividades da Nação a qual conservareis, estou certo, intacta e cada vez mais ordeira e progressista.

Finalmente, falar-vos, é tomar contacto com a vossa inteligência embrionária e prever o esplendor da nossa Pátria em tôdos os ramos dos conhecimentos humanos.

Jovens, designado pela bondade excelsa dos meus Chefes para falar-vos sôbre a "Semana do Serviço Militar", aqui estou procurando desobrigar-me de minha tarefa com o melhor de meus esforços.

O assunto que é de magna importância, apresenta duas brilhantes facetas: Uma, profundamente jurídica e outra de caráter essencialmente patriótico. Sôbre qual delas, entretanto, falar-vos-ei ? Naturalmente, sôbre a segunda, pois a primeira não obstante ser tão bela quanto a segunda é no entanto difícil e faltam-me conhecimentos jurídicos para estudá-la.

Que vos direi, então, a respeito da "Semana do Serviço Militar?"

Antes de mais nada, eu vos direi que, graças o ação patriótica dos nossos dirigentes, a atual lei do Serviço Militar baixada pelo Decreto-Lei n.º 1.187 no seu artigo n.º 213, instituiu a "Semana do Serviço Militar destinada á propaganda e difusão do Serviço Militar por tôdos os recantos de nosso território.

Mas, quem fala sobre o Serviço Militar, não pode esquecer o nome de Bilac o insigne patriota que fundou a Liga de Defesa Nacional.

Juventude de minha terra, o calendário das nossas comemorações cívicas assinala um dia que nos deve ser particularmente conhecido.

Trata-se do dia 16 de Dezembro.

Neste dia, no ano de 1865 para o orgulho de nossa raça e glória de nossa Pátria, o Brasil era enriquecido com mais um filho que o havia de elevar ao mais alto grão na concepção do Bélo !

Bilac, cujo nome completo é Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac, nasceu na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, na rua Uruguaiana, a 16 de Dezembro do ano de 1865.

Desde os bancos colegiais, demonstrou Bilac uma inteligência fulgurante.

Foi aluno da Faculdade de Medicina do Rio e depois da Faculdade de Direito de São Paulo, sem contudo haver terminado nenhum desses cursos porque, como Euclides da Cunha, tinha um espírito irrequieto.

Nenhum poeta brasileiro excedeu Bilac no sentimento de patriotismo, pois ele empregou tôda sua mocidade, tôda sua alma, tôda sua fé e tôda sua inteligência ao Serviço desinteressado da Pátria.

A meu vêr, o sentimento de brasiliade de Bilac, tem origem no seu próprio nome, pois, coincidência ou não, ele é com-

posto de cinco palavras como que representando o número exato de estrelas que formam o cruzeiro do Sul.

Do seu grande patriotismo, fala alto e bom som êste trecho de sua oração á Bandeira :

“Bendito sejas ! E para tôdo o sempre espande-te, desfralda-te, palpita e resplandece, como uma grande aza, sobre a definitiva Pátria, que queremos criar forte e livre; pacífica mas armada; modesta mas digna; dadivosa para os estranhos, mas, antes de tudo, maternal para os filhos, liberal; misericordiosa, suave, lírica mas escudada de energia e de prudência, de instrução de civismo, de disciplina e de coesão, Exército destro e Marinha aparelhada, para assegurar e defender a nossa honra, a nossa inteligência, o nosso trabalho a nossa justiça e a nossa paz! Bendita sejas para tôdo o sempre Bandeira do Brasil”.

Como Caxias, sufocando revolta e implantando a unidade da Pátria, êle percorreu o Brasil, numa verdadeira campanha cívica, conclamando tôdos os nossos patrícios para acorrem ás Casernas. Por toda parte onde passava, jogava a semente do Serviço Militar que mais tarde iria germinar com tôda a fecundidade peculiar de nossas terras.

Bilac, fez da poesia e do seu verbo inflamados as armas com que haveria de conquistar o único remédio — O Serviço Militar — capaz de garantir a nossa sobrevivência. De fato, o Serviço Militar é a célula mater da coluna mestra da nossa nacionalidade — O Exército — ante a qual hão de caír fulminadas tôdas as ações desagregadoras que se dirigirem contra a nossa Pátria.

Bilac, foi incontestavelmente um dos maiores senão o maior dos nossos poetas. A sua glória como vate é insofismável, pois basta dizer que, penetrando no panteon dos imortais, ocupou a cadeira do grande Gonçalves Dias.

Mas, foi sobretudo a sua Campanha nacionalista iniciada com a memorável Oração aos Moços” na Faculdade de Direito de São Paulo que o recomendou ao culto Nacional.

Mocidade, o vulto de Bilac, se me afigura cada vez maior,

tanto mais quanto penso no momento em que viveu. Para termos uma palida ideia daqueles dias, basta citarmos estes trechos da sua memorável oração: Dizia êle :

“O que me amedronta é a míngua de ideal que nos abate... Uma onda desmoralizadora de desânimo avassala tôdas as almas.... Esse é o espetáculo que nos deparam as classes cultas.”

Pois bem, foi numa atemosférica dêsse jaez que o verbo flamjante de Bilac se fez ouvir, por tôdos os quadrantes da Pátria, pregando o Serviço Militar obrigatório para tôdos.

Era preciso ter alma de herói para empenhar-se numa campanha cívica como ésta, quando é sabido que a política — essa arma de dois gumes — acusava o Exército de querer apossar-se das instituições civis. E qual a razão? Simplesmente porque o Exército era a unica instituição que combatia êste estado da alma nacional, procurando soerguer o moral do povo brasileiro.

Durante a sua jornada pelo Serviço Militar, pôde Bilac aquilatar e mostrar aos brasileiros o quanto estava sendo solapada a nossa soberania de povo livre, pelo esquecimento de nossos heróis, pelas dissensões entre os partidos e até pela política estrangeira que procurava implantar no nosso País as suas raízes macabras e indesejáveis.

Brasileiros, não vai muito longe, a época em que ser soldado era considerado quasi que desdouro!

Consequência lamentável da falta de difusão da educação cívica entre o nosso povo.

E o que é mais tristé dizer, é que êste modo de pensar reinava nas mais altas camadas sociais e até mesmo em algumas peças da máquina governamental.

Apesar de tôda essa pregação evangélica de Bilac, é verdadeiramente lastimável dizermos que ainda ha certos brasileiros que não se capacitaram dos seus sublimes deveres para com a Pátria.

E' dura a realidade, mas é necessário que a digâmos sem subterfúgios.

Nota-se que até hoje, ainda há famílias abastadas que sen-

tem um certo desprímor de verem os seus filhos envergarem um uniforme das nossas forças armadas!

Para essas famílias, eu chamo atenção para o exemplo que sua Excia. o Exmo. Sr. Dr. Getúlio Dorneles Vargas, Presidente da República, deu a todos os brasileiros, fazendo com que o seu próprio filho, ao envez de instruir-se numa linha de tiro, frequentasse uma Caserna — o legendário Forte de Copacabana !

Infelizmente, porém, este exemplo de verdadeiro amôr ao Brasil, parece passar despercebido.

Via de regra, só comparecem aos quartéis os deserdados de fortuna e de instrução. E quantos prejuizos qualitativos decorrem daí para a formação de nossa reserva? Sómente os que têm a ventura de pertencer a carreira das armas poderão avaliá-los nos seus devidos termos.

Juventude radiosa de minha Pátria, tal modo de pensar, sobre ser anti-patriótico, é um crime de lesa-Pátria.

Para os que assim pensam, eu recomendo a leitura destas palavras de Bilac :

“Que é o Serviço Militar generalizado ? E’ o triunfo completo da democracia; o nivelamento das classes; a escola da ordem, da disciplina da coesão; o laboratório da dignidade própria e do patriotismo; é a educação cívica obrigatória; é o asseio obrigatório, a higiene obrigatória, a regeneração muscular e psíquica obrigatória”.

Mais adiante, referindo-se á Caserna, assim se expressou o imortal brasileiro :

“A Caserna é um filtro admirável em que os homens se depuram e apuram”.

Meus compatriotas, estamos vivendo uma época de sérias apreensões na qual os povos desarmados e fracos são tragados pelos mais fortes. Portanto, a nossa preocupação máxima será armarmo-nos material e sobretudo moralmente, pois, como disse FOCH: “o moral é o mais poderoso fator da vitória”.

Nossos corações, ainda choram a vida de nossos irmãos arbararamente assassinados pelos submarinos nazi-fascistas.

E como o destino inda não nos deu a Supremo Glória de repelir pelas armas tão nefanda covardia, eu vos convido a levantarmos e permanecermos um minuto em silêncio como preito de homenagem aos nossos irmãos que foram as primeiras vítimas da sêde sanguinária dos detratores da Liberdade!

E agora, que o espírito do guerra acaba de enegrecer os horizontes policrômicos de nossa Pátria, é oportuno meditarmos sobre estas palavras de Bilac :

“O momento não quer discursos ôcos e retumbantes, sonoridades entontecedoras rolando na esterilidade do vácuo. O que se exige agora é simplicidade de idéias fortes em palavras claras, que na sua dura tristeza, tenham, como revolta, um estímulo para a esperança, para a crença e para o heroísmo”.

Brasileiros, eu vos conclamo para elevardes os vossos pensamentos ao altar-sacrossanto da Pátria e pedirmos oníssimos ao Altíssimo que, se por ventura o estrangeiro ousado pizar em nossas terras, nos seja dada a glória de sermos os primeiros a defender o seu sólo ou morrer pela Pátria estremecida.

(Discurso pronunciado no Ateneu Rui Barbosa, em Campo Grande).



ACABA DE SAIR

FORMULARIO para o processo de desertores e insubmissos

Ten.-Cel. NISO MONTEZUMA

3a Edição

ADAPTADO AO CÓDIGO PENAL MILITAR APROVADO PELO DECRETO-LEI N.º 6.227, DE 24 DE JANEIRO DE 1944 E AUMENTADO COM UM APÊNDICE CONTENDO:

- 1). — A LEGISLAÇÃO SÓBRE O ESTADO DE GUERRA;
- 2). — OFICIAIS DA RESERVA: — instruções para convocação; disponibilidade; insubmissão; tempo de convocação; classificação; uniforme; transporte; ajuda de custo, vencimentos; precedência, promoções; mudança de domicílio; permissão para contrair matrimônio; amparo do Estado à família, quando falecem em campanha, etc.;
- 3). — PRAÇAS CONVOCADAS: — alunos de escolas superiores; dispensa diária; que fizeram prova de seleção nos C. ou N. P. O. R.; apresentação; prazo para apresentação; donos ou sócios de casas comerciais; portadores de diplomas; possuidores de curso secundário; incorporação adiada; arrimo de família; operários empregados em obras militares; trabalhadores encaminhados para a extração e exploração de borracha no vale amazônico; operários da Fábrica Nacional de Motores; empregados em construção de aeroportos; pessoal admitido para obras; demissão de empregado convocado; obrigações dos empregados e dos empregadores; em caso de dissolução de firma; mudança de residência; vencimentos e vantagens, etc.;
- 4). — PARECERES E DECISÕES do D. A. S. P. e do MINISTÉRIO DO TRABALHO sobre a situação de funcionários públicos e de empregados, em geral, convocados para o serviço militar ativo;
- 5). — RESERVISTAS E ESTRANGEIROS, operários de Estabelecimentos Fábris, Militares e Civis produtores de materiais bélicos;
- 6). — ESTABELECIMENTOS FABRIS CIVIS considerados de interesse militar.
- 7). — A MULHER em face da legislação de guerra;
- 8). — ORGANIZAÇÃO DA JUSTIÇA MILITAR junto às Fôrças Expedicionárias;
- 9). — C. P. O. R. — Faltas e entradas — tarde de alunos — funcionários ou empregados; frequência; alunos de escolas superiores, execução de provas parciais.

E' UM LIVRO DE INTERÉSSE GERAL

PREÇO: CR\$ 15,00 — Pelo Correio: — CR\$ 16,00

PEDIDOS: — A DEFESA NACIONAL (4.º andar da ala dos fundos) Edifício do Ministério da Guerra. — Praça da República — Rio. Telefone: — 43-0563 — Caixa Postal 32 — Rio.

Sendo a edição limitada, convém que os interessados façam seus pedidos.

Observações de Fort Knox

Major NEWTON JUNQUEIRA DE SOUZA

I — *Introdução*

Antes de entrar no assunto desta palestra, direi algumas palavras sobre Miami, 1.º ponto que tocamos na América do Norte. É uma grande e belíssima cidade balneária da costa SE, com uma população aproximada de 200.000 habitantes, construída sobre 22 ilhas ligadas entre si por várias pontes, que dão ao conjunto um aspecto pitoresco e atraente.

Permanecemos nesta cidade 4 dias e, após esse tempo, seguimos viagem em demanda de — Fort Knox, nosso objetivo, onde permanecemos três meses e meio de franca atividade.

Fort Knox, nome da praça de guerra onde se acha instalada a Escola Blindada sob o Comando do Brig. Gen. Robinett, que é uma das mais importantes do mundo, está situada no Estado de Kentucky no centro L do país. A região de Fort Knox, tem a altitude aproximada de 250 metros e é um pouco acidentada.

Devido a sua posição geográfica, apresenta duas estações bem definidas: uma muito fria — o inverno — com grandes nevadas que tudo embranquece com si fosse a Siberia, muitas chuvas e ventos frios, e outra muito quente — o verão.

Fort Knox — é uma verdadeira cidade, dispondo de uma área de cerca de 800 km², com campos próprios para treinamento de toda a natureza. Em sua finalidade, constitue a organização mais perfeita que se poderia desejar no momento.

Dista apenas 40 km de Louisville, grande centro ferroviário, rodoviário, comercial e industrial, cuja população orçada em 500.000 habitantes; nesta cidade acha-se instalada uma das maiores usinas de álcool conhecidas, e o célebre prado de corridas de Kentucky, impare em todo o mundo.

Fort Knox é cortado por uma via férrea de 1m,44 e por várias rodovias asfaltadas, que põem a Escola em ligação com Louisville e outros centros importantes do país.

A Praça cujas edificações são construídas em sua grande parte por barracões de madeira, forrados de papelão, tem todas as ruas

asfaltadas e dispõe de 9 cinemas, 5 clubes de dansa, casinos para oficiais e praças, 15 igrejas, 3 hospitais militares e vários dispensários de saúde.

Esse modo prático e econômico de construir tais dependências, possibilita a instalação imediata de pavilhões e simultaneamente o preparo e formação de especialistas, o que não aconteceria, se as instalações obedecessem à construção de pavilhões pesados de estrutura definitiva que demandariam um tempo bem mais longo.

O comércio é em geral ativo e bem desenvolvido.

Dispõe ainda em seu interior duma Escola de Aviação para cadetes de Aeronáutica, com campo e material de vôo próprios, outra para cadetes da arma blindada e de um ginásio para o curso preparatório.

A guarnição é de cerca de 80.000 homens, entre oficiais e praças, e está sob o comando geral do Major General Scott.

Na Escola funcionam ao mesmo tempo vários cursos para oficiais e praças, sendo o mais elevado o de tanque e infantaria avançados, que dispõe de 1.000 tanques, aproximadamente, para os trabalhos e necessidade da instrução.

A Escola é muito frequentada por oficiais de vários países do mundo.

Na época a que me estou referindo, cursavam suas especialidades, oficiais dos seguintes países: Brasil, Chile, Colômbia, Venezuela, Equador, Cuba, França, Domínio do Canadá e China.

No interior de Fort Knox está situada a vila de Goldville, que guarda em seus subterrâneos, 2/3 do ouro mundial.

Encravada dentro de Fort Knox, apresenta um aspecto pitoresco a qualquer observador, devido ao contraste chocante entre as suas construções brancas de telhados vermelhos e verdes, e a vegetação em torno.

Dispõe ainda de um serviço de táxi, um de bombeiros e de uma polícia militar, que controla o seu interior, e as suas entradas.

Enfim, Ft. Knox é uma verdadeira oficina de trabalho, forjando noite e dia milhares e milhares de homens que vão, numa corrente continua, alimentar os campos de batalha de ultramar e defender o patrimônio moral e cultural das democracias americanas.

II — *Método de Instrução*

Os pavilhões de madeira, onde são dadas as aulas, dispõem de todos os requisitos indispensáveis a uma boa sala de aula: quadros negros móveis, mapas, esquemas e croquis, instalações elétricas, sanitárias e de aquecimento, altos falantes, cinemas e altos relêvos de quase toda a região de Fort Knox.

Dispõe de abundante material de ensino, tanto didático como para a prática e de grande número de instrutores para cada assunto.

A instrução de tiro é dada com muito cuidado e carinho. Após a teoria em sala de qualquer arma (morteiro, metralhadora, ou canhão), vai-se para o terreno executá-la, não havendo para isso economia de munição — observando-se antes, certa liberalidade no emprêgo do material, o que aliás não destoa da maneira peculiar ao americano de tudo empreender grandiosamente.

O sistema de ensinar é o seguinte: ao iniciar-se a aula, e no decorrer da mesma, o instrutor vai distribuindo questões sob a forma de testes e à medida que recolhe os resultados, vai dando a solução oficial das questões propostas.

Deixando ao aluno a liberdade de iniciativa, obriga-o, dessa maneira a uma pronta e flexível ginástica mental. Esse critério, mesmo por guardar certas relações com a rapidez de movimentos e mudança de planos de uma batalha moderna, parece o preferível para o preparo profissional do momento.

As aulas, que têm a duração de 50 minutos, são dadas com demonstrações no quadro negro, em mapas e esquemas sobre o assunto, e por meio do cinema de que dispõe todos os pavilhões de aula, ou de alto, relévo, quando o caso exige.

O instrutor dá a aula em pé ou passeando, à semelhança do Stagerita, pois no tablado não existe mesa, e sim uma estante para colocar os papéis, uma taboleta com o seu nome, uma vara dependurada para mostrar no mapa ou quadro negro, e ainda o microfone, quando se faz necessário.

Os oficiais e principalmente os instrutores, usam uma papeleta com o seu nome presa ao peito, à guisa de distintivo.

Os programas de instrução não preveem os dias de mau tempo.

Chuva ou sol, neve ou vento, em hipótese alguma constituem embaraço ou impedimento à realização do programa preestabelecido; daí assumirem as aulas práticas um cunho de certa objetividade, sobremaneira interessante e útil.

Os veículos para instrução, serviço e transporte das turmas para os campos e vice versa, são inúmeros, apesar do racionamento da gasolina.

Veículos couraçados e novos métodos de tiro estão sempre em experiência e aperfeiçoamento.

Agora mesmo acaba de ser adotado um novo carro de reconhecimento para a cavalaria, em substituição ao antigo, e empregado um novo processo de regulação da pontaria do canhão do tanque por meio da metralhadora.

O novo carro de reconhecimento da cav. agora em uso, não é

mais o $\frac{1}{2}$ lagarta e sim o de rodas; é todo fechado e munido de uma torre com um canhão de 37 mm. e uma mtr. axial de calibre 30. Com esta modificação tornou-se mais veloz, mais resistente devido ao revestimento da couraça e de maior precisão no tiro devido à torre.

Nos exercícios práticos realizados no terreno, procura-se aproximar o mais possível da realidade, não havendo para isso economia de meios e material.

A figuração do inimigo é realizada e acionada como se fosse real.

Uma parte da instrução que é vista e tratada com muita atenção, é a referente à manutenção do material em serviço e campanha.

Dispõem para isso de parques com oficinas completas e o material em uso é cuidadosamente tratado, o que permite o seu emprego e aproveitamento máximo. Nem se poderia admitir o contrário, por se tratar de um material caro e de ação tão decisiva na guerra moderna.

O que mais despertou nossa atenção, foi a experiência feita com um aparelho especial, destinado para indicar a existência de minas, num campo minado.

Num exercício prático minamos um campo e em seguida utilizamos, para sua limpeza, o novo aparelho cuja características gerais, são as seguintes: um dispositivo elétrico-magnético em forma de uma tábua, é colocado na frente de um carro "Jeep".

O "Jeep" assim equipado, é posto a andar vagarosamente por cima do terreno suspeito; quando o carro se aproxima de uma mina, os freios são acionados automaticamente por meio de um aparelho em ligação com o motor, constituído de um dispositivo elétrico especial colocado dentro do "Jeep".

Vimos também um "jeep" com o motor completamente calafetado, o cano de escapamento preso no para-brisa e com 2ms. de comprimento para cima. Esse "jeep" se destina a atravessar cursos d'água completamente submerso.

III — Tiro e Armamento

A instrução de tiro foi iniciada com as metralhadoras de calibre 30 e 35; depois passamos para os morteiros e, finalmente, terminamos com o emprego dos canhões dos tanques.

Atiramos até assentados no terreno com o tubo de morteiro seguro entre as mãos, e apoiado no chão, entre os pés.

Esse processo é muito prático quando se vê o alvo, porque é muito mais rápida a execução do tiro.

Atiramos também com o Morteiro 81 colocado dentro do carro $\frac{1}{2}$ lagarta.

No tiro de canhão, atiramos primeiro com o tanque, depois com a Seção e, finalmente, com todo o Pelotão.

Acham-se atualmente em uso e trabalho na Escola, os seguintes carros:

Levissimo — 7 toneladas — canhão 37 mm.-metrs. 30 e 50 — guarnição, 3 homens. Esse carro que está em febril experiência, destina-se a ser transportado pelo ar, par a invasão da Europa.

Leve — 13 toneladas — canhão 37 mm. — 2 metrs. 30 e uma 50 — guarnição, 4 homens.

Médio — 28 toneladas — canhão 75 mm. — 2 metrs. 30 e 50 — guarnição, 4 homens.

Destroir — 34 toneladas — canhão 76 mm. — 2 metrs. 30 e uma 50 — guarnição, 5 homens.

Socorro — 33 toneladas — uma metr. 30 e outra 50 — guarnição, 5 homens.

Lança-chamas — 13 toneladas — uma metr. 30 e outra 50 — guarnição, 3 homens. O alcance da chama é de 100 a 200 metros.

Leve (canh. de assalto da Inf.) — 16 toneladas — obuz 105 c, uma metr. 30 e outra 50; guarnição, 4 homens.

Acham-se também em experiência, um "jeep" de 500 kls. destinado a ser transportado pelo ar e um carro lagarta, com a guarnição de 4 homens, 7,5 toneladas e armado com o Morteiro 81 e 2 metrs. destinado ao reconhecimento da cavalaria.

Os tanques médios dispõem de 1 Morteiro de 2 polegadas de calibre, para o lançamento de cortinas de fumaça.

A metralhadora 50 é empregada no tiro contra aviões em vôo baixo — menos de 1.000 metros.

A Infantaria emprega ainda o morteiro 60 e o Bazooúa, anti-tanque, que atira colocado no ombro de um homem.

Esse morteiro deu excelente resultado nas campanhas da África e da Sicilia, segundo os relatórios do Exército Americano.

TIRO ANTI-AÉREO

Para este ramo da instrução, dispõe a Escola do que há de mais moderno no assunto.

Em sala, de metralhadoras com dispositivos elétricos que atiram, balinhas esféricas de massa, sobre aviões movendo em arames, e de um aparêlho também elétrico, que imita o ruido do motôr e os combates aéreos.

No campo, o tiro é feito, primeiro, sobre balões de ar que são soltos de lugares próprios; segundo, sobre foguetes lançados de catapultas próprias; terceiro, sobre aviões comandados pelo rádio que sobrevoam o campo de tiro durante um certo tempo, e que, se não

forem derrubados, caem em paraquedas que se abrem no momento oportuno, e finalmente, sobre alvos rebocados por aviões de guerra.

Para essa espécie de tiro, empregam projetís traçantes com 6 cores diferentes e metralhadoras 30 e 50.

Em toda a instrução de campo, e principalmente na de tiro, um carro ambulância acompanha sempre a mesma, conduzindo enfermeiro e material para socorro de urgência.

TIRO INDIRETO

Esta parte de instrução foi muito bem estudada e praticada no terreno.

Estivemos 2 semanas acampados tratando desse assunto. Fizemos os seguintes tiros:

a) — concentração de feixes paralelos por meio de estacas, do goniômetro e canhões apontados uns nos outros;

b) — por um novo processo adotado na Tunísia, em que o alvo a ser batido é referenciado a um *ponto base* previamente determinado na Zona inimiga e por meio de um obs. avançado. Tiros em alvos móveis ou fixos, e o tanque parado e vice-versa. Assistimos também, nesse período, a uma demonstração da preparação e execução do tiro à noite, executado por 1 Pel. de tanques médios.

Essa demonstração sobremodo interessante, mostrou a visibilidade desse gênero de tiro, apesar da dificuldade que sua prática oferece. Atiramos também com o tanque armado com obuz 105 mm. destinado a completar a eficácia dos tanques médios. No tiro em mov. foi empregado o estabilizador de óleo, cujo fim é tornar independente o canhão, do mov. do tanque. Este aparelho foi empregado com ótimos resultados, nas campanhas da África e da Sicilia.

IV — Tática

Todas as partes da instrução são tratadas com carinho e interesse, como já tenho dito mais acima.

Na parte tática estuda-se por exemplo, na carta, no alto relevo e no terreno, o emprêgo do Pel., da Cia. e do Btl., não só dos carros leves e médios, como também, da Infantaria blindada; bem assim o emprêgo da art. e aviação em cooperação com aquelas armas. Estudou-se, também, o emprêgo do Esq. de reconhecimento mecanizado, com os novos carros em uso.

Dentro de uma situação tática, estudou-se na carta, no alto relevo e no terreno, a aproximação e ataque de 1 Btl. de Inf. Blind. apoiado pelos fogos de 1 Btl. de Art. Blind., 1 Cia. de tanques médios, 1 Pel. de canhões de assalto e outro de mort. 81.

Detido o Esq. de reconhecimento numa determinada linha do terreno, resolveu o Gen. Cmt. atacar, cabendo o esforço ao Btl. do qual se estudou uma Cia.

O exercício durou três dias, sendo a Cia. de esforço do Btl. apoiada por 1 Pel. de carros médios e pelo fogo da art., do Pel. de assalto e do Mort. 81.

Entre a base de partida e o objetivo final, havia objetivos intermediários fortemente organizados e bem defendidos.

O ataque partiu pelo lançamento de foguetes, entrando em ação a base de fogos, e os tanques de apoio.

O ataque partiu pelo lançamento de foguetes, entrando em ação a base de fogos, e os tanques de apoio.

Após a conquista do primeiro objetivo, houve o deslocamento da base de fogo, assim de apoiar o ataque ao 2.º objetivo.

Essa mudança foi rápida, pois as metralhadoras estavam localizadas em carros $\frac{1}{2}$ largarta.

A progressão dos homens no terreno, que foi bôa, era seguida por guarnições conduzindo estações de rádio, metralhadoras leves e radioleiros à cata de feridos.

Estudo interessante foi o de 1 Flg. mecanizado de 1 Pel., e a marcha de 1 Esq. de reconhecimento mecanizado, ambos fazendo a segurança, o 1.º no flanco e o 2.º na frente de uma coluna em marcha, respectivamente. O estudo foi feito num alto relêvo de um trecho da carta de Salisbury na Inglaterra, existente na Escola.

Essas demonstrações tornaram-se interessantes, porque o alto relêvo é constituído de um pano próprio suspenso, de forma a uma pessoa poder andar por baixo, e acionar por meio de um iman, o movimento dos carros, que são de metal, sobre o pano do alto relêvo.

A parte tática do curso foi encerrada, com o estudo na carta e no terreno, de alguns temas de emprêgo do Btl. de tanques com a Infantaria, nos quais se tornou patente, a imprescindível importância dos tanques em todas as fases da batalha moderna.

Quer na ofensiva, defensiva, perseguição, ou retirada, a sua mobilidade, poder de fogo e ação de choque, são sempre empregados decisivamente.

Foi estudado também, nessa parte final do curso, num trecho de carta da costa francesa do Canal da Mancha, dentro de 1 D. I., uma interessante e oportuna operação de embarque, desembarque e ações em terra, de 1 Btl. de tanques médios reforçado.

Esse estudo muito bem organizado e esplanado em sala, durou 3 dias, sendo as questões e incidentes, resolvidos, à medida que se iam apresentando como se fossem reais.

O embarque e desembarque de uma das Cias. do Btl., foi feito num

navio transporte em miniatura, existente na Escola, e tudo dentro de uma escala determinada — navio e material do Btl.

O transporte completo desse Batalhão, necessitou de 7 desses navios, e a ordem de colocação das viaturas dentro de cada um deles, depende do emprego que se tem em vista, entrando por último, as que vão agir em primeiro lugar.

As características desse navio são as seguintes:

- capacidade de transporte — 1 Cia. completa; pessoal e material;
- velocidade — 10 nós por hora;
- raio de ação — 5.000 milhas;
- potência — 2 motores de 900 cv. cada um;
- comprimento — 74' metros e 25 cms.;
- largura — 16 metros e 50 cms.;
- altura — 6 metros.

A parte tática foi encerrada, com os estudos em sala e no terreno, do funcionamento do E.M. de 1 Btl. de tanques em campanha.

Dentro de uma situação dada no terreno funcionaram todas as secções, havendo até prisioneiros de guerra alemães que falavam a língua e usavam o respectivo uniforme.

V — *Saúde e Manutenção.*

Dentro de uma situação de ataque de um Btl. de tanques no terreno, foi feito funcionar o S. de Saúde e o de recuperação do material posto fóra de combate.

A demonstração foi muito objetiva e instrutiva, tendo êsses dois serviços funcionado com rapidez e eficiência.

Vimos a cata dos feridos no terreno, a retirada dos mesmos de dentro dos tanques pelos padoleiros, os primeiros socorros, transfusões de sangue e, finalmente, a evacuação dos feridos em ambulâncias autos de 4 leitos cada uma, para o P. S. do Btl. Paralelamente a êsse serviço, funcionou o de recuperação dos tanques, em que o de socorro, protegido por uma cortina de fumaça que ele próprio lançava, aproximava-se do tanque atingido, rebocando-o para a retaguarda afim de ser reparado.

VI — *Uniformes.*

De um modo geral, há grande variedade e tolerância no uso de uniformes, devido talvez, às necessidades da guerra e do clima. Os mesmos são muito práticos e usados de acordo com o gênero de trabalho ou exercício a realizar.

Assim, para passeio usam túnica aberta com gravata, calça, sapatilhas.

tos amarelos e "kepi" ou bíbico de lã e ainda um casaco e uma capa cinza clara com 8 botões e cinto.

Para serviço interno dò quartel, usam o mesmo uniforme sem a túnica.

Para o frio usam uma blusa "kaki" com tecido de lã na cintura, nos punhos e na gola; a calça é apertada na perna como bombaixa; o capacete do mesmo pano forrado de lã, agazalha perfeitamente o pescoço e os ouvidos.

Para chuva ou mau tempo, usam capas de borracha, galochas e perneiras de lona, que podem ser de qualquer tipo ou cor, e ainda um capacete imitando aço, muito leve e impermeável.

Vi vários oficiais com botas de borracha amarelas em dias de chuva ou de neve. Usam ainda um uniforme de campo (coverall), e uma para camuflagem, com as cores do terreno onde vão operar.

As praças usam os mesmos uniformes que os oficiais, só não tendo as insígnias.

VII — *Parte Geral*

O Exército dispõe de um corpo de capelães, constituído de padres católicos e protestantes. A chefia é de um General com séde em Washington e a hierarquia vai de Tenente àquele alto posto. Numa mesma Igreja celebram os dois ofícios — Católico e Protestante. O padre católico não usa batina, nem corôa e sim a farda com a respectiva graduação. Por ocasião da missa coloca a paramenta por cima da mesma. Observa-se que os padres católicos e protestantes são amigos e camaradas, parecendo não reinar desentendimento entre os diferentes credos.

VIII — *Disciplina.*

Não constitue novidade para nós a camaradagem reinante entre oficiais e praças do atual exército americano. Aparentemente não existe o conceito de respeito hierárquico, tal como é praticado em nossos círculos militares. Grande é a liberdade reinante entre oficiais e praças que, como bons camaradas, palestram e fumam indiferentes à sua graduação.

Assistí a um concerto no "Field House", grande galpão de madeira assoalhado, com arquibancadas, pa'co e instalações elétricas e de aquecimento, onde se realizam concertos, e competições esportivas. Servi por essa ocasião soldados e cabos, assentados, na fila de ca-

immediatamente na frente dos Gens. Scott e Franú que também assistiram ao concerto. Se considerarmos que o primitivo e permanente

exército americano diluiu-se completamente nos quadros do novo e gigantesco exército, encontraremos explicação para tais fatos. As atuais forças armadas, com exceção duma pequena minoria, é constituída de civis mobilizados, oriundos das diferentes camadas sociais, cujos hábitos e convivência poucas modificações sofreram.

Quanto a punições, em geral, são feitas nos vencimentos.

Um Capitão, que faltou a uma aula, pela manhã, sem motivo justo, foi multado em 50 dólares.

Um 1.º Tenente que se embriagou e foi conduzido por praças para a sua residência, foi repreendido em boletim e multado em 70 dólares.

Todos os oficiais têm uma caixa no Correio com o seu nome, e toda a correspondência, ou qualquer ordem a seu respeito, é colocada ali. Os oficiais não fumam e nem conversam em aula, e se levantam, mesmo quando mais graduados, para fazerem alguma pergunta ao instrutor, ou quando interrogados por êste.

Oficiais ou praças, vão e voltam das aulas e instrução, em forma, ao som de marchas transmitidas por altos falantes, colocados em vários pontos de Ft. Knox. E' comum o instrutor mandar um oficial aluno ficar de pé quando está cochilando na aula. Vi vários desses casos.

Os oficiais não andam armados, a não ser em serviço, e nesse caso, a arma é colocada à mostra.

As refeições diárias são as seguintes:

“Breakfast”: das 6 às 7 horas.

“Dinner”: das 11 às 12 horas.

“Supper”: das 17 às 18 horas.

IX — *Justiça*.

A graduação da nossa turma obedeceu à regra geral, isto é, não houve solenidade; um oficial fazia a chamada e o Cél. diretor de ensino, que presidia a cerimônia, cumprimentava o graduado entregando-lhe em seguida o diploma. A solenidade da entrega de condecorações da guerra atual, é feita num dos Teatros da cidade, previamente designado, com a presença do Cmt. da Praça, Cmt. da Escola, oficiais, praças e uma banda de música.

Assistimos a dois atos desses, realizados no Teatro n.º 2 às 11 horas da manhã, onde tivemos ocasião de observar a simplicidade de tais cerimônias.

2.º PARTE

Terminado o curso, deixamos Ft. Knox a 9 de maio, entrando num período de folga; foi-nos concedidos alguns dias livres. Nesse “interregno” visitamos Washington, a belíssima capital ianqui.

Deixa-nos Washington a impressão de ter sido construída em pleno bosque, tal a abundância de parques, jardins e arborização que completam o conjunto harmonioso de suas ruas e avenidas.

De Washington seguimos para Nova York, a babilônia dos tempos modernos.

Seria redundante e pretencioso, falar sobre a gigantesca metrópole, ou pretender descrever-lhe as monumentais edificações por bastante conhecida no Brasil. Como em Washington, permanecemos nesta última cidade 7 dias, todos bem aproveitados em passeios e visitas aos seus edifícios e logradouros mais notáveis. A mim que pela primeira vez e por alguns meses tomei contato com um povo de raça e costumes diferentes, adiantado e empreendedor, não poderia ficar indiferente ao espetáculo grandioso de trabalho e realizações, de humor e segurança em si próprio, que o povo americano oferece ao observador.

O americano herdou e pôde conservar, desenvolvendo num sentido original, o decantado humor inglês.

Como aqui entre nós, lá também e com mais forte razão, a vida se tornou mais dinâmica e ativa, sem perder contudo suas características peculiares.

O espírito de solidariedade e colaboração tendo atingido o maior desenvolvimento, passou para o lugar comum das conquistas sociais; penetrou a mentalidade e o substrato da alma coletiva, integrando e completando em definitivo, a forte personalidade do ianqui.

O americano vive sem preocupações, confiante e seguro do futuro de sua Pátria, certo de que, a liberdade tão ciosamente reverenciada, poderá jamais sofrer delimitação.

E' um povo que tem consciência de sua capacidade de trabalho, do valor de seus compatriotas com que encara o futuro, temperando-o de jovialidade.

Das agradáveis surpresas que acompanharam a minha permanência na América, aquela que mais intima satisfação me proporcionou, foi constatar, existir nas diferentes camadas do povo, o maior interesse e simpatia por tudo aquilo que diz respeito ao Brasil e sua gente.

Os americanos indagam, fazem perguntas sobre as coisas, vida, hábitos, realizações e possibilidades de nossa terra.

A 23 deixamos Washington com destino a Ft. Jackson, onde chegamos às 11 horas de 24 de maio.

Como é sabido, o plano ferroviário americano obedeceu a um critério de uniformidade, cujo resultado foi dotar o país de uma viação férrea de 1m,44 de bitola, que sobremaneira facilitou o problema, simplificou sua realização e evitou o inconveniente de diferen-

ciações que obrigam a manobras e trabalhos demorados para o transporte em geral, e mui particularmente para o de tropas e material bélico. Com o advento do motor a explosão, surgiram as rodovias asfaltadas que, cruzando o país em todas as direções, constituem com as ferrovias, um sistema, que só por si, possibilitou o acelerado progresso americano.

Ft. Jackson dista 15 km. de Columbia, capital de Carolina do Sul, cuja população é de 200.000 h. aproximadamente. Ft. Jackson, com uma área aproximada de 150 kms.2. e uma guarnição de 70.000 habitantes assemelha-se, quer em sua organização, quer em seus trabalhos e finalidades, a Ft. Knox. Sua guarnição constituída por 2 D. I. e outras unidades não divisionárias, se destina ao treinamento final das tropas que, após as manobras de conjunto realizadas em Tennessee, embarcam para o exterior.

O campo dispõe de uma interessante prisão regeneradora para insubmissos e desertores, com capacidade para 1.000 detentos. Essa prisão assemelha-se, guardadas as devidas relações, com uma penitência modelo, tal como a existente nas proximidades de Belo Horizonte.

Columbia possue instalações moderníssimas para o ensino teórico e prático de um grupo de bombardeio médio, onde se pratica também o vôo cégo.

Durante o tempo de permanência no Forte, como observadores, o que aliás foi de grande utilidade e proveito, permitiu-nos recordar ensinamentos teóricos e aprender novos métodos de emprêgo, organização e prática de conjunto.

Tivemos em Ft. Jackson a oportunidade de presenciar o esforço e emprêgo das diferentes armas em cooperação, numa batalha moderna.

Cabe notar aqui, o cuidado meticoloso, quer da parte dos comandos, quer de parte do governo para que nada de conforto falte à tropa.

Verdadeiros "Magazins" denominados "Piex" equivalentes à nossa cantina, oferecem aos soldados e oficiais o mais completo sortimento de utilidades, a preços mais acessíveis que nas lojas cívicas.

Os "Piex" acompanham as tropas a ultramar, daí o caráter da vida do soldado americano ser quase um prolongamento da vida civil.

Onde quer que esteja, terá a seu alcance o necessário ao trato pessoal, sem que se veja na contingência de alterar, fundamentalmente, seus hábitos costumeiros.

Essa viagem constituiu para mim, já por ser-me pessoalmente proveitosa, uma opulenta messe de ensinamentos.

Do que vi e senti na terra americana, cresceu a confiança em nosso futuro.

Tal como a América, ao Brasil está reservado um futuro grandioso e feliz no concerto das demais nações.

Oxalá, continuem nossos chefes e governo a possibilitar ao maior número possível de oficiais de todas as armas, estagiar nos quadros do exército americano, afim de completarem e desenvolverem ao máximo de eficiência, sua superior capacidade técnico-profissional.

Por circunstâncias óbvias, muito temos a lucrar com o intercâmbio especializado e prática de viagens de estudo nos diferentes meios, militares ou civis da América.

Essa viagem à América, a mim, particularmente, tão proveitosa, só se tornou realidade, por ter meu eminente chefe e amigo Snr. General Eurico Dutra, assim determinado. Não posso pois, deixar de testemunhar a S. Excia., o meu mais completo reconhecimento.

Ao terminar esta despretenciosa palestra, rendo um preito de justa homenagem à Grande Democracia, que, em 2 anos apenas de esforço e trabalho, se transformou no maior arsenal bélico do mundo.

Essa nação modelar, fazendo calar em seu seio as diferenças e cōres políticas, pôde se transformar numa única e gigantesca oficina de trabalho, forjando dia e noite homens e máquinas, que apagarão em breve a enorme fogueira que abraza e enluta as nações do mundo.

Rio de Janeiro, junho de 1944.

A PARREIRA DE VIZEU

Petisqueiras à Portugueza

FONE 43-5180

JOSÉ FERREIRA DA COSTA & C.

Rua Senhor dos Passos, 73

(Canto da Rua da Concelhão) — Antigo 40

RIO DE JANEIRO

ACABA DE APARECER:

Biblioteca Clássica de Cultura Militar

(Dirigida pelo Cel. J. B. Magalhães)

I V O L U M E :

A ARTE DA GUERRA -- Maquiavel

(Tradução do Cel. R. B. Nunes.)

A seguir:

- II — *A arte da Guerra* — Frédérico o Grande.
 - III — *A Guerra Antiga* — Socrates, Xenofonte, Políbio, Vélio e Sun Tsé.
 - IV — *A Guerra no Mar. A Doutrina* — G. Darrieus.
 - V — *Economia de Guerra* — E. Piattier.
-

SÃO LIVROS QUE INTERESSAM À CULTURA DO OFICIAL MODERNO
E DO INTELECTUAL CIVIL.

Apresentação esmerada da Editorial Peixoto S. A.

Preço: broch. Cr\$ 25,00 — Enc. Cr\$ 35,00
Pelo Correio, mais Cr\$ 1,00.

Pedidos: A Defesa Nacional — (Palácio do Ministério da Guerra, 4.^o pavimento, fundos. Rio) Ou, Caixa Postal 32. Rio.
Remessa mediante vale postal, ou pelo Serviço de Reembolso Postal.

Concursos Hípicos em geral

Conferência realizada no 2.º R. C. D., pelo
Capitão *OSIRIS BITTENCOURT COELHO*

São grandes as vantagens que os concursos hípicos oferecem, assim como a influência que os mesmos têm produzido em toda a parte. A sua influência tem imposto á generalidade dos cavaleiros o conhecimento da equitação de exterior, salto e picadeiro, assim como a escolha de cavalos aptos ás diferentes especialidades.

Entre nós o desenvolvimento dos concursos hípicos se deu mais ou menos a partir do ano de 1906, quando então começou a despertar nos nossos cavaleiros do exército o interesse pelos concursos hípicos, apresentando-se sob a forma de tentativas isoladas, devidas em geral á iniciativa particulares, chegando mesmo a formarem grupos á parte, constituindo escolas, como a de Armando Jorge e Lima Mendes. Essas escolas foram de grande utilidade para o desenvolvimento do hipismo no nosso meio, pois produziram cavaleiros que se tornaram célebres na época. Com a criação do Curso Especial de Equitação e com os conhecimentos técnicos adquiridos pelos cavaleiros, os concursos hípicos se tornaram objeto de um regulamento especial, criando-se métodos de trabalho para os cavalos de concursos.

Na verdade os concursos hípicos têm produzido resultados muito apreciáveis após a criação do Curso Especial de Equitação, assim como modificou quasi que por completo a maneira de montar dos nossos oficiais, constituindo por assim dizer uma escola única. É importante salientar aqui que se fosse possível organizarem no Brasil mais sociedades hípicas com boas pistas, onde se pudesse galopar e saltar sem risco de tarar um cavalo, então este esporte atingiria um gráu de desenvolvi-

mento capaz até de superar outros esportes que se acham hoje mais em evidência, como por exemplo o football.

Passemos agora a algumas considerações sobre o que precisamos conhecer para termos um bom cavalo de concurso hípico :

I — POSIÇÃO DO CAVALEIRO : — Conhecida a maneira como o cavalo executa o salto em liberdade, é fácil deduzir o sistema a empregar pelo cavaleiro em todas as fases deste movimento, de modo a permitir ao animal a completa utilização de todos os seus meios sem que, por esse fato em nada seja diminuída a ação dos fatores que garantem ao cavaleiro a sua estabilidade e domínio sobre o cavalo. A posição do corpo do cavaleiro durante o salto tem sido objeto de largas discussões, sobretudo entre os partidários das escolas francesa e italiana; e, se é certo que em alguns pontos secundários elas diferem, no ponto principal estão ambas perfeitamente de acordo: em que a mão do cavaleiro prejudicando diretamente os movimentos da cabeça e pescoço do animal e indiretamente todas as outras partes do corpo, é o maior entrave, que cavaleiros pouco praticos podem opôr á boa execução do salto. O que é necessário é que se dê a maior liberdade possível á boca e pescoço do animal, permitindo ao mesmo a execução de todos os seus movimentos. Não quer dizer com isso que se abandone completamente cavalo; o cavaleiro deverá abordar o obstáculo perpendicularmente, com as mãos baixas, as rédeas tensas, para poder garantir a direção e as pernas bastante unidas, porque somente assim terá estabilidade e poderá impulsionar o animal, quando se tornar necessário. Para um cavalo saltar um obstáculo qualquer, ele eleva primeiro o antemão. E' nessa ocasião então que o cavaleiro deve estar com corpo ligiramente inclinado para a frente, afim de permitir que o cavalo empregue á vontade os seus membros posteriores, pela distenção dos mesmos. Na ocasião em que esta distenção se dá o animal alonga o pescoço, a mão do cavaleiro deve seguir este alongamento, estendendo progressivamente e rapidamente os braços e, sendo necessário, deixando escorregar as rédeas entre os dedos, mas sem abando-

ná-las, o corpo conservar-se-á inclinado para deante, afim de permitir como já disse, a distenção dos mmbros posteriores do animal. Iniciada a descida do antemão o corpo e as mãos do cavaleiro continuarão a proceder da mesma forma para evitar que qualquer ação extemporânea obrigue o post-mão a uma descida rápida e violenta, que o faça cair sobre o obstáculo e não permitir a sua completa transposição. Em resumo, durante o salto o busto do cavaleiro procurará sempre acompanhar todos os movimentos do cavalo, inclinando-se para frente, tanto mais, quanto maior fôr a velocidade em que o obstáculo é abordado; os braços funcionarão como molas elásticas que cedem aos movimentos do corpo do cavaleiro e do balanceiro cervical do cavalo; as mãos mais baixas possível, devem seguir servilmente todos os movimentos do pescoço, porque é esta a única maneira de permitir ao animal a máxima liberdade e a completa utilização de todos os seus recursos; as pernas unidas junto as cilhas para garantir a segurança do cavaleiro e dar a impulsão ao cavalo. Quando a extensão dos braços não chegam para dar ao cavalo a máxima liberdade de pescoço, é indispensável, como já disse, ter tátô suficiente nos dêdos para deixar escorregar as rédeas; e não o cavaleiro que deve largá-las ou correr a mão sobre elas para a retaguarda. A necessidade de se deixar escorregar as rédeas acentua-se sobretudo quando o animal dá junto do obstáculo uma parada bastante acentuada, perdendo parte de sua impulsão, ou ainda quando o animal fórmá o salto muito de longe, surpreendendo o cavaleiro; a violênciâ ou inesperado salto, provocam por vezes a inclinação do corpo para a retaguarda, fâto êste que por si só pôde evitar a elevação suficiente do post-mão e que muito mais se acentuará quando o cavaleiro não souber deixar correr as rédeas. A maneira de segurar as rédeas tem também muita importânciâ, para a boa execuçâo do salto. Se o salto é executado de bridão, as rédeas devem passar pelos dêdos mínimos e indicador e abordadas pelo polegar, nesta posição o cavaleiro poderá ceder as rédeas quando preciso; sente melhor a bôca do cavalo, podendo manter um contato mais suave. Se o cava-

leiro segurar as rédeas entre o indicador e o polegar, não cederá as rédeas no momento preciso, não manterá o contato suave com a boca do cavalo e não agirá com a ação necessária quando for o caso, mas sim será obrigado a levar os braços à retaguarda, para diminuição da velocidade. No caso de trabalhar com o freio-bridão, deverá segurar as quatro rédeas ajustadas, e se necessário trabalhar com as do bridão um pouco mais frouxas, permitindo uma ação mais enérgica do cavaleiro, para cavalos de temperamentos mais fogoso, dando assim mais comodidade ao cavaleiro. É preciso notar que o uso do freio e bridão só deverá ser feito em caso de força maior e isto quando o cavaleiro estiver completamente em forma, mediante uma ginástica adequada. Os estribos devem estar um pouco mais curto do que o normal, para permitir a inclinação do corpo do cavaleiro, assim como o equilíbrio, para evitar um retardamento do cavaleiro quando o cavalo se lança para executar o salto. Se os estribos estiverem muito curtos, dificulta a ação das pernas e não permite empregá-las a tempo e com energia no caso de necessidade.

Com as olimpíadas alemãs de 1936, veio a escola de que o cavaleiro devia conservar o busto do corpo na vertical em todas as fases do salto, de modo a atuar como uma massa inerte sobre o dorso do animal e a permitir que este, durante o salto montado, pudesse distribuir o peso de sua massa como o faz em liberdade. Mas a prática tem mostrado que o papel do cavaleiro deve ser utilmente ativo e não apenas permanentemente passivo.

É por esse motivo que a posição do cavaleiro deve ser aquela que permita máxima estabilidade, garantir a máxima perfeição com o menor esforço para o cavalo e isto só se consegue encurtando os estribos sensivelmente e com uma acentuada inclinação do busto para frente. A posição do corpo para a frente apresenta várias vantagens, é a única que assegura fixidez das mãos e evita assim nos múltiplos movimentos do cavalo durante o salto qualquer sôco sobre sua boca, devido a um movimento reflexo do cavaleiro.

Outras vantagens importantes é que cavaleiros hábeis, fazem do seu próprio corpo um 2.º balanceiro, que empregam em combinação com o do cavalo.

II — PROCESSOS PARA ENSINAR O CAVALO A SALTAR: — Se é certo que as aptidões naturais do cavalo lhe permitem executar o salto quasi tão natural e instinctivamente como galopar ou nadar, sem que para isso seja indispensável uma educação especial, nem pôr esse fato deixa de ser evidente que no princípio só haverá vantagens em exercitar o cavalo a saltar sem cavaleiro.

Esse movimento natural, mas quasi desconhecido completamente a muitos animais exige sempre para sua execução um certo esforço que se deve procurar reduzir ao mínimo, sobretudo no princípio, porque só quando o cavalo ao saltar não experimente qualquer sofrimento ou cansaço pode adquirir firmeza, agilidade e sangue-frio, as três qualidades principais e indispensáveis do bom saltador. Por mais perfeito e correto que seja o cavaleiro basta o seu próprio peso para dificultar ao animal a utilização de todos os seus recursos naturais, pretendendo primeiramente dar-lhe confiança, é natural que procure simplificar o mais possível o problema; sem dúvida é este o motivo por que quasi todos preconizam o emprêgo de saltos sem cavaleiro no começo desta parte da educação do cavalo.

Para ensinar a saltar podêmos e devêmos empregar os seguintes meios :

a) — SALTOS EM LIBERDADE : —

Durante alguns dias coloca-se uma vara no chão do picadeiro, perpendicularmente a um dos lados maiores, fazendo-se passar frequentes vezes sobre ela o cavalo montado e em ambas as mãos até se obter uma confiança completa. Para dar a 1.ª lição de salto começa-se por colocar a vara da mesma maneira e solta-se o cavalo em liberdade dentro do picadeiro, deixando-o dar as voltas necessárias para que marche junto á pista com calma e sem hesitação. Neste momento manda-se ele-

var a vara a uma pequena altura e, alguns metros antes dela, o instrutor acompanha o animal com o pingalim, mas sem o castigar, unicamente para impedir qualquer parada ou meia volta; repete-se êste trabalho em ambas as mãos tendo o cuidado de não fatigar muito o animal. Nas lições seguintes poderá aumentar-se progressivamente a altura da vara á medida que o animal fôr adquirindo agilidade e franqueza. Nas primeiras lições deverá procurar-se que o cavalo salte ao trote (porque mais tarde a prática do salto ao trote é magnifica para muscular e acalmar o cavalo; obrigando-o a levantar as espaldas, e servir-se dos rins; o salto ao trote contribui imenso para ensinar o animal a calcular a batida, o ponto donde se deve destacar). Porque é neste andamento que êle pôde com mais relativa facilidade calcular a distância donde se deve elevar. Ao passo é dificil, senão impossível, manter o cavalo nessa andadura em liberdade e além disso nêste andamento manifesta-se sempre um tempo de parada que devemos evitar. Ao galope, em consequência da extensão dos bípedes laterais, é dificil a um animal pouco ou nada práctico a execução dêste exercicio, calcular justamente a distância a que deve elevar-se e as vezes se atira de muito longe, há um grande dispêndio de força muscular, fadiga inútil e probabilidade do animal não cobrir tôda largura, cair sôbre a vara, machucar-se e passar a receiar o salto; se se aproxima muito do obstáculo poderá derrubá-lo com os anteriores ou então marcará um tempo de parada a que só pode trazer inconvenientes, porque lhe faz perder os benefícios do impulso, aumenta o esforço desenvolvido e vicia o animal. E' indispensável dar uma importânciá capital a esta 1.^a parte do ensino de obstáculos, seguindo uma progressão muito metódica nas exigências e corrigindo de princípio os defeitos apresentados; o cavalo que logo de começo é obrigado a transpor alturas superiores ás suas fôrças, passará a receiar êste exercicio e poderá viciar-se, adquirindo principalmente o mau hábito de lançar-se doidamente antes do obstáculo e de marcar um tempo de parada junto dêle. E' indispensável não excitar o animal com chicotadas e é preciso, pelo contrário, procurar obter uma calma absoluta, permitindo-lhe que marque a batida

com toda a serenidade. Logo que os cavalos tenham adquirido uma certa agilidade e sangue frio é conveniente fixar mais as varas, porque as pancadas nas canelas ou uma queda são os melhores meios para fazê-los respeitar as varas e de evitar que os que a princípio cuidadosos se tornem relaxados.

E' igualmente vantajoso variar a disposição das varas, não só para corrigir qualquer defeito como ainda para que o animal aprenda a medir o obstáculo e a modificar o estilo do salto, segundo a natureza do obstáculo.

Com animais que têm tendência a parar e a aproximar-se muito por ocasião do salto, devem empregar-se de preferência obstáculos baixos e extensos para lhe fazer alongar o salto e empregar andamentos vivos; com animais que se precipitam e saltam muito de longe é conveniente insistir muito tempo no trabalho ao trote e passar as varas no sentido vertical, passar muitos DUPLOS E TRIPLOS, a princípio muito baixos e depois mais elevados, variando com frequência a distância que os separam; é esta a melhor forma de os tornar atentos e cuidadosos na execução do salto. As 2 varas colocadas á mesma altura, separadas por um certo intervalo (1 a 2mts.) são também excelentes exercícios e uma bela preparação para as valas entre varas que frequentemente aparecem nos concursos. Em-fim, os saltos em liberdade praticados como meio de educação ou ainda para manter agilidade dos animais durante a época em que é impossível trabalhar fóra dos picadeiros, oferecem grandes vantagens; a variedade continua na disposição das varas; constituindo-se assim obstáculos com aspectos diversos, concorrem enormemente para desenvolver e manter a agilidade, dá sangue-frio, golpe de vista, intuição do obstáculo, habita o animal a preparar-se pela sua própria iniciativa.

b) — SALTOS A GUIA : —

O trabalho á guia é um dos melhores meios para ensinar o cavalo a transpor obstáculos e para o manter no hábito dos saltos; a frequência do salto torna o seu mecanismo familiar,

faz adquirir calma e agilidade, dá o hábito de medir bem o obstáculo.

Como o animal não está montado é possível dar na mesma lição um número maior de saltos, sem perigo de o fatigar, desde que de vez em quando se intermeiem com alguns descansos em harmonia com a grandeza dos obstáculos, força dos cavalo ou seu grau de preparação. O trabalho á guia, porém só prestará grandes serviços quando bem dirigido e orientado, do contrário só servirá para arruinar os membros do animal, fazer-lhe temer o homem e os obstáculos. A base dêste trabalho reside essencialmente na SUJEIÇÃO DO CAVALO Á GUIA. Enquanto o cavalo não obedeça ás indicações da guia, voz e pingalim, aumentando ou diminuindo os andamentos, alargando ou encurtando o círculo, segundo a vontade do instrutor, o cavalo não estará sujeito á guia e será impossível obter resultados satisfatórios com êste trabalho; á guia será dada primeiramente no picadeiro e só depois no exterior, devendo haver o maior cuidado em que o cabecão esteja bem ajustado de modo a evitar pancadas no chanfro. Com êste trabalho podemos executar o seguinte :

a) — SALTOS EM ALTURA —

- 1.^º) — Começa-se por colocar uma vara por terra e depois passa-se sobre ela com o cavalo á mão frequentes vezes e para os dois lados, até que ele perca qualquer hesitação;
- 2.^º) — Seguidamente mete-se o cavalo á guia em círculo e faz-se passar algumas vezes por cima da vara;
- 3.^º) — Manda-se depois elevar a vara a uma pequena altura e dirige-se então o animal sobre ela permitindo-lhe que, alguns passos antes, tome o andamento que quizer;
- 4.^º) — Alguns metros antes do obstáculo o instrutor dirige-se sobre êle, entreabrindo os dedos para que a guia possa correr e permitindo ao animal

tôda a liberdade de pescoço e cabeça antes, durante e depois do salto sem que, contudo, a guia se conserve bamba e produza oscilações no cabeção;

- 5.^o) — Permitir ao cavalo, antes e depois do obstáculo, marchar perfeitamente direito alguns metros; quanto maior for o obstáculo maior espaço em linha reta deverá ser percorrido antes e depois do salto;
- 6.^o) — Se o animal abórdá bem o obstáculo e o transpõe sem hesitação deve-se chamar ao centro e afagar;
- 7.^o) — Se o animal hesita e recusa saltar, castiga-se com o pingalim e lança-se mão de um ajudante que deve ficar ao lado do obstáculo; o emprêgo do ajudante é sempre conveniente como medida preventiva, sobretudo no princípio, enquanto o animal não está absolutamente confirmado neste exercício;
- 8.^o) — No princípio e sempre que se quizer saltar um obstáculo novo e desconhecido, é bom aproximar dêle primeiramente o animal e permitir que o veja e cheire á vontade;
- 9.^o) — É conveniente repetir sempre o trabalho á guia para as duas mãos;
- 10.^o) — Deve-se animar com a voz e pingalim sempre que se comece a manifestar qualquer demora no andamento;
- 11.^o) — A colocação do instrutor, no centro do círculo á descrever pelo cavalo é determinada pelas dimensões do obstáculo e pela maior ou menor franqueza do animal; se aquele é pequeno e o cavalo é pouco franco, o instrutor deve estar perto do obstáculo; dar-se-á o inverso quando o obstáculo for grande e o animal for franco;
- 12.^o) — Logo que o animal se dirige sobre o obstáculo

o instrutor deve marchar paralelamente á élle, afim de lhe permitir que o transponha perpendicularmente no meio da sua trente e não adquira o mau hábito de saltar atravessado.

b) — SALTOS EM LARGURA

Para os saltos em largura, segue-se a mesma progressão devendo começar-se sempre por valas ou fóssos de pequenas dimensões e tendo o cuidado de empregar um ajudante para evitar defesas. A 1.^a vez que um cavalo salta um fôsso deve ter o cuidado de o levar á mão junto dêle, permitindo-lhe que o examine bem; pôsto á guia, dirigido sobre o obstáculo o animal manifestará certamente uma pequena hesitação, marcará um tempo de paragem (o que é permitido a 1.^a vez), mas depois de examinar bem o obstáculo acabará transpondo-o.

E' conveniente e indispensável nas lições seguintes combater qualquer tempo de paragem antes do obstáculo, mesmo porque o cavalo hesita mais a saltar em largura do que em altura. "Têm se constado que um cavalo, saltando 1 metro em altura cobre geralmente uma largura de 3 a 4 metros, mas que o mesmo cavalo, marcando um tempo de paragem deante duma vala ou fôsso, dificilmente cobrirá 2 a 2,5m de largura; isto prova que o obstáculo em largura produz sempre sobre o animal ainda não ensinado uma grande apreensão que lhe faz marcar um tempo de paragem. Poderá supor-se que um cavalo que chegue a saltar facilmente 1 metro de altura, transporá com facilidade uma vala de 3 a 4 metros, visto que cobre essa largura quando salta 1 metro de altura; a experiência tem provado que um animal consegue saltar facilmente um obstáculo de 4 metros de largura depois de um treino prolongado, afim de serem observadas as condições.

c) — SALTOS MONTADO

a) PRESCRIÇÕES GERAIS: — Já falamos dos inconvenientes que a falta de liberdade completa do balanceiro

cervical tem para a execução dos saltos e portanto agóra diremos apenas que um cavalo, durante a sua educação de obstáculo, só dever ser montado por um cavaleiro que tenha pelo menos fixidêz e liberdade de mão suficientes, para não se pendurar ás rédeas. O cavaleiro deve abordar sempre os obstáculos com a firme e decidida vontade de os saltar, do contrário a sua falta de confiança, incitará êste a refugar ou a defender-se. Temos visto cavaleiros enérgicos, corajósos, que não receiam o perigo inconscientemente, obrigar animais sem o devido preparo ou de fracos recursos a transpôr obstáculos enormes; por outro lado é também vulgar vêr fazer cavalos bons saltadores, fracos, quando montados por cavaleiros que não têm êles próprios vontade de saltar, refugar ou defenderem-se.

b) — PROGRESSÃO A SEGUIR: — Depois dos cavalos terem recebido algumas lições de salto em liberdade, podem começar a saltar montados dentro do picadeiro, mesmo antes do trabalho á guia no exterior. Começa-se por colocar a várá no chão e faz-se passar o animal sobre ela até que desapareça qualquer hesitação; vai-se elevando a vara pouco a pouco, baseando a altura na confiança, agilidade e forças do animal. No exterior começase por obstáculos muito fáceis, porque é êste o único meio de dar confiança ao animal, de lhe evitar târas e defezas que o podem arruinar e perverter-lhe o moral. Antes de saltar, deve-se dar sempre uns tempos de trote ou galope para por o animal sob mão, para o acalmar e para lhe distender os seus músculos. No princípio é preciso colocá-lo ao passo ou parar depois de cada salto, afagando demoradamente o animal sempre que êle tenha demonstrado franqueza, pouco a pouco, porém, á medida que êle fôr adquirindo agilidade, deve começar-se a executar uma série de saltos seguidos sem interromper o andamento, aumentando progressivamente a extensão do percurso e o número de obstáculos transpostos. Os obstáculos duplos e tríplos só devem ser abordados quando o animal já tenha adquirido uma certa franqueza sobre os obstáculos simples. O cavalo deve aprender a saltar nas três andaduras. Os saltos ao passo, ao trote, devem ser fre-

quentemente empregados na educação dos animais que se servem mal do pescoço, que têm dificuldade na medição do obstáculo, que tem pouco sangue-frio; os saltos nas andaduras vivas devem empregarse de preferência com animais brandos e que têm tendências a parar junto dos obstáculos.

c) — MANEIRA DE ABORDAR OS OBSTACULOS : — Os obstáculos devem ser abordados perpendicularmente e bem no meio da sua frente, com calma e impulsão, fatores absolutamente indispensáveis para a sua boa execução.

A velocidade empregada depende sobretudo das qualidades físicas e morais do cavalo, do seu grau de preparação e da natureza dos obstáculos.

E' evidente que um cavalo de fracos recursos físicos, nunca poderá transpor obstáculos sobretudo grandes, senão animado de boa velocidade, porque só assim poderá compensar a falta de forças e diminuir, portanto, o esforço desenvolvido.

Sob o ponto de vista moral é também evidente que um cavalo de mau caráter, pouco franco, não deve, pelo menos no princípio da sua educação, abordar os obstáculos com grande velocidade, porque naturalmente se aproveitará desta faculdade para refugar, visto que o cavaleiro tem tanta maior dificuldade em manter a direção, quanto mais rápido fôr o andamento em que marcha. O grau de preparação influí sensivelmente na maneira como se devem abordar os obstáculos. Um cavalo novo, embora com bôa índole, não deve ser levado com grande velocidade, porque esta será um incentivo para o refugo e este é o defeito que logo de princípio mais importa evitar; pelo contrário um animal franco, e já habituado aos obstáculos pode ser levado com grande velocidade, seja para que obstáculo fôr, porque na sua proximidade saberá modificar os seus últimos passos, alargando ou encurtando o galope, de forma a elevar-se justamente no momento preciso. Quanto a natureza dos obstáculos é impossível dar indicações minucio-

sas, porque os concursos hípicos apresentam atualmente uma variedade imensa. Como princípio geral podemos estabelecer que os obstáculos em altura, sobretudo os que não são POUCO SALTÁVEIS, mal marcados, devem ser abordados com menor velocidade que os obstáculos em largura; nos primeiros é preciso que a distenção se efetue principalmente no sentido vertical, é necessário que o cavalo se destaque do sólo a uma certa distância do obstáculo para que o não vá derrubar com anteriores ou com o peito, e tanto mais difícil quanto maior fôr a velocidade; nos segundos, em extenção, pelo contrário, é preciso um grande impulso para durante o tempo de suspensão seja coberto um grande espaço e por a vencer a apreensão que o obstáculo em largura provoca quasi sempre, sobretudo quando se trata de fôssos e valas profundas. Segundos êstes princípios, as banquetas devem ser geralmente abordadas, com velocidade moderada, exatamente o contrário do que se deve dar com fôssos e valas. Os obstáculos em altura marcados de modo a apresentarem um perfil de plano inclinado podem abordar-se com velocidade, porque são sempre de facil medição; é por isso que nos concursos hípicos a soma da faltas dadas na TRÍPLICE-BARRA é sempre diminuta em comparação com outros obstáculos, embora de pequenas dimensões. A vala entre varas é um dos obstáculos de concurso de mais difíceis marcação; se por um lado exige um certo ELAN para cobrir a largura, é preciso também que o animal calcule bem a batida, pois aproximando-se demasiadamente do obstáculo, derrubará a primeira vára com os anteriores ou marcará um tempo de parada que lhe não permite cobrir toda a largura. Os obstáculos duplos e triplos devem, como regra geral, ser abordado com velocidade moderada e sobretudo com calma e bem enquadrado; a pequena distância que vulgarmente os separa exige muita dextreza para calcular bem a batida; é essencial abordá-los enquadrados porque o cavalo que salva ENVIESADO o primeiro obstáculo, ficará naturalmente fóra do segundo e êste fato repetido algumas vezes pode concorrer para viciar o animal, por mais bem preparado que êle seja.

d) — DIFICULDADES DO SALTO MONTADO : —**1.º) — O CAVALO QUE SE PRECIPITA :**

Os defeitos de conformação, a sensibilidade exagerada ou extrema insensibilidade da boca, dureza da mão do cavaleiro, um mau hábito adquirido ou o temperamento ardoroso do animal são os causas que vulgarmente podem determinar a precipitação sobre os obstáculos.

Os animais mal conformados, sobretudo com maus rins e curvilhões, precipitam-se sobre os obstáculos, porque só com velocidade, só com grande impulso podem compensar a falta de recursos físicos e atenuar o esforço muscular a desenvolver no salto; o cavalo de boca muito sensível excita-se muito neste trabalho, dependendo também de mão muito sensível para poder servir-se convenientemente do balanceiro cervical em todas as fases do salto; os animais de boca ordinária, insensível, também forçam a mão, vulgarmente em consequência de não sentirem a ação do freio, de estarem com as espaduas muito sobrecarregadas e de ser, portanto, difícil mantê-lo num galope regularmente equilibrado; a dureza da mão do cavaleiro é muitas vezes a causa determinante da precipitação sobre os obstáculos mesmo com animais bem conformados, porque uma mão muito dura nunca permite um franco e calmo apoio e é um entrave ao livre jogo do balanceiro cervical. O cavaleiro que montar um animal muito excitado sobre os obstáculos deverá dar-lhe antes de começar a saltar, uns tempos prolongados de trote e galope, fazendo-lhe executar voltas frequentes e passando muitas vezes junto dos obstáculos sem os saltar de modo a obter primeiramente uma grande tranquilidade e um franco contato com a mão; estas voltas frequentes durante as quais o cavalo não salta, e ao passar junto dos obstáculos ou vá na sua direção, servem para dar calma ao animal. Começar-se-á depois por saltar obstáculos muitos pequenos, entremeando-os com tempo de passo, trote ou galope, suficientemente prolongados para conter também uma calma; insistir-se-á muito com este trabalho não obrigando o animal a transpor obstáculos de

maiores dimensões, senão quando se tiver obtido calma e graduando sempre as exigências com os recursos e grau de preparação do animal. Comtudo é indispensável, ao pretender corrigir este defeito, não deixar o animal cair, para que o mesmo não venha depois com falta de impulsão. O cavalo deve sempre crescer sobre o obstáculo sem que force a mão ou vá loucamente sobre ele; não se deve pois, ligar importância a que se precipite os ultimos passos desde o momnto que, depois de saltar, retome o andamento primitivo sossegadamente. Muitos cavalos têm o hábito de forçar muito a mão ao transpor o obstáculo; o melhor meio de os corrigir consiste em ajustar as rédeas muito progressivamente, em violência, permitindo-lhes até que corram um pouco depois do salto porque, como a falta é devida ao receio da mão do cavaleiro, o animal depressa retomará confiança e por si mesmo perderá essa precipitação.

2.º — CAVALOS QUE DIMINUEM A ANDADURA :

A grande maioria dos cavalos que param junto dos obstáculos fá-lo em consequência de temer a mão do cavaleiro ou de lhe exigirem a transposição de obstáculos superiores aos seus recursos e grau de preparação. O cavalo que diminue a andadura quando é dirigido sobre o obstáculo, acua, foge á ação das rédeas em lugar de se apoiar. Logo que o cavaleiro pressente as suas intenções é indispensável que, adatando elasticamente e sem exageros, os seus movimentos aos do animal, galopando com ele, o ataque com as esporas, energicamente e a tempo, a cada passo de galope, de modo a determinar a impulsão necessária; só assim é possível impulsionar suficientemente o animal, dar-lhe coragem ou vencêr-lhe a má vontade sem que a batida do salto seja prejudicada. Mas quando, apesar destas precavações o animal para junto do obstáculo e este é de pequenas dimensões, deve-se agir energicamente com as esporas ou chicote, até obrigá-lo a transpor o obstáculo tendo o máximo cuidado em dar toda á liberdade ao balanceiro e, em se ligar bem ao cavalo, porque os saltos nestas condições são violentos e deslocam muito o cavaleiro.

O emprêgo de obstáculos de pequenas dimensões está naturalmente indicado para corrigir animais que refugam diante de obstáculos de maiores dimensões.

3.º) — CAVALOS QUE SE DEFENDEM :

Sempre que um animal se negue em transpor um determinado obstáculo é preciso usar da máxima prudência a par da maxima energia; o ser prudente consiste em só levar o animal aos obstáculos em que êle esteja convenientemente preparado, não tendo dúvida em reduzir as suas dimensões logo que o cavaleiro veja que êle se defende por mês ou falta de confiança nos seus meios. O ser enérgico consiste em atacar decididamente e a propósito, mas sem excessos, sempre que o animal manifeste decidida má vontade. Quanto ao cavalo que aborda obliquamente o obstáculo é preciso dirigi-lo sobre êle num andamento em que o cavaleiro, sem falta da indispensável impulsão, tenha mais facilidade em o dominar, bem enquadrado entre a mão e as pernas, procurando manter a direção pelo efeito das ajudas laterais (rédeas — contraria — de oposição e perna do lado donde o animal tenta desviar) e nunca com a rédea de abertura; mas se o cavalo, apesar desta precaução, consegue defender-se passando além da linha de frente do obstáculo, procurar-se-á para-lo imediatamente e voltar para trás, executando a meia volta pelo lado contrário áquele por onde o animal se defendeu, insistir-se-á novamente e tantas vezes quantas sejam precisas para que o cavalo acabe por transpor o obstáculo; pois não procedendo assim o animal ficará ácuado e depois será quasi impossível dominá-lo. Após uma grande luta o animal logo que o transponha uma vez, bem ou mal que seja, deixá-lo repousar um pouco e terminar o trabalho, conforme a violência da luta para que ele tenha tempo de gravar na memória essa recompensa. Com animais mal intencionados e muito viciados é indispensável usar de toda a energia, recorrendo ao auxílio de ajudantes sempre que isso seja conveniente para não prolongar a luta. Uma das causas que mais provocam esta defesa é a maneira defeituosa como muitos cavaleiros dirigem o

cavalo sobre os obstáculos; a preocupação de dar a máxima liberdade durante o salto faz que alguns cavaleiros deixem de rédeas bambas ou soltem demasiadamente o animal antes de se elevar, deixando de o conter entre as mãos e as pernas dando motivo para que refuguem com toda a facilidade, só permitindo o salto com rédeas bambas para cavalos e cavaleiros confirmados. Muitas vezes também o cavalo se nega porque já está velho, cheio de taras receiando os choques sobre os membros anteriores.

4.º) CAVALOS QUE FAZEM MEIA VOLTA JUNTO DOS OBSTÁCULOS

Algumas vezes o cavalo, quer por ter medo do obstáculo ou covardia, quer porque este é de dimensões superiores às suas posses ou grau de preparação, quer por temer a mão do cavaleiro ou quer ainda porque este o conduz de rédeas bambas, recusa-se a saltar fazendo meia volta junto do obstáculo. O remédio de efeitos mais rápidos e seguros para a correção desta defesa, consiste no emprego de obstáculos de pequenas dimensões durante algum tempo, tendo o cuidado de os abordar com impulsão, em contato permanente com a mão, fazendo junto do obstáculo oposições adequadas de modo a manter a direção e a prevenir-se da defesa. Claro está que, quando se montar um animal viciado e de má índole, é indispensável usar de grande energia agindo com as esporas e chicote na proximidade do salto e recorrendo até ao auxílio de ajudantes munidos de pingalim. Se, apesar de tudo, o cavalo consegue fazer a meia volta, é preciso obrigá-lo a voltar pelo lado contrário, custe o que custar; se o animal se levanta como acontece algumas vezes, o cavaleiro agirá por ações sucessivas e energicamente a rédea do lado para que o animal resiste e agirá decididamente com a espora do mesmo lado.

III — CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maior falta que se pode cometer é exigir do animal esforços superiores aos seus recursos ou para que ele ainda não

esteja suficientemente preparado. Sempre que o cavalo apresente hesitações nos saltos em altura, deverá baixar-se imediatamente o obstáculo, e muitas vezes baixá-lo muito, afim de lhe fazer retomar a confiança perdida e de não o tarar ou viciar, único resultado que se obtém quando se insiste brutalmente sobre um obstáculo que o animal não pode transpor devido à fadiga ou falta de confiança; com os saltos em largura proceder-se-á da mesma forma, porque do contrário se viciará o animal fazendo-o adquirir o hábito de parar, inconveniente que importa prevenir, sobretudo quando em largura. Se o cavalo tem tendência a parar junto dos obstáculos e aproxima-se muito a ele antes de saltar, está naturalmente indicado o emprego de obstáculos pequenos, colocando uma referência mais baixa na sua frente, e empregar uma andadura viva para o obrigar a alongar o salto; se o cavalo tem tendência para destacar-se muito de longe é preciso saltar muito a trote e empregar obstáculos verticais, duplos e triplos, variando com frequência a distância que os separa.

Um dos melhores meios para dar franqueza é o galope franco sobre obstáculos naturais, passagens de estrada, valados, banquetas, etc. O cavalo ideal para concursos hípicos, além das indispensáveis qualidades de franqueza, sangue-frio, força, precisa ser muito calmo; grande número de animais porém, falta esta última qualidade e, por meio duma educação cuidadosa se podem corrigir um pouco esta falta, a verdade é que nunca é possível modificar-lhe por completo a sua tendência natural de bater nos obstáculos e torná-los absolutamente cuidadosos ao saltar, porque esta qualidade é uma consequência do seu temperamento e da sua raça.

A melhor forma de os corrigir consiste no emprêgo de obstáculos fixos; as moderadas pancadas recebidas nas canelas e uma ou outra queda, concorrerão para que êles se preparem e se empreguem para o salto com mais algum cuidado e energia e se tornem menos rasadores. O emprêgo de PIN-CHOS de extremas variedades e feitos está hoje largamente espalhado, mas nem sempre os resultados adquiridos com êstes

recursos são satisfatórios. A meu ver, o melhor de todos consiste na barra envolvida com um couro guarnevida de pregos, barra que é dispôsta sobre dois postes ou segura por dois homens pelas suas extremidades, exatamente como qualquer barra simples, e que se pôde tambem colocar sobre a parte superior de qualquer obstáculo fixo ou móvel. Todos os sistemas de PINCHAR em que o animal vê o homem bater-lhe com o PINCHO, só servem em geral para aumentar a apreensão, mesmo RESSABIÁ-LO por completo sobre os obstáculos, quando empregados por cavaleiros de pouca prática. Um dos fatores mais importantes para o boa execução dos saltos e para a conservação dos membros do animal é evidentemente o terreno. Procurar-se-á sempre um terreno com bom piso, macio, que não seja também demasiadamente móle, porque este é o melhor meio de evitar târas e defesas resultantes do sofrimento causado por choques violentos sobre um terreno duro.

Afim de evitar esforços de tendão e de boletos, ferimentos nas canelas é conveniente trabalhar com ligaduras e protetores. A massagem nos tendões e boletos, seguida da aplicação de ligaduras, é igualmente vantajosa depois do trabalho em obstáculos.

O cavalo, mesmo depois de terminado o adestramento de obstáculos, tem necessidade de saltar frequentemente para conservar desenvolvem-se e o desenvolvimento dos músculos contribui tanto como o hábito, para conservação e aperfeiçoamento dessas qualidades. Mas como a frequência exagerada do salto traz uma grande fadiga para o cavalo montado, há sempre vantagem em o saltar frequentemente em liberdade ou à guia.

Como última observação diremos ainda que a preparação para obstáculos só se pode considerar terminada para o cavalo, depois dum certa prática de concursos; raro é o animal que está bom antes de ter feito uma temporada de concursos.

IV — CONCURSO HÍPICO — (Algumas indicações úteis)

- Estudar minuciosamente o percurso, fazê-lo a pé as vezes necessárias para fixar o ordem pela qual de-

vem ser saltados os obstáculos, para ver bem o estado do terreno, pontos mais convenientes para fazer as voltas, etc., porque nada há mais triste e aborrecedor do que perder um concurso por causa dum engano;

- b) — Antes de entrar na pista, deve-se destender o animal dando-lhe uns tempos de trote ou galope, montado ou à guia, com alguns saltos, de ensaio de preferência, sobre obstáculos fixos;
- c) — Logo que o cavaleiro entre na pista não deve pensar senão no prova que vai concorrer; não se preocupar com o público e sobretudo não se entusiasmar com os aplausos dados durante o percurso, porque só assim é possível conservar o sangue-frio suficiente para avaliar os prós e contras de todas as situações;
- d) — Regular a velocidade pelo estado de preparação do cavalo, natureza dos obstáculos, extensão da prova e percursos anteriores já feitos;
- e) — Abordar todos os obstáculos com calma e firme decisão de os saltar, partindo sempre do princípio que todos os cavalos são capazes de se negar, e apontarem o cavaleiro distraído para dar um refugo;
- f) — Se o cavalo refuga ou desvia, precisa insistir energeticamente antes que a fatal corneta anuncie a desclassificação e mande sair o concorrente da pista; um cavalo lesclassificado em uma pista é preciso corrigí-lo, depois de se saber o motivo, na mesma pista, se possível;
- g) — Quando o cavaleiro vê que é inútil continuar a prova e quer desistir por qualquer circunstância no meio do percurso, é bom não fazer imediatamente a seguir um refugo ou a uma derrubada, proceder

assim é mau princípio que atua sobre a memória do cavalo, porque êste recebe uma recompensa depois de ter cometido uma falta;

- h) — Não sair da pista ao galope para não dar a impressão de afobação ou descontrole do cavaleiro;
- i) — Portar-se em tôdas as circunstâncias com calma e correção, evitando falar alto ou discutir como acontece os vezes com os NOVATOS que logo se denunciam pelos seus excessivos gestos e atitudes.

J.W.T.

“EU SEI PORQUE
O BRAHMA CHOPP
É TÃO
GOSTOSO”

...SEUS INGREDIENTES SÃO
CAPRICIOSAMENTE
ESCOLHIDOS!”

Uma pequena diferença na qualidade dos ingredientes do chopp pode alterar-lhe o sabor.

Por isso só o mais saboroso e rico em princípios nutritivos e energéticos... só o lúpulo da mais alta qualidade e só o fermento

cujas células vivas há muitos anos vêm sendo selecionadas pela Brahma são empregados na fabricação da Brahma Chopp de garrafa ou de barril. É por isso que a Brahma Chopp se torna bebida pura e saudável.

BRAHMA CHOPP

Só faz bem!

EM GARRAFA E EM BARRIL



PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA
BRASILEIRA — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — CURITIBA

O grande cometimento da administração Henrique Dodsworth

O QUE E' A ESPLÊNDIDA AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, CUJO PRINCIPAL PASSEIO SERVIU PARA PALCO DA GRANDIOSA PARADA DE SETE DE SETEMBRO

Poucos administradores terão feito tanto pela grandiosidade e progresso da "Cidade Maravilhosa" que o ilustre e dinâmico Prefeito Henrique Dodsworth.

Sete anos de governo e a folha de serviços apresentada pelo edil carioca apresenta trabalhos de vulto em todos os setores. E, em todos eles, absolutamente necessários ao progresso e embelezamento do Rio, ressalta a marca do homem que conhece os problemas cariocas e sabe muito bem como resolvê-los.

Ensino, saúde pública, obras públicas, remodelação da máquina administrativa, com um serviço de arrecadação simplesmente modelar, são produtos de um governo que, acima de tudo, colocou o nobre propósito de ser útil à cidade e aos seus habitantes.

Rodeando-se de auxiliares imediatos especialistas e trabalhadores, o Prefeito Henrique Dodsworth pôde acelerar, quase ao mesmo tempo, os diversos setores que formam o campo administrativo da Município.

Esse modo o ensino foi remodelado, escolas modelos foram construídas, novos hospitais vieram para



Dr. Henrique Dodsworth

servir à população e, concomitantemente, um punhado de obras públicas foram consumadas, todas visando o embelezamento do Rio.

A AVENIDA PRESIDENTE VARGAS

Tropeços que outros administradores não quiseram enfrentar empró da solução do nosso problema urbanístico, enfrentou-os, com decisão, o atual governador da cidade. Enfrentou-os e venceu-os galhardamente, reafirmando assim a sua operosidade e o seu perfeito sentido de responsabilidades públicas.

Sem favor, pode-se afirmar que a Avenida Presidente Vargas é um primor urbanístico. E' mais que isso. E' um cometimento de expressão extraordinária que somente um administrador de visão moderna e ampla poderia enfrentar e realizar.

Para tanto, para dar ao Rio um trabalho que de há muito o seu avanço reclamava, o prefeito encontrou recursos materiais e técnicos em sua própria administração. Com um serviço de fiscalização e arrecadação perfeito, a Prefeitura viu suas rendas grandemente aumentadas, podendo, assim, fazer face ao seu propósito de dar feições novas ao Rio, — ponto capital do programa administrativo do prefeito, Henrique Dodsworth.

E, assim, ante a descrença de uns e a má vontade de outros, vencendo obstáculos de toda ordem, o correto administrador lançou-se à gigantesca tarefa, a maior de seu longo e laborioso governo.

Já agora, porém, aí está plenamente vitoriosa, com a marcha impetuosa dos trabalhos, afirmando-se desde então o que será em dias futuros, a maior e mais bela artéria de toda a América do Sul: a Avenida Presidente Vargas!

DETALHES TÉCNICOS DA GRANDE ARTÉRIA

Compõe-se a Avenida Presidente Vargas, nos seus 4.040 metros de extensão, de dois trechos distintos:

1.º) da rua Visconde de Itaboraí até à rua de Santana, com 2.040 metros;

2.º) da rua de Santana à Praça da Bandeira, com 2.000 metros, perfazendo assim um total de 4.040 metros.

A largura total da Avenida é de 80 metros, sendo 32 metros na pista central, 15 metros em cada pista lateral, 2 metros em cada refúgio e 7 metros em cada passeio.

A largura dos passeios é a seguinte:

Passeio coberto em galeria, 7 metros.

Passeio desoberto (da rua Santana até à Praça da República), 7 metros.

Passeio desoberto (da Praça da República até à rua Visconde de Itaboraí), 3 metros.

COMPOSIÇÃO URBANÍSTICA SEM PRECEDENTES

Toda a Avenida Presidente Vargas foi reloteada na faixa desapropriada, permitindo, desse modo, uma composição urbanística sem precedente na história da evolução da Cidade do Rio de Janeiro.

Além do problema do tráfego e circulação, primordiais na abertura da Avenida, há o de ordem estética com as novas edificações de 22 pavimentos que se erguerão nos terrenos marginais, desapropriados para constituirem os lotes urbanizados, e dotando, por consequência, a Cidade de uma artéria de magnífica perspectiva para os horizontes opostos da Serra da Tijuca e para o mar. Além disso, permitiu ressaltar a Igreja da Candelária com sua majestosa cúpula branca, até há pouco escondida pelo casario em redor.

A SEGURANÇA DO CALÇAMENTO

Da criteriosa direção dos trabalhos, do perfeito e impecável acabamento do asfalto que cobre a grande artéria em toda sua extensão, já o público teve o depoimento eloquente de assistir o desfile de pesados carros de assalto, tanks gigantescos de 30 toneladas, durante a grande parada de Sete de Setembro.

A Avenida Presidente Vargas já existe, pode-se dizer, pois está prestando, desde agora, relevantes serviços à população e ao tráfego da "Cidade Maravilhosa", afirmado ainda a capacidade realizadora do homem que se encontra à frente da Municipalidade.

CREME DE MILHO “LUX”

Em pacotes de celofane de UM quilo e MEIO quilo



O PRODUTO MUITO IMITADO
MAS NUNCA IGUALADO

ALIMENTO IDEAL PARA ADULTOS E CRIANÇAS
EM MINGAUS, BOLOS E BISCOITOS

FABRICAÇÃO DO
“MOINHO DA LUZ”



Exija-o pela marca “LUX”
NAS CASAS DE 1^ª. ORDEM

RESSEGUROS DE RISCOS AERONAUTICOS

**OUTRA IMPORTANTE E OPORTUNA REALIZAÇÃO DO
INSTITUTO DE RESSEGUROS DO BRASIL — FRUTOS
DE UMA ADMINISTRAÇÃO MODERNA E ESCLARECIDA**

O Instituto de Resseguros do Brasil está colimando, perfeita e eficientemente, o objetivo que se traçou. De fato, nestes poucos anos de atividade, dirigido pela clarividência do sr. João Carlos Vital, o Instituto conseguiu realizar a obra controladora que o Presidente Getulio Vargas sempre situou entre os vários e importantes pontos de seu magnífico e patriótico programa de governo.

Certo que o êxito dos trabalhos dos IRB resultou da sua excelente organização técnica, entregue em boa hora à percucienteza e à esplêndida capacidade de trabalho do presidente João Carlos Vital, que soube traçar as diretrizes e erguer os alicerces desse importante setor da administração, rodeando-o da confiança absoluta de todas as sociedades de seguro que atuam dentro do território nacional.

Para que tão complexo e importante mecanismo funcionasse à perfeição, fazendo face à atividade intensa que lhe estava reservada, impunha-se um funcionalismo lúcido por excelência, corretamente capacitado das árduas funções, por demais laboriosas e eminentemente técnicas. Essa conquista foi conseguida pelo IRB, graças à iniciativa de seu presidente, visando acima de tudo o mérito profissional daqueles que deveriam integrar o corpo de servidores do Instituto. E, assim, com inquebrantável critério, pôde a modelar organização, hoje apontada como das mais modernas e perfeitas de todo o nosso aparelho administrativo, capacitar-se para concretizar, em bases sólidas, a tarefa econômica que o Estado Nacional lhe adjudicou.

RESSEGUROS DE RISCOS AERONAUTICOS

O franco progresso das atividades do IRB fez-se marcante de ano para ano. A amplitude de suas iniciativas revelou-se através resultados excepcionais. E esse ritmo progressista tornou-se tão seguro e correto que, a 1 de janeiro de 1944 corrente, foi iniciada, com êxito, a aceitação de resseguros de riscos aeronáuticos.

A idéia, digna de aplausos e que demonstra, mais uma vez, a clarividência da direção do Instituto, afirma antes de tudo a situação de admirável progresso e segurança atingida pelo modelar orgão controlador da indústria do seguro. Certo que para tanto muito concorreu o espírito de colaboração e de confiança mútua que, desde o primeiro instante, sempre regeu o "modus vivendi" estabelecido entre o Instituto de Resseguros do Brasil e as sociedades existentes em todo o Brasil. Essa compreensão magnífica, louvável sob todos os aspétos, deu resultados ótimos, animadores, tais como a estabilidade técnica e econômica das sociedades, o aumento da capacidade de retenção do mercado segurador brasileiro, a criação de novas organizações de seguros e a extensão de cobertura a novos riscos e maior difusão do seguro.

RAZÕES QUE DETERMINARAM A UTIL INICIATIVA

Escrevendo como técnico, na Revista do IRB, sobre a aceitação de riscos aeronáuticos, diz o sr. Celso Gomes dos Santos:

"O desenvolvimento da aeronáutica civil e comercial processa-se em proporções geométricas. Ambas, apesar de sua evolução, são apenas promessa que o Brasil de hoje exige e de que o Brasil do após guerra dependerá.

A primeira, formando a reserva humana, além de garantir nossa defesa militar, fornece os elementos de que a aeronáutica comercial precisa para o aumento de suas rotas e frequência de vôos. Esta, por seu turno, aproximará cada vez mais, os núcleos comerciais, industriais e científicos brasileiros.

Foi considerando os motivos acima, que o Instituto cuidou de tornar possíveis as vantagens do seguro, a esta grande força social e econômica — a Aeronáutica.

Os riscos aeronáuticos são complexos. O seu índice de periculosidade é de difícil determinação, pois não se enquadra nas classificações de riscos usualmente conhecidos. Os dados estatísticos são escassos e incompletos. A possibilidade de perda do mercado pelos seguradores estrangeiros criou um ensaio de concorrência tarifária que os seguradores brasileiros, liderados pelo I. R. B., dificilmente poderiam suportar. Todos esses obstáculos foram enfrentados, na base de que, estando o mercado segurador brasileiro unido e com uma suficiente capacidade de retenção, tudo era possível de solução.

Contou o I. R. B., para o sucesso de sua iniciativa, com o esforço da Divisão Técnica e a colaboração de representantes do Sindicato das Empresas de Seguros Privados e Capitalização do Rio de Janeiro, do Departamento de Aeronáutica Civil e de elementos do próprio Instituto".

O trabalho do chefe do Serviço de Riscos Aeronáuticos é todo ele claro e elucidativo por exceléncia. Em seus períodos estão esclarecidas todas as razões que determinaram mais essa feliz iniciativa do IRB, que resultou plenamente vitoriosa, pois o conhecido técnico assim conclui sua explanação:

"Até o presente, tudo tem sido solucionado de modo satisfatório. Contando-se com uma cobertura no Brasil de mais de Cr\$ 5.500.000,00, e contratos de resseguro no Exterior em ótimas condições, foram transpostos os maiores obstáculos.

Restam, apenas, dificuldades ocasionais e estas vão sendo resolvidas à medida que surgem, dando às sociedades e ao I. R. B., um melhor conhecimento dos riscos, tornando-os passíveis de grupamento e seleção mais homogêneos.

Tais fatos colocarão o mercado segurador brasileiro à altura da intensa aeronáutica que o após-guerra promete".

Com os resseguros aeronáuticos, podemos concluir, a administração do sr. João Carlos Vital assinalou mais um alto serviço à sua já longa pauta de realizações à frente do Instituto de Resseguros do Brasil.

A DEFESA NACIONAL

Matéria para o número de 10 de outubro de 1944

1.º — EDITORIAL.

2.º — REMUNICIAMENTO E ALIMENTAÇÃO DE UM BATALHÃO DE FUZILEIROS EM OFENSIVA — Cap. Nelson Rodrigues de Carvalho.

3.º — A D. C. HIPOMOVEL — Ten. Cel. Artur Carnaúba.

4.º — EMPREGO DAS UNIDADES DE DESTRUIDORES DE CARROS — Cap. José Bezerra Pessôa.

5.º — PATRIARCAS E CARREIROS — Coriolano de Medeiros.

6.º — A BATERIA DE 152,4 mm. — Major Newton Franklin do Nascimento.

7.º — PROBLEMAS DA VIDA DO OFICIAL — Cap. Rui Alencar Nogueira.

8.º — DEVEMOS FORMAR OS NOSSOS SOLDADOS RODO-FERROVIARIOS — 1.º Ten. Lindonor de Melo Mota.

9.º — PONTE TARRON — 1.º Ten. Luiz Gonzaga de Melo

10.º — LIVROS DO EXÉRCITO.

11.º — REVISTAS EM REVISTA.

12.º — NOTICIÁRIO E LEGISLAÇÃO.

O novo Comendador da Ordem do Mérito Militar

**JUSTAMENTE GALARDOADO UM GRANDE E SINCERO
AMIGO DO EXÉRCITO — UMA DEDICAÇÃO QUE VEM
DE LONGE — A OPINIÃO DA IMPRENSA**

O Exército vem de galardoar, com o gráu de Comendador da Ordem do Mérito Militar, o Interventor Federal em São Paulo, Sr. Fernando Costa.

O nome do ilustre administrador, apontado pelo Exército para receber a alta honraria, encontrou logo a anuência do preclaro Chefe da Nação, mais que ninguém ciente dos serviços que, com espontaneidade e ardor, o Sr. Fernando Costa há prestado às Forças Armadas do país.

De fato, essa identidade de sentimentos, de pontos de vista, de comunhão de pensamentos, entre o dinâmico e esclarecido homem público de Piratininga e o Exército, vem de longe.

Ainda há poucos dias, em magnífica crônica aparecida nas colunas do importante órgão da imprensa bandeirante, "O Estado de São Paulo", enviada pela sua Sucursal no R'o, aparecia um relato que, nas suas linhas, mostrava que, há longos anos, quando prefeito de sua terra natal, Pirassununga, já o Sr. Fernando Costa afirmava a sua estima e a sua solidariedade aos soldados do Brasil. O depoimento sobre esse desejo de bem servir aos militares, por parte do ilustre paulista, foi prestado pelo general Valentim Benício, hoje comandante da 1.^a Região Militar. A crônica falava desse depoimento, assim:

— "Em tempos que já lá vão, eu cheguei à cidadezinha de Pirassununga. Era capitão e não conhecia ninguém. Procurei, desde logo, saber quem era o Prefeito e tive da parte dele uma cordialíssima acolhida. Tratava-se do Dr. Fernando Costa, que estava, também nos primórdios de sua notável carreira política. O Capitão não poderia ficar num hotel... Em Pirassununga não havia, entretanto, uma só casa para lugar.

"Um dia o Prefeito procurou o Capitão e informou-o que havia ele próprio, transformando-se em construtor, feito dividir ao meio o casarão onde residia um seu velho amigo, fechando portas e janelas, levantando muros e derrubando cercas, construindo uma nova cozinha e instalando um banheiro completo. O amigo do Prefeito ficou de uma banda e o Capitão pôde aquartelar-se na outra banda do velho mas confortável prédio...

"O Prefeito, aos agradecimentos do militar, limitou-se a dizer-lhe que enquanto fosse o governador da cidade membro algum do Exército, desde o mais inferior ao mais graduado, teria ali qualquer dificuldade.

"Entretanto uma surgiu, prossegue o General Benício, que é um



Após colocar as insignias da Ordem do Mérito Militar no peito do Interventor Fernando Costa, o Chefe da Nação aperta cordialmente a mão do novo Comendador

"causeur" tão agradável quanto um escritor brilhante. O Regimento não tinha um local onde os cavalos pudessem pastar. Ocupamos, então, na beira mesmo da cidade, uma pequena área, das que lá no Rio Grande se poderiam chamar de um "potreiro". Ali soltavamos os nossos cavalos e espalhávamos, aqui e acolá, um pouco de alfafa, para que o pasto não fosse de todo raspado. Um dia, porém:

— Pronto, meu Capitão, disse o sargento. Estão cercando o nosso "potreiro" e não temos mais onde pastorear a cavalhada!

“Realmente, a um dos lados do “piquete” já haviam sido empilhados muitíssimos moirões de cerca, inúmeros rolos de arame farpado,

uma quantidade enorme de maços de grampos e pregos, martelos, etc. O pessoal, numeroso também, estava a postos para iniciar o que tudo indicava um grande trabalho! Fui à Prefeitura, expliquei a situação ao chefe do executivo municipal e pedi-lhe que me auxiliasse a obter outro local, cujo proprietário não estivesse disposto a cercá-lo, de arame farpado, como se fosse um campo de concentração, para que nele pusessemos a pastar os cavalos do Regimento.

O Dr. Fernando Costa ouviu-me e com aquele seu habitual sorriso largo, de larga boa vontade, respondeu:

— Não se apoquente. O proprietário daquele pasto sou eu. Mandei cercá-lo para que os cavalos ficassem mais seguros...

O General Benicio, ri, também, amplamente, ao encerrar o relato do episódio que a poeira do tempo não obscureceu em nenhum detalhe, na sua memória agradecida. E comenta, com um acento de respeito na voz clara e pousada:

— “Foi desde então, de pequenos mas expressivos gestos como esse, que o Dr. Fernando Costa começou a prestar serviços ao Exército Nacional, serviços tão assinalados que levaram o General Eurico Gaspar Dutra, Presidente da Ordem do Mérito Militar, tão rigoroso nestas coisas, quão austero e justo em todas as suas atitudes e julgamentos, e apresentar ele próprio o nome do eminentíssimo paulista para receber a alta distinção que a nossa classe agradecida lhe outorgou, em nome do país inteiro, com a simpatia e o aplauso de todos os militares e o indispensável beneplácito do nosso grande comandante o Presidente Getulio Vargas”.

UMA DEDICAÇÃO QUE NÃO PAROU

Nesse gesto tão emotivo quanto cordial não parou a dedicação do atual Interventor Paulista ao Exército. Antes, continuou com redobrado ardor, para, afinal, ao assumir o Governo de São Paulo, dedicar os seus melhores esforços no sentido de cooperar com as Forças Armadas, notadamente com as autoridades da 2.ª Região Militar, sediada no Estado entregue à sua clarividência pelo Presidente Getulio Vargas.

Não surpreendeu, pois, a ninguém a concessão da Ordem do Mérito Militar ao eminentíssimo homem público, que, à frente de Piratininga, vem fazendo obra de fulgores marcantes, já acelerando, com medidas felizes, todas as células produtoras, já conseguindo irmanar, em derredor dos postulados do Estado Nacional, todos os bons e sinceros filhos de São Paulo.

PARA RECEBER A COMENDA

O Sr. Fernando Costa acorreu ao Rio para, no “Dia do Soldado”, frente à estátua do Duque de Caxias, patrono do Exército, receber das mãos do Presidente da República a honrosa insignia.

Perto da estátua havia, uma hora antes da cerimônia, grande número de figuras de destaque, sobretudo da colônia paulista e do mundo político. O sr. Fernando Costa chegou às horas e meia em companhia do Chefe de sua Casa Militar, Maor Trigueirinho e do Secretário particular, Prof. Arquitielino Santos. Pouco depois aparecia o Interventor Manuel Ribas, os Ministros Marcondes Filho e Souza Costa, o Prefeito Dodsworth, o General Mauricio Cardoso, e, a seguir, o Diretor-geral do DIP, Capitão Amilcar Dutra de Menezes, o Nunciado Apostólico, os Ministros Capanema, Mendonça Lima, Henrique Guillemin, Leão Veloso, o Major Alencastro Guimarães e, um por um, todos os oficiais generais da guarnição do Rio de Janeiro. Formou-se um grande círculo à volta do Interventor paulista, que se deslocou para, junto do pavilhão quando o toque de sentido anunciou a aproximação do Presidente da República.

Serenadas as palmas que marcaram a chegada do criador do Estado Nacional, o coronel B'ná Machado leu a ordem do dia do Ministro da Guerra dizendo o significado das condecorações que iam ser entregues. Foi então que nova e vibrantíssima salva de palmas se fez ouvir, no instante em que o Presidente Getulio Vargas colocava a honrosa insígnia no peito do Sr. Interventor Fernando Costa.

A REFERÊNCIA AO NOVO GOVERNADOR SURGIDA NO BOLETIM

D oboletim da Ordem do Mérito Militar, lido pelo Coronel Edgar do Amaral na cerimônia de entrega das condecorações, consta a seguinte expressiva referência ao Interventor Fernando Costa:

“Concedendo ao doutor Fernando Costa, Interventor do Estado de São Paulo, as insígnias do grau de Comendador da Ordem, testemunha-lhe o Governo a gratidão do Exército pela excelente e decidida cooperação que lhe vem oferecendo, cedendo-lhe grandes áreas de terrenos para suas instalações e iniciando a construção da Escola Preparatória de Campinas”.

REFERÊNCIAS DA IMPRENSA

Toda a imprensa brasileira, através seus órgãos mais autorizados, ocupou-se do acontecimento, pondo em destaque a personalidade de eleição do novo Comendador da Ordem do Mérito Militar e ressaltando a justiça contida no gesto do Exército e do preclaro Presidente Getulio Vargas.

Foi uma condecoração merecida e justíssima, — sintetizaram todos os comentários da imprensa, como que traduzindo o pensamento de todos os bons brasileiros, de todos quantos admiram a figura excepcional do Interventor Fernando Costa.

Trabalha e enriquece o Piauí

FRUTOS DE UMA ADMINISTRAÇÃO HONESTA E ESCLARECIDA — ALGUNS ASPECTOS DA MODELAR GESTÃO DO INTERVENTOR LEONIDAS MELO

O Piauí está vivendo, atualmente, uma das suas fases mais brilhantes. O progresso faz-se sentir em todos os setores do Estado. Povo e classes conservadoras, cerrando fileiras ao lado do Interventor Leonidas Melo, cooperam de maneira intensa na superior, equilibrada e honesta administração desse experimentado homem de governo.

Assim, pois, com seus 300.000 quilômetros quadrados e com uma população que quase atinge a casa de um milhão, o Piauí trabalha, enriquece e avança para um futuro seguro e luminoso, perfeitamente integrado nos possuídos do Estado Nacional.

Fazendo-se cercar de um pugilo de excelentes e capazes auxiliares imediatos, em cuja escolha não olhou côres políticas, o Interventor Leonidas Melo conseguiu acelerar a obra iniciada em 1930 pelo então capitão Landri Sales. Com a larga capacidade de trabalho que tanto o marca, o atual dirigente do Piauí pôde incentivar, com a adoção de medidas felizes, a produção em todo o território estadual. E isso de tal maneira que, nas horas presentes, o Estado ocupa o sétimo lugar no que toca ao valor dos artigos exportados.

UM POUCO DE ESTATÍSTICA

No quadro que se vai lêr, ressalta, em toda sua eloquência, o esplêndido surto econômico do Estado. E' a balança mercantil do Piauí que fala, afirmando o progresso operado na produção estadual sob o benemérito governo do Interventor Leonidas Melo:

<i>Exportação</i>	<i>Tonelagem</i>	<i>Valor</i>	<i>Tons.</i>	<i>Cr\$</i>
1937	30.696	131.775.000,00		
1941	35.972	218.628.000,00		

<i>Importação</i>				
1937	17.429	61.077.000,00		
1941	32.240	111.553.000,00		

TRABALHO INTENSIVO E BEM NORTEADO

O Interventor Leonidas Melo aproveitou bem esse surto de riqueza, acelerando inúmeras obras públicas, construindo estradas, modernizando a instrução pública, aparelhando melhor a Saúde Pública, dando aos piauienses, enfim, tudo quanto se fazia preciso. Esse rosário de excelentes realizações não se restrinham apenas a Terezina. Ao contrário, todos os municípios mereceram a atenção do Governo, não só com a nomeação de prefeitos capazes, como, principalmente, com o auxílio que lhes foi dado, através obras de necessidade imediata e construídas por conta dos cofres estaduais.

MOT DE LA FIN

Terminando estas notas, é de justiça afirmar que o governo do sr. Leonidas Melo pôde apresentar, como realmente apresenta, um ativo de serviços que o coloca em primeiro lugar entre quantos registra a história do Piauí. Em oito anos de administração o ilustre homem público *triplicou a renda do Estado*.

Colocou o Piauí entre as maiores unidades confederadas, no que toca a rodovias e meios de transporte.

Desenvolveu a lavoura, a pecuária e a indústria, através de providências inteligentes e oportunas.

Melhorou a instrução, mandando várias professoras aperfeiçoarem-se no Rio, construindo novas escolas, melhorando as antigas e dotando, a todas, de moderno material escolar.

Colaborou com a Justiça, prestigiando a magistratura e dando, ao aparelhamento policial, recursos melhores e mais eficazes.

Combatteu todos os que quiseram perturbar a ordem e a segurança públicas, fazendo-o, porém, sem ódios pessoais, nem espírito de represália de qualquer espécie.

Estimulou a exploração das matérias primas a que o Piauí deve, em grande parte, o surto de sua riqueza na presente quadra da vida nacional.

Comprimiu as despesas públicas, limitando-as à de caráter urgente e reprodutivo — tais como estradas, fomento à produção e outras, de essencial valia para a saúde e o bem estar do povo.

Elevou o Piauí a uma fase de prosperidade e bem estar que bem resumem seu interesse constante pelo bem do povo de sua terra.

E cumpriu, como delegado do governo da República, de maneira leal e nobre, a missão que em boa hora lhe confiou o benemérito Chefe da Nação, presidente Getúlio Vargas.

LIVROS NOVOS

TÁTICA DE INFANTARIA NOS PEQUENOS ESCALÕES — Ten. Cel.
Alexandre José Gomes da Silva Chaves — Biblioteca de "A De-
fesa Nacional" — 1944.

Prolonga-se neste volume a fecunda e incansável atividade do Ten. Cel. Alexandre da Silva Chaves, tão cedo, em pleno apogeu de uma carreira extraordinária, subtraído ao nosso convívio. E, como diz o sóbrio prefácio da Editora, "todos quantos com ele conviveram e trabalharam sabem que seu nome é a melhor recomendação deste livro".

O trabalho em apreço representa o curso dado pelo Ten. Cel. Alexandre Chaves, quando instrutor-chefe da Infantaria da Escola Militar, aos cadetes do 3.º ano, há 4 anos passados.

Poderia parecer, desde que atravessamos tempos vertiginosos, em que a arte militar sofre mutações aceleradas nos seus processos, nos seus meios e até em alguns princípios, pois que adquiriu com a arma aérea uma nova dimensão, poderia parecer que essa idade de 4 anos inutilizasse ou pelo menos desfalcasse o interesse da obra composta pelo ilustre oficial desaparecido. Atente-se, porém, para a sua natureza. Não se trata de "um repositório de idéias feitas, adestritas a normas e preceitos regulamentares", mas de "um guia que cordena e metodiza o raciocínio, que ensina a pensar objetivamente". De certo as idéias e os raciocínios partem dos "preceitos, normas e princípios táticos codificados nos regulamentos" em vigor, mas, com acentua o Prefácio com muita razão, "justamente porque tais regras servem aqui apenas para fundamentar a discussão do problema tático, e não para definir maneiras rígidas e invariáveis de proceder, o que equivale dizer, de dar solução esquemática aqueles problemas, é que dá obra do Coronel Chaves um valor permanente e sempre atual".

A matéria tática propriamente dita começa na 2.ª parte do livro e se desdobra através de Títulos e Capítulos em que são estudados os movimentos e estacionamentos, a segurança, a defensiva, a ofensiva, o ataque e as operações complementares.

A 1.ª parte do volume abriga uma matéria de grande oportunidade para o estudo que se vai seguir, é uma espécie de matéria preparatória, pois que consiste em noções sobre a guerra (forças morais, intelectuais e materiais, diferentes fases da guerra, noções gerais sobre a batalha),

e sobre o comando (missões e qualidades, métodos para decisão, decisões, ordens, informações, partes) e ainda sobre o batalhão e seus meios.

O nível e a orientação dessas considerações são os melhores. O autor, como se podia esperar das suas qualidades de inteligência e aparelhamento profissional, guarda uma perfeita linha de lucidez. E assim que, escrevendo ao tempo das "blitzes" fulminantes, produzidas pelas "panzers" despóticas, ensinava serenamente que "a força moral é o fator decisivo da vitória", e que "sem ela a força material é impotente".

Estudando a mobilização, fixa-lhe o conceito moderno dentro dos quadros da guerra total. "Tratar apenas do Exército — fala o Ten. Cel. A. Chaves — canalizando para ele tudo quanto lhe é indispensável, deixando a organização civil com encargos desses fornecimentos e entregue à sua sorte seria esgotar rapidamente a Nação e tirar ao Exército as possibilidades da vitória. Assim a organização da Nação deve sofrer uma modificação que permita: — Ao comércio, o seu funcionamento e quicá desenvolvimento para que a economia nacional não sofra um colapso; à indústria e à agricultura, a produção do indispensável ao Exército e ao consumo normal; aos transportes, a realização de todos os transportes militares e dos comerciais".

Vai nesse esquema um verdadeiro, um magnífico programa.

As qualidades que deve o chefe militar possuir são assim catalogadas: qualidades morais — caráter (definido pela tenacidade, energia, sangue frio, amor à responsabilidade), bravura, obediência, abnegação, fé no sucesso; Qualidades intelectuais — imaginação refletida, senso da realidade, apreensão fácil, espírito de organização; Qualidades profissionais — instrução militar desenvolvida, conhecimentos dos quadros e da tropa, espírito de justiça, benevolência, aptidão para o comando; Qualidades físicas — saúde, treinamento físico, entusiasmo.

Esse quadro, a nosso ver, supera o quadro anterior devido ao Gen. Liberato Brtencourt, ao fazer um estudo psicológico do Duque de Caxias. Outros estudosos tem-no aplicado a outras figuras militares do passado, sem retoques. Agora esse volume não só vulgariza o esquema, como o aperfeiçoa. Talvez se possa observar, examinando-o, que "sangue frio" não está bem como componente do "caráter", seria antes uma "qualidade moral" autônoma; na lista das "qualidades intelectuais" devia incluir-se "espírito crítico", que tanta falta faz a qualquer um, quanto mais àqueles que se destinam a manejá homens, defender causas, às vezes discutíveis, transpor situações engonosas.

Em suma, ficamos devendo à "Biblioteca de A Defesa Nacional", um livro utilíssimo. A tática de Infantaria nos pequenos escalões e to-

dos os problemas gerais tributários da iniciação tática fazem o seu conteúdo, tudo tão bem concatenado, tão claro, tão fácil, que ficamos pensando nos cursos do C. P. O. R.. E' um livro assim, positivamente, que convém aos alunos dos nossos cursos de oficiais da Reserva, até porque, pelo seu feitio e idoneidade, quase permite o auto-didatismo tático.

Que apareça coisa igual para a Cavalaria.

DICIONÁRIO INGLÊS-PORTUGUÊS DE TERMOS MILITARES —
Homero de Castro Jobim — Ed. Livraria do Globo — 1944.

Esse volume atende às necessidades decorrentes do deslocamento do nosso centro de interesse militar da França para os Estados Unidos. Antigamente, desde que ficamos sob o influxo da Missão Francesa, eram franceses quase todos os livros e revistas técnico-militares com que aperfeiçoávamos os nossos conhecimentos. A guerra trouxe o afastamento da França do cenário militar e, embora não se justifique, o fato é que a derrota de 1940 acarretou o desmoronamento da autoridade do seu Exército, detentor de tão positivas tradições de valor moral e intelectual. Embalde, sob o tumulto dos auto-falantes de Berlim, alguns procuraram explicar que a "blitzkrieg" não significava mais que uma esmagadora superioridade aérea e mecânica, paciente e calculadamente preparada pelos conquistadores e ainda favorecida pelo trabalho subterrâneo da 5.ª coluna, esse veneno diabólico, criado e inoculado pelo nazismo no mundo inteiro, e que ainda hoje produz efeitos. Ao menos parece resistir melhor que a Wehrmacht...

Mas o certo é que o desastre do Exército de Gamelin destruiu a importância militar da França, e enquanto isso começava a formar-se nos Estados Unidos um novo exército destinado a cortar a carreira conquistadora dos nazistas. Os mesmos expansivos admiradores dos sucessos germânicos contra a França riem irônicos às notícias do esforço norte-americano. Nem podia ser diferente. De um lado a sua observação era interessada, pois consciente ou inconscientemente tinham preferências fascistas; de outro lado desconheciam os Estados Unidos, nunca poderiam avaliar a capacidade da sua máquina industrial, nem o valor militar do seu povo.

Essas opiniões, porém, não exerciam a menor influência no ânimo americano... O contrário foi que se deu. O poderio militar dos Estados Unidos em breve começou a aparecer, primeiro na ajuda aos combatentes do mundo inteiro, e depois em demonstrações algo positivas: os desembarques na África do Norte, a conquista da Sicília, o salto sobre a península italiana, o retorno progressivo nos itinerários do Pacífico... Destarte a influência militar norte-americana é que entrou a

espraiar-se por toda a parte, da Turquia à Inglaterra, da China à Austrália, do Perú ao Brasil. Nós, particularmente, em face da nossa posição geográfica e atitude internacional, cairmos de modo completo na esfera de influência militar dos Estados Unidos. De lá recebemos todo o material moderno e no conjunto das forças americanas engrena-se a F. E. B., dois motivos para nos adaptarmos à organização ianque, que é, de resto, fruto das mais recentes experiências dos campos de batalha. Numerosos oficiais brasileiros de todos os postos têm participado da intimidade do exército norte-americano, em turmas sucessivas que lá estagiaram. De outra parte muitos elementos das forças armadas dos Estados Unidos convivem conosco na faina comum de guarnecer certas instalações militares situadas no território nacional e que teem sido de alto valor para o desenvolvimento das operações além-Atlântico.

Tudo isso gerou ma's que o simples interesse pelo idioma inglês, criou um verdadeiro intercâmbio entre as duas línguas, a inglesa e a nossa. Os americanos procuram falar-nos em português e nós nos dirigimos a eles forçando o inglês...

Mas no terreno estritamente militar há os termos técnicos, que são preciosos, e o entendimento não pode ficar sujeito aos azares da boa vontade. O dicionário de "Termos Militares", de autoria de Homero de Castro Jobim", cobre essa necessidade. E' verdade que antes já dispúnhamos do "Military Dictionary English-Portuguese Portuguese-English", do "War Department". Era, porém, uma publicação de circulação restrita entre nós. O volume editado pela "Livraria do Globo" nos parece levar-lhe vantagem ainda na melhor adaptação à linguagem dos nossos regulamentos. Enriquece-se também abrigando alguns termos antigos que aparecem no estudo da História Militar. A apresentação gráfica proporciona um manuseio fácil. Pena que o volume não tenha sido feito no formato de bolso. Para o que é seria a perfeição.

Banco Comércio e Indústria de Minas Gerais, S. A.

FUNDADO EM JANEIRO DE 1923

Capital Crs 60.000.000,00

Reservas Crs 28.002.635,20

Matriz - BELO HORIZONTE

Filiais:

RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO

BANCO DE DEPÓSITOS E DESCONTOS

Agências e correspondentes diretos em todas as praças do País

REVISTAS EM REVISTA

Do MEMORIAL DEL EJÉRCITO DE CHILE — "La ciencia geografica al servicio de la guerra — Pelo Ten. Cel. RAMES BARRIENTAS ROSAS.

Eis-em admirável síntese um notável estudo de geografia militar. O articulista começa fixando a evolução das relações da geografia com a ciência militar. Sendo a geografia militar — diz ele — uma aplicação da ciência geográfica geral, não escapou às orientações conceituais e metodológicas tão poliformes que esta ultima tem experimentado em sua longa evolução. Na antiguidade os grandes condutores militares já utilizavam as investigações dos geógrafos nos seus planejamentos estratégicos.

"A Geografia é a ciência dos principes e dos generais" escrevia Estrabon de Anásia. *"A Geografia traça a política dos Estados"*, expressaria Napoleão vinte séculos mais tarde. Tales, Anaximandro, Anaximenes, em busca de material para sua geografia filosófica, muito contribuiram para a luta que a civilização helena sustentou contra o oriente gasto e senil. É notável o conhecimento militar que de seu pequeno território demonstraram os estadistas e generais gregos.

E vai pela história em fóra o Ten. Cel. Romeo Barrientos Rosas, lembrando todos os cabos de guerra e as passagens em que souberm valorizar a Geografia: Temístocles em Salamina, Leonidas nas Termopilas, Pausanias em Platea, Lisandro em Helesponto, Xenofonte na sua retirada, etc.

Sobram, pois, razões para concluir que a identificação entre a guerra e a cultura geográfica existiu desde as mais recuadas idades. E se viermos encurtando o tempo veremos que também os romanos utilizaram os conhecimentos geográficos como incentivo de suas conquistas. Veremos Aníbal transmontando os

Pirineus e os Alpes e burlando os exércitos romanos que acreditavam na intransitabilidade dos Apeninos e confiaram nos efeitos do degelo. Lembra ainda o articulista Tiberio, Druso, Trajano, Julio Cesar. Depois refere as campanhas de Gustavo Adolfo e Frederico o Grande, que constituem ilustrações mais próximas das vantagens que pode obter o estrategista versado na geografia.

Por fim, considera o articulista as empresas militares de Napoleão, que podem ser reputadas a verdadeira semente da Geografia Militar.

Com efeito, as campanhas napoleonicas foram precedidas de um acento exame do cenário geográfico, como se evidencia com alguns exemplos: 1) O minucioso estudo do lago Menzaleh, chave do Egito; 2) O conceito militar sobre os Alpes marítimos para cobrir o condado de Nice; 3) O envio do Gen. Leclerc para estudar o cantão suíço de Graubünden; 4) A valorização estratégica e tática do sistema geográfico e topográfico inerente a Rivoli, Verona, Castelnovo, Mantua, Ranco, Caldiero, Vilanova e Vicencio; 5) A escolha de Massena para comandar o Exército da Itália pelo conhecimento que o dito General tinha dos Apeninos; 6) As diretivas que Napoleão enviava aos marechais encarregados de lutar em um sólo tão peculiar como o da Espanha.

As campanhas napoleonicas são assim, lições vivas de Geografia Militar, através de uma variada escala morfográfica: os desertos do Egito, Síria e Palestina; as planícies itálicas e polacas; as estepes geladas e infinitas da Russia; as montanhas alpinas; as selvas danubianas; as asperas e desnudas serras da Espanha.

Não havia, porém, naquele momento histórico, nem método nem sistema geográfico-militar. A propria Geografia Geral vagava na incerteza, sem clara orientação científica. Foi após o renascimento da Geografia Geral, durante o seculo XIX, e o fecundo periodo de meditações que se seguiu à época napoleônica, que surgiu a estrutura da Geografia Militar. Já nos albores desse século aparecem algumas obras que a definem e en-

saíam uma sistematização. Tais obras, participando dos mesmos males imputados à Geografia Geral, consistiam em análises de certas fronteiras, geografias hitorico-militares e estudos militares do terreno ou méras descrições geográfico-militares.

A segunda metade do século XIX, aurora da Geografia Geral, com Humboldt, Ritter, Ratzel, Lavallée, Peschel, corresponde também a uma radical transformação no método e no conceito geográfico-militar. A "kriegsgeographie" dos alemães, representando o conceito amplo e profundo da geografia ante a guerra, substituiu o conceito restrito e topográfico de "terrainlehre".

Em suma, pode-se dizer que a Geografia Militar é uma aplicação de Geografia Geral aos assuntos bélicos, tanto para preparar como para executar a guerra, define o articulista. E citando uma autoridade militar espanhola, acentua que o seu conhecimento interessa por igual ao militar e ao político, é indispensável ao soldado e conveniente ao cidadão.

Estabelece cinco fases sucessivas no processo geográfico militar: 1.^a — Conhecimento completo dos fatos geográficos; 2.^a — Seleção desses fatos; 3.^a — Sua interpretação; 4.^a — Deduções militares; 5.^a — Prova.

A 3.^a fase, fixa com muita precisão o Cel. Barrientos Rosas, consiste em dar aos fatores geográficos o justo valor com que poderão intervir no amplo campo da guerra. E é a dinâmica da Geografia Militar, em oposição à essa Geografia estática, fria, inerte, de discretivismo memonisante, ou de interminável toponímia, carecendo de causalidade e de vida.

Na 6.^a fase, a prova, que é a guerra, encontramos a conexão indissolúvel da Geografia e da História no campo dos estudos militares. Em toda paisagem geográfica, em todo teatro de ação militar, há geografia e história, isto é, espaço e tempo.

Dessa forma, a Geografia Militar conhece os fatos geográficos, sejam físicos, humanos ou econômicos, inerentes ao teatro da guerra e os interpreta para deduzir a influência que exercem na Estratégia, na Organização, na Logística, na Tática, na Fortificação. Funda suas deduções na História Militar.

FISIOGRAFIA E GUERRA. — *O conjunto de fatores físicos e a interdependência com que a natureza os enlaça é o antecedente primário da alta estratégia. Alternativamente ou simultaneamente o conflito será influenciado pelos seguintes fatores:*

I — A continentalidade ou condição insular de uma nação.

II — O valor militar imputável às fronteiras por sua forma, extensão, morfografia, vinculação com as zonas vitais, população e vida.

III — A superfície territorial, que por si mesma é um fator potencial bélico de primeira ordem. As grandes extensões, mesmo fazendo abstração da área econômica efetiva, impõem para ser conquistadas ingentes esforços e proporcionam ao defensor o triste consolo, mas afinal de contas consolo, de uma dilatação estratégica na espera de um eventual socorro estrangeiro (China).

IV — A morfografia, que com a variedade das paisagens, quer se trate de montanhas, planícies, desertos, estepes ou bosques, impõe às operações características peculiares. Assim, o tanque onipotente na planície e no deserto, deixa de sê-lo na selva e na montanha. O canhão de longo alcance, o avião e o infantaria são os grandes senhores do deserto. Nos seguros cascos do muar e do cavalo irá a vitória pelos caminhos e vales das montanhas.

A função estratégica da morfografia e sua definitiva influência na organização e no abastecimento, permitem concluir com o seguinte juízo do Gen. Charpin: "O sistema orográfico de um país determina sua fisionomia militar."

V — A hidrografia, que para fins militares deverá considerar os mares, rios, lagos, pantanos, mananciais, poços, obras de irrigação e finalmente a possibilidade de inundações com fins defensivos.

Na estratégia cada rio tem sua personalidade e o mesmo ocorre na tática, à qual interessa o conhecimento minucioso do regime de enchentes, estiagens, correnteza etc. As batalhas que

têm nomes de rios parecem ser as mais frequentes da História Militar.

VI — Os fatos da ocupação humana, constituidos principalmente por uma rede de vias de comunicação e pelos centros urbanos. As estradas de ferro veem sendo consideradas como o eixo principal da manobra. Bem pode ocorrer, todavia, pondera judiciosamente o articulista, que nesta segunda Guerra Mundial surja uma revisão de conceitos sobre a importância e rendimento assinalados aos transportes automoveis.

E' possível que surja também a reação do centro urbano ante os devastadores efeitos do bombardeio aereo.

VII — A climatologia, que intervém nas operações, nas batalhas, no tipo de armas, equipamento, alimentação do soldado e principalmente no emprego e rendimento da aviação. Nesta altura, entre outras, há uma referência à ação do clima no desfalcado da coluna brasileira que empreendeu a Retirada da Laguna.

VIII — A vegetação que por sua densidade, variedade e componentes infunde à paisagem militar aptidão ou dificuldades seja para a defesa, seja para o ataque, tanto na estratégia como na tática.

IX — O solo, cuja constituição geológica tem maior influência nas frentes estabilizadas. Quantas e quantas influências do solo no soldado, nas armas, nos projeteis, nos veículos, na salubridade !

Em recapitulação, o desfile da fisiografia ante a guerra indica :

— Que a eloquência muda do meio físico oferece generosa colaboração à defesa nacional. Há um determinismo estratégico traçado não pelos Estados Maiores, mas pela mão da natureza.

— Que a preparação orgânica, desde as linhas mestras até a mais simples arma de combate, deve ser plasmada com critério eminentemente territorial, cujo veio é de filiação geográfica.

— Que, na equação da vitória, o terreno é um dos termos conhecidos.

A ANTROPOGEOGRAFIA E A GUERRA — Sob esse título o Gen. Cel. Barrientos começa estabelecendo uma premisa: a potência militar é consequência do valor social nacional. A Geografia Militar, entrando na especulação antropológica, preocupa-se de aquilatar todos os valores humanos inerentes ao solo pátrio e aos possíveis amigos e inimigos. Si a guerra é a prova suprema para um povo, deve esperar-se que todas as forças sociais, todos os vícios e virtudes, todos os fatores físicos e espirituais da raça gravitarão nos campos de batalha. Por isso a raça com seus hábitos e tradições, com suas tendências, com seu vigor, ou com suas taras, com sua mestiçagem ou com sua pureza; com sua folha de glórias ou derrotas, em uma palavra o corpo social em todas as suas manifestações é objeto de observação para o geógrafo militar.

A ECONOMIA E A GUERRA — Grandes principios ligaam todos esses conceitos, constituindo a 3.^a parte dos estudos geográfico-militares, e podem ser esboçados :

- a) Conhecimento por parte do estrategista das áreas econômicas próprias e inimigas. Acentua-se o valor dos objetivos econômicos;
- b) Conhecimento da possível intervenção ditada pelos interesses estrangeiros representados por empresas comerciais e industriais situadas no teatro de operações;
- c) Conhecimento das ações e reações mutuas que experimentarão o movimento comercial e a conduta das operações;
- d) Conhecimento da produção industrial provável em caso de guerra para a própria nação e para os aliados ou inimigos, especialmente quanto a material bélico e matérias primas;
- e) Conhecimento da proteção militar às fontes industriais;

— Que, na equação da vitória, o terreno é um dos termos conhecidos.

A ANTROPOGEOGRAFIA E A GUERRA — Sob esse título o Gen. Cel. Barrientos começa estabelecendo uma premissa: a potência militar é consequência do valor social nacional. A Geografia Militar, entrando na especulação antropológica, preocupa-se de aquilatar todos os valores humanos inerentes ao solo pátrio e aos possíveis amigos e inimigos. Si a guerra é prova suprema para um povo, deve esperar-se que todas as filhas sociais, todos os vícios e virtudes, todos os fatores físicos e espirituais da raça gravitarão nos campos de batalha. Por isso, a raça com seus hábitos e tradições, com suas tendências, com seu vigor, ou com suas taras, com sua mestiçagem ou com sua pureza; com sua folha de glórias ou derrotas, em uma palavra, o corpo social em todas as suas manifestações é objeto de observação para o geógrafo militar.

A ECONOMIA E A GUERRA — Grandes princípios ligaam todos esses conceitos, constituindo a 3.^a parte dos estudos geográfico-militares, e podem ser esboçados:

- a) Conhecimento por parte do estrategista das áreas econômicas próprias e inimigas. Acentua-se o valor dos objetivos econômicos;
- b) Conhecimento da possível intervenção ditada pelos interesses estrangeiros representados por empresas comerciais e industriais situadas no teatro de operações;
- c) Conhecimento das ações e reações mutuas que experimentarão o movimento comercial e a conduta das operações;
- d) Conhecimento da produção industrial provável em caso de guerra para a própria nação e para os aliados ou inimigos, especialmente quanto a material bélico e matérias primas;
- e) Conhecimento da proteção militar às fontes industriais;

f) Conhecimento dos problemas economicos que surgiram com a guerra e sua repercussão na estratégia.

E assim encerra o Ten. Cel. Rameo Barrientos Rosas o seu substancioso ensaio sobre "A ciência geográfica ao serviço da guerra". Resumimo-lo nesta coluna não só pelo seu valor intrínseco, como para alertar os nossos camaradas. Na verdade, pode-se dizer que tem aumentado numa escala espantosa a importância da geografia ao serviço da guerra, e isto por dois motivos que se somam: o desenvolvimento da ciência geográfica, cujos métodos e conceituação moderna o trabalho do Ten. Cel. Barrientos tão bem colocou diante dos nossos olhos; e a própria fisionomia da guerra de hoje em que, como já disse um autor nacional, "as batalhas são nomeadas pelos países, e sua sorte final repousa no folego econômico, no desempenho industrial, na resistência moral das populações."

Entre nós a Geografia Militar não tem tido cultores em número correspondente à sua importância. Um inventário bibliográfico nesse terreno oferecer-nos-ia o compêndio de autoria do Gen. Paula Cidade, os volumes do Cel. Mário Travassos, um volume e mais alguns trabalhos esparsos do Ten. Cel. Lima Figueiredo, e talvez só.

Que o ensaio do Ten. Cel. Barrientos sirva de estímulo e orientação no desabrochar de novos estudiosos da ciência geográfica ao serviço da guerra.

U. P.

BANCO RIBEIRO JUNQUEIRA S. A.

Departamentos em Minas Gerais, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Espírito Santo e Distrito Federal

Filial do Rio — Rua da Quitanda 72

Caixa Postal 1.200

ERVA-MATE

BEBIDA DO SOLDADO

A erva mate por sua natureza química, atua no organismo como um estimulante de ação benéfica, de grande valôr como fonte restauradora de energias consumidas.

A xantina mentilada que o mate contem, é, hoje em dia, considerada como o reconstituïnte ideal, recomendada principalmente para as pessoas que são obrigadas a dispender grandes doses de energias, quer físicas, quer mentais.

Recentes investigações sóbre o papel do mate associado regularmente à alimentação do soldado, trouxeram à luz depoimentos valiosos que provam de sobejo a experiência do passado, quando o mate era apenas incluído no regime dietético dos militares, porque "fazia bem".

Hoje, com o auxílio da Ciência, podemos afirmar categoricamente: o mate é a bebida mais recomendável para o soldado, indivíduo que dispõe grandes esforços e que necessita de uma pronta e eficaz recuperação de energias.

A esse respeito, vale a pena registrar, aqui, o parecer do prof. Cel. Alves Cerqueira, ex-presidente da Junta Superior de Saúde do Exército, ex-diretor do Hospital Central do Exército e Professor de Medicina na Academia Hahnemaniana, sóbre a iley-mate:

"No Exército onde o mate faz parte das tabelas de alimentos, tive ocasião de observar a bôa disposição que apresentavam as praças, nas marchas, nas manobras e outros exercícios, quando no regime do mate".

"Nos regimes dietéticos para anormalização do peso (emagrecer ou engordar) o mate realiza as melhores condições para a consecução desse objetivo".

"Sua composição química em que entra, em proporções discretas a cafeína, faz do mate além de uma bebida tônica, um diurético de primeira ordem que deve interessar sobremodo aqueles que vivem perseguidos pelas crueis manifestações do ácido úrico tão frequente entre nós".

Quanto à minha opinião sóbre o mate eu posso relembrar o que já disse: "A nossa flora tem esta particularidade: dentre os grandes exemplares que constituem a sua riqueza apresenta alguns que poderíamos chamar reis da sua opulenta vegetação: em tal caso estão o mate e o café".

BOLETIM

Recentemente desceu no aeroporto de Natal o hidroavião "Marte". Descer nas águas do rio Potengi um hidro-avião com esse nome ou outro qualquer é coisa que não merece a menor atenção. Lá eles roncam e espanam água com uma assiduidade que os tornou objetos extremamente vulgares.

Sucede, porém, que esse hidro "Marte" pousou em Natal depois de voar, sem nenhuma escala, desde Patuscent River, no Marilând, isto é, um percurso de 4.375 milhas, batendo um record mundial. Conduzia 16 passageiros e 5.900 kg. de carga. Sabe-se que pode transportar 150 soldados equipados ou 20 toneladas de carga. Também é um monstro de 75 toneladas.

A Marinha dos Estados Unidos está recebendo uma série desses gigantescos transportes alados. Como serão úteis sobretudo na guerra do Pacífico!

* * *

O Ten. Manuel Cavalcanti Proença, que conquistou o "Prêmio Visconde de Taunay", da Biblioteca Militar, com o livro "Ribeira do São Francisco", achava-se ausente do Brasil, no Paraguai, integrando uma comissão de cientistas brasileiros. E' que Cavalcanti Proença é oficial veterinário e tem o curso de Manguinhos, onde obteve "Medalha de Ouro", uma laurea raríssima daquele alto instituto. Desde então ficou sendo um dos de Manguinhos. E ultimamente tendo que ir uma equipe de cientistas brasileiros dar cursos e fazer pesquisas em Assunção foi o nosso camarada requisitado por intermédio do Itamarati e lá permaneceu durante mais de seis meses.

* * *

O Ten. Cel. Lima Figueiredo está escrevendo em "O Jornal" uma série de artigos em que focaliza fases da história do nosso Exército. Um deles, sobre "O Exército no 2.º Império", assim conclui com essas palavras significativas: "Pelo que vimos de ver, as coisas do Exército, nesses tempos recuados, eram tratadas com carinho".

Noutro artigo, abrangendo a nossa organização militar "Na Guerra do Paraguai ao fim do século XIX", já é a seguinte a sua conclusão: "Apesar das guerras que vencemos, absolutamente não poderíamos considerar o Brasil em condições de defender seu grande patrimônio territorial com os meios de que dispunha ao baixar a cortina que encerrou o século XIX".

* * *

Solicitado pelo Itamarati o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil dará um conferencista para as comemorações oficiais do centenário de Rio Branco.

O nome naturalmente indicado seria o do Gen. F. Paula Cidade, que ocupa no Instituto uma cadeira pertocnada precisamente pelo Barão, e já produziu um notável estudo a seu respeito. Infelizmente o Gen. Cidade, integrando atualmente as Forças Expedicionárias, não poderá ser o conferencista.

O outro membro do Instituto imediatamente credenciado é o Cel. Jonas Corrêa. Foi quem debateu no Instituto o estudo do Gen. Cidade.

Em terceiro lugar apresenta-se o Cap. De Paranhos Antunes. Não é que tenha, como o nome sugere, nenhuma afinidade de sangue com Rio Branco, mas é autor de uma obra de vulgarização sobre a sua vida.

De qualquer forma, é essa a oportunidade para focalizar-se um aspecto ainda não devidamente apreciado da atuação de Rio Branco: as relações da sua obra com o Exército, quer no plano diplomático, quer no plano intelectual. Com efeito, Rio Branco paralelamente à ação diplomática desenvolveu um intenso esforço em favor do nosso armamento militar. Apesar de ter sido o campeão das soluções pacíficas não desrespeava o fortalecimento das nossas forças armadas.

O segredo dessa fórmula, tão habilmente manejada pelo Barão, e as repercussões, tanto transitórias como permanentes, da sua aplicação, constituem matéria atraente e rica, conquanto de difícil acesso, pelo menos muito mais difícil de compôr que a crônica histórica, resenha cronológica de fator ou exibição de documentos, pois que exigia mais que bons olhos e facilidades para revolver arquivos, exige inteligência aguda, flexível e aparelhada.

A obra de Rio Branco como historiador militar não é de forte densidade, mas denuncia o interesse que desde cedo o futuro "clancel" dispensava às nossas tradições e aos nossos problemas militares. Sondá-la e interpretá-la, é o outro caminho que conduz ao esclarecimento das relações da obra de Rio Branco com o Exército.

E', naturalmente, um estudo a essas bases e nesse alto nível que se deve esperar de um conferencista que se apresente no Itamarati, na comemorações centenárias de Rio Branco, como voz da grande instituição cultural do Exército, que é o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

* * *

A convite do Cel. João Carlos Barreto, presidente do Conselho Nacional do petróleo, visitou recentemente o Brasil o Eng. E. L. de Goyer, geólogo consultor de petróleo do governo norte-americano. Trata-se de uma das maiores autoridades do mundo em assuntos petrolíferos. Conhece pessoalmente mais de 90% dos campos de petróleo em exploração nos diversos continentes. Foi apelidado o "pai das explorações geofísicas nos Estados Unidos".

De Goyer examinou os poços nacionais de Aratú, 15 km ao norte de S. Salvador, de Candeias, mais ao norte, e da ilha de Itaparica.

* * *

Em um artigo "A Borracha e o Exército", publicado em "O Observador Econômico e Financeiro", Floriano Möller adverte:

"Terminada a guerra será difícil que conservemos o mercado atual, porque a América do Norte está pagando caro esta borracha, dadas as

condições precárias e empíricas de sua colheita. O preço fixado em acordo foi de 39 cents, que foi depois elevado para 45 cents a libra, mas na verdade esse preço é ainda maior, porque a "Rubber Reserve", cobrirá a diferença de preço resultante da alta de gêneros alimentícios, maior de 100% segundo a exposição do sr. Valentim Bouças aos jornalistas americanos, num total de 36.000.000 de cruzeiros durante o ano de 1943 e que atingirá 44.000.000 no corrente ano. A farinha de mandioca está custando Cr\$ 37,00 na Amazônia, mas continua a ser vendida a 17,40 ao seringueiro".

"Isto posto, está claro que a nossa borracha não poderá competir com a do Oriente obtida antes da guerra ao preço de 17 e 20 cents a libra, salvo se modificarmos os nossos métodos de produção no sentido de baratear o produto".

Contudo, reflete o articulista, "acreditamos que a perda do mercado não será tão repentina, apesar do acordo de Washington terminar em 1946. Isto porque os japoneses, diante da política de terra arrazada,ão serem forçados a abandonar as plantações conquistadas, por certo destruindo-as. O replantio das seringueiras e seu desenvolvimento até estarem em condições de produzir latex tomarão 8 a 10 anos".

Não haverá otimismo nesse cálculo? Por ventura será possível uma destruição tão completa dos seringais do Oriente pelos japoneses em retirada?

* * *

O "Diário Oficial" de 14 de julho próximo passado trás um suplemento consagrado à publicação das "Instruções para a Organização das Bibliotecas dos Corpos e Estabelecimentos do Exército", aprovadas por portaria ministerial.

São essas "Instruções" muito completas, objetivas e pautadas à luz das mais modernas regras de Biblioteconomia.

Que serviço prestaria a Biblioteca Militar se as imprimisse num folheto e distribuisse aos seus assinantes!

* * *

Na conferência que pronunciou recentemente sobre "Euclides da Cunha na vida militar", o Cap. Umberto Peregrino traçou uma reconstituição do ambiente da Escola Militar da Praia Vermelha nas vizinhanças de 1889. E assim consegue essa parte do seu estudo: "Ponho diante dos olhos um derradeiro quadro da Escola da Praia Vermelha. E' Alfredo Severo, um dos de lá, quem o traça com a emoção das coisas vividas: "Após a revista das nove — descreve ele — depois que morriam na nudez da noite, as últimas notas do toque de silêncio, acendiam-se por todo o recinto da companhia, como laboriosos vagalumes, as velinhas espertas sobre as mesas de estudo". Esse quadro humilde é, talvez, o mais significativo da existência da velha Escola. Foi assim, pela noite a dentro, ao pé das "velinhas espertas sobre as mesas de estudo", que se aparelharam, sob a tutela dominadora de Benjamin Constant, aqueles vigorosos e nobres espíritos, que tornaram tão ilustre o nome da Escola Militar

da Praia Vermelha, e que tanto influiram no destino do Brasil, autores que foram da nossa integração na forma republicana. Ainda hoje, aproximamo-nos de qualquer deles, todos homens que ocuparam posições culminantes no cenário nacional, é sentir, na fidelidade administrativa ao antigo mestre Benjamin Constant, no intransigente apego a um credo filosófico aposentado, e na incorruttivel fé republicana, a força dos princípios, a sinceridade dos ideais que dominaram e fizeram a magia da Praia Vermelha".

* * *

A Escola de Moto-Mecanização, prosseguindo na sua atividade ininterrupta, acaba de diplomar nova e numerosa turma de oficiais. Desta vez são quase todos da arma de Cavalaria, distribuídos entre capitães e subalternos. A nota de relevo da turma é a presença de seis oficiais uruguaios que, pelas qualidades de inteligência, valor profissional e fraternal camaradagem foram elementos destacados. São eles: Majores Juan B. Curutchet, Ademar E. Felipone, Roberto Tomaz Bonilla, Capitães Am-dres F. Gomes, José C. Lopez, Florencio Gravina.

* * *

Eis as últimas novidades bibliográficas militares: A Guerra da Polônia — Ten. Cel. Alcindo Nunes Pereira; Sampaio, patrono da Infantaria — Euzebio de Souza, Guia do Cavaleiro — Ten. Cel. Otavio Mariate (edições da Biblioteca Militar); Os Grandes Soldados do Brasil (3.ª ed. Livraria José Olimpio) — Ten. Cel. Lima Figueiredo.

Tambem foi lançado o volume contendo a 1.ª parte das "Instruções Provisórias para a Organização do terreno". A edição é da Biblioteca Militar que, como se sabe, em virtude de resolução ministerial, tem agora o privilégio das edições comerciais dos nossos regulamento..

* * *

Em artigo recente, estampado no suplemento literário do "Diário de Notícias", o nosso camarada Cap. Nelson Werneck Sodré escreve o seguinte:

"Pena é que, dentro de um impulso tão expressivo, em torno de obras dessa ordem, permaneça esgotada uma obra do valor da de Southey, cuja edição em nosso idioma é tão antiga e foi tão mal feita, continue na sua circulação restrita um Handelmann e não encontre reedição um Armitage, quando tanto esforço é dispendido em edições de menor valia e provavelmente de menos interesse".

"Não possuimos, na verdade, uma História do Brasil em condições de servir ao estudioso, bastando verificar que obras do gênero da de Calógeras ainda são tidas como esplêndidas, e a síntese de João Ribeiro permanece como a melhor; nem conseguimos elaborar, até hoje, uma geografia fora dos moldes didáticos, que possa aparecer, no estrangeiro, como um retrato do Brasil".

Não estará aí, nessa denúncia de deficiências bibliográficas, a sugestão para um alto e oportunismo programa editorial da Biblioteca Militar?

NOTICIARIO & LEGISLAÇÃO

ATOS OFICIAIS DO MINISTERIO DA GUERRA DE 20 DE JULHO
A 20 DE AGOSTO DE 1944

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA (Concessão).

— Ao 1.º Regimento de Carros de Combate, criado pelo Decreto-lei número 6.482, de 9 de maio de 1944, é concedida autonomia administrativa, nos termos do art. 2.º do Decreto n.º 3.251, de 9 de novembro de 1938.
Aviso n.º 2.226 de 11-8. D. O. de 14-8-944.

AUTONOMIA ADMINISTRATIVA (Concessão)

— Ficam sem efeito a autonomia administrativa concedida à Companhia de Intendência do Depósito de Intendência da Fôrça Expedicionária Brasileira, pelo Aviso n.º 1.552, de 9 de junho do corrente ano.
Aviso n.º 1.984, de 22-7. — D. O. de 25-7-944.
(Decreto-Lei n.º 16.213 de 27. D. O. de 29-3-944)

BATALHÃO DE ENGENHOS — (Soluções de consulta)

— Consulta o Comandante do 1.º B/Engenhos se a alínea g do Aviso n.º 1.115, de 4 de maio do corrente ano, tem feito retroativo.
Em solução declaro:

Que a letra g do Aviso citado se refere aos casos presentes e futuros não devendo produzir efeito retroativo.

Aviso n.º 2.074 de 28. D. O. de 31-7-944.

CIDADÃOS MAIORES (Dispensa)

— Os cidadãos maiores de 44 anos de idade — exceto os oficiais da Reserva — estão dispensados de autorização especial por parte do Ministério da Guerra para sair do País.
Aviso n.º 2.121 — de 2-8. D. O. de 4-8-944.

COMANDO GUARNIÇÃO DO RIO GRANDE — (Aumento)

— Fica o Quadro de Efetivos para o Comando da Guarnição do Rio Grande aumentado de um Terceiro Sargento Contador, auxiliar da Tesouraria, um Soldado auxiliar do Almoxarifado e um dito motorista para a lancha destinada aos imprescindíveis serviços de ligação entre as unidades estacionadas no canal da barra.
Aviso n.º 2.019 de 26-7. D. O. de 28-7-944.

COMPANHIA ESPECIAL DE MANUTENÇÃO (Autorização)

— I-A 1.ª Companhia Especial de Manutenção pode manter soldados como excedentes, em número correspondente aos claros do seu efetivo em sargentos e cabos.

Um sistema inteligente de defender o consumidor

A drogaria V. Silva da rua da Assembléia, 66, é um dos mais conhecidos estabelecimentos cariocas e, sem dúvida, o que reune maior e mais selecionada freguezia. Esse conceito adquirido, que resulta bastante da qualidade dos produtos e do nível módico dos preços, deve boa parte da sua solidez ao tratamento que se dá à freguezia.

E' curioso o conhecimento do processo inteligente que tornou os empregados da drogaria V. Silva os mais capazes e os melhor humorados diante das exigências, nem sempre razoáveis, do comprador.

Diariamente, nas várias seções, do balcão aos laboratórios, é distribuído um boletim, apontando as faltas que foram constatadas e de maneira, comercial e delicada, porque se deveria ter procedido. Não se apontam os nomes dos faltosos, mas criam-se estímulos, desenvolvem-se qualidades, gera-se o sentimento da disciplina.

O sistema inteligente de defender o consumidor animando, simultaneamente, a revelação prática das aptidões comerciais do empregado deveria generalizar-se, com indiscutível vantagem para os nossos estabelecimentos que servem o grande público.



CORTUME FRANCO-BRASILEIRO SOCIÉDADE ANÔNIMA

Carneiras, Pelicas, Mestiços, Vaqueiras,
Bezerros, Cromo, Bufalo, Porcos, Solas,
Raspas, Vernizes

SÃO PAULO

Avenida Água Branca, 2000
Caixa Postal, 61-B - End. Tel. "FRANBRA"
Fones, 5-2174 - 5-2175 - 5-2176

AGENCIAS

Rio de Janeiro - Minas Gerais
Paraná - Rio Grande do Sul
Baía - Pernambuco - Pará

II. — Essa autorização cessará logo após o término dos cursos de formação regimentais de uma e outras categoria de graduados, no ano corrente.

Aviso n. 2.177, de 7-8. — D. O. de 9-8-944.

CONDECORAÇÕES — (Criação)

— Ficam criadas no Exército as seguintes condecorações, denominadas Medalha de Guerra, Medalha de Campanha e Cruz de Combate de 1.^a e 2.^a classe.

— A *Medalha de Guerra* é destinada a premiar os oficiais da ativa, da reserva e reformados, e civis que tenham prestado serviços relevantes, de qualquer natureza, referentes ao esforço de guerra, preparo de tropa ou desempenho de missões especiais confiados pelo governo dentro ou fora do país.

— A *Medalha de Campanha* será conferida aos militares da ativa, da reserva e assemelhados que participarem de operações de guerra, sem nota desabonadora.

— A *Cruz de Combate* é destinada aos militares que se distinguirem em ação, sendo:

a) A de 1.^a classe — para todos os que praticarem atos de bravura ou revelaram espírito de sacrifício no desempenho de missões em combate. Essa medalha poderá ser conferida a unidades que se destacaram na luta.

b) A de 2.^a classe — aos participantes de feitos excepcionais praticados em conjunto por vários militares.

— As Medalhas de Guerra e de Campanha poderão ser conferidas a militares dos Exércitos de nações amigas e aliadas que tenham colaborado no esforço de guerra nacional, ou tenham tomado parte em campanha, incorporados às nossas Fôrças.

— Constituirão objeto de decreto especial as características destas condecorações e o regulamento para a concessão das mesmas.

Decreto-Lei n. 6.795 de 17-8-944. D. O. de 19-8-944.

CURSO DO C. I. D. Aé. — (Início)

— O Curso Bl. do C.I.D. Aé. de que trata a Portaria n.º 5.610, de 24-11-943, deverá ter início em 1 de outubro do corrente ano e não na data anteriormente fixada.

A apresentação dos candidatos deverá ser feita até 15 de setembro.

Aviso n.º 2.157 de 4-8. D. O. de 7-8-944

CURSO DE CANDIDATOS A SARGENTO — (Funcionamento)

— Autorizo o funcionamento na Companhia Extranumerária da Escola Militar do Realengo, de um Curso de Candidatos a Sargento, nas mesmas condições previstas para os corpos de tropas.

Esse Curso deverá funcionar no corrente ano.

Aviso n. 2.001 de 24-7. D. O. de 26-7-944.

DIVISÃO DA D. DE REMONTA E VETERINARIA — (Aumento)

— A lotação da 2.^a Divisão da Diretoria de Remonta e Veterinária fica aumentada de um Terceiro Sargento enfermeiro-veterinário.

Aviso n.º 2.061 de 28. D. O. de 31-3-944.

Sport factor de SAÚDE

GYMNASTICA

"Moinho de vento" Gymnastica dos músculos abdominais 10 vezes

Flexão do tronco. 10 vezes

Gymnastica dos músculos das pernas. 20 vezes

Extensão dos músculos dos braços. 20 vezes

Arqueamento do corpo. 10 vezes

"Ponta" 10 vezes

Oscilação da orvhe 10 vezes



FLEXÕES DE CABEÇA

De 5 a 15 vezes
cada exercício



Para o pescoço, o
torax e os costos.



O corpo humano tem necessidade de exercício. A vida sedentária, impedindo a ação normal dos músculos, afecta a saúde e favorece o acúmulo de reservas gordurosas. A gymnastica evita esses inconvenientes. Para maior efficiencia, deve ser praticada como um hábito diário, pela manhã, se possível ao ar livre. É um exercício racional que não rouba tempo, pois requer apenas alguns minutos.

Para sahir de casa disposto, com uma physionomia atracente, deve o homem moderno fazer tres coisas, todas as manhãs: a gymnastica, o banho e a barba. São tres preceitos básicos de hygiene, indispensaveis para se adquirir bón apparence, que tanto ajuda a vencer na vida. Com Gillette é facil, rapido e economico barbear-se em casa. Adquira uma Gillette e passe a fazer sua propria barba, com lâminas Gillette Azul, as unicas rigorosamente asepticas



Gillette
Caixa Postal 1797 - Rio de Janeiro

Gillette

DIA DO RESERVISTA — (Festividades)

— A comemoração do "Dia do Reservista", no corrente ano, se realizará sem a obrigatoriedade do comparecimento dos reservistas do Exército. As festividades dessa comemoração, no Exército, devrão se processar de acordo com as instruções aprovadas pela Portaria n.º 5.389-A, de 25-9-943, excluídas as partes que se relacionem com o comparecimento obrigatório dos reservistas.

Aviso n.º 2.150 de 4-8. D. O. de 7-8-944.

DIÁRIAS AOS OFICIAIS DA RESERVA (Soluções de consulta)

— O Comandante da 4.ª Região Militar, em Ofício n.º 719-S.I.R., de 10 de junho findo, consulta se devem ser pagas diárias de fora de sede aos oficiais da reserva remunerada obrigados a viajar do local de suas residências até às sedes onde funcionam as juntas de Saúde, a fim de se submeterem à inspeção determinada pelo Aviso n.º 1.150, de 8 de maio último.

Em solução declaro:

Que aos oficiais da reserva na situação de que trata a presente devem ser pagas as diárias de fora de sede, de acordo com a letra c do art. 110 do C.V.V.M.E., apesar de não se acharem amparados pelo referido Código.

Aviso n.º 2.106 de 2-8. D. O. de 4-8-944.

GRUPO DE REGIÕES MILITARES (Instituição)

— Fica instituído o Grupo de Regiões Militares (G. R. M.), na organização do Exército Ativo.

O G.R.M. compreende normalmente:

- Comandante;
- Quartel General (Estado-Maior e Chefias de Serviço);
- Regiões Militares.

Parágrafo único. Eventualmente, poderá contar com órgãos de serviços próprios.

— Ficam subordinados ao Comandante do G.R.M. os Comandos das Regiões Militares compreendidas na zona de sua jurisdição.

— Os G.R.M. serão criados, à medida das necessidades, por Decretos-leis em que serão fixados sua designação, composição, jurisdição territorial e sedes dos respectivos Comandos.

— Ficam extintas as atuais Inspetorias Gerais de Grupos de Regiões Militares.

— Cabe aos Comandantes de G. R. M., essencialmente, orientar, dirigir ou fiscalizar o preparo de suas forças para a guerra, em tudo que disser respeito a disciplina, administração, instrução e emprégo.

— As atribuições pormenorizadas do Comandante de G.R.M., bem como dos Grandes Comandos subordinados, serão definidas em instruções baixadas pelo Ministro da Guerra e deverão constar do "Regulamento para as Grandes Unidades e seus Estados e seus Estados-Maiores, Comandos de Armas da Divisão de Infantaria e Comando de Brigadas em tempo de paz".

— O Comandante de G.R.M. corresponde-se diretamente com o Chefe do Estado-Maior do Exército, nos assuntos que a este cabe regular. No que respeita à matéria disciplinar ou administrativa de sua competência, entende-se com o Ministro da Guerra, quer diretamente, quer por intermédio da Secretaria da Guerra, ou da Diretoria interessada, conforme o caso.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

(Banco oficial do Governo do Estado)

Capital realiado Cr\$ 100.000.000,00

FAZ TODA E QUALQUER OPERAÇÃO BANCARIA

EMPRESTIMOS

- Sobre café, algodão e outros produtos agrícolas
- Desconto de Letras e Duplicatas
- Guarda de Títulos e Valores
- Cobrança de dividendos, juros de apólices, Bonus Rotativos, do Tesouro do Estado, Apólices Uniformizadas, Apólices Populares Paulistas, etc.
- Operações de Cambio de qualquer natureza.
- Correspondentes nas principais praças do país e do exterior.

TAXAS PARA CONTAS DE DEPOSITO

Juros

— Em C/C Movimento	2%
— Em C/C Particulares (até Cr\$ 50.000,00)	3%
— Em C/C Limitadas (até Cr\$ 10.000,00)	4%
— A Prazo Fixo de 3 meses	3½%
— A Prazo Fixo de 6 meses	4%
— A Prazo Fixo de 12 meses	5%

CONTAS A PRAZO FIXO COM RENDA MENSAL

— A Prazo de 6 meses	3½%
— A Prazo de 12 meses	4½%

MATRIZ: São Paulo
Rua 15 de Novembro n.º 251
Caixa Postal, 789
Endereço teográfico: BANESPA.

AGENCIAS

Amparo — Araçatuba — Atibaia — Avaré — Barretos — Batatais — Baurú — Botucatú — Braz (Capital) — Caçapava — Campinas — Campo Grande (Mato Grosso) — Catanduva — França — Ibitinga Itapetininga — Jaboticabal — Jaú — Jundiaí — Limeira — Marília — Mirassol — Novo Horizonte — Olimpia — Ourinhos — Palmital — Pirajuí — Pirassununga — Pres. Prudente — Quatá — Ribirão Preto — Rio Preto — Sto. Anastacio — São Carlos — São Joaquim — S. José Rio Pardo — Santos — Tanabi — Tupan.

DEPOSITOS — EMPRESTIMOS — CAMBIO — COBRANÇAS — TRANSFERENCIAS — TÍTULOS — AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES — SERVIÇO RÁPIDO E EFICIENTE.

— Ao Comandante de Região Militar cujo território estiver sob a jurisdição de um Comando de G.R.M., além dos encargos administrativos e do Comando territorial, que não forem da competência do Comandante de G.R.M., cabem as atribuições de Comando de forças quanto às tropas regionais, independentes das Grandes Unidades.

— Sua autoridade se exerce sobre todos os órgãos de serviços regionais e estabelecimentos estacionados no território da Região, exceto quanto aos dependentes diretamente do Ministro da Guerra ou do Comandante do G.R.M.

— O Comandante da Região Militar entende-se diretamente com o Min. da Guerra, Secretaria da Guerra, Diretorias de Armas e Serviços na forma das leis e regulamentos vigentes, salvo nos assuntos da competência do Comandante de G.R.M.

— Este Decreto-lei entra em vigor na data de sua publicação, ficando o Ministro da Guerra autorizado a baixar as instruções e propor as medidas necessárias ao desenvolvimento da sua aplicação.

Decreto-Lei n.º 6.775 de 7-8-944. D.O. de 12-8-944.

IMPORTANCIA RECOLHIDA EM COFRE DA UNIDADE — (Solução de consulta)

— Consulta o Comandante do 34.º Batalhão de Caçadores qual o destino a ser dado às importâncias recolhidas por casas comerciais, ao referido Batalhão, correspondente a 50 % dos ordenados devidos aos seus empregados convocados, de acordo com o disposto no Decreto-lei n.º 4.902, de 31 de outubro de 1942, e que se acham em cofre da unidade em virtude da situação de desertores das aludidas praças.

Em solução declaro:

que na falta de disposição que regule a matéria, deve-se proceder do seguinte modo:

- sejam pagas diretamente às famílias dos desertores as importâncias não recebidas por estes durante o período normal da incorporação;
- sejam ditas quantias depositadas na Caixa Econômica, no nome do desertor, caso este não tenha família na localidade ou se ignore o domicílio ou existência da mesma.

Aviso 2.203 de 9-8. D.O. de 11-8-944.

INSIGNIA DE COMANDO — (Aprovação).

— O Ministro de Estado da Guerra aprova a Insignia de Comando de Guarnição.

(Aviso n.º 7047 de 16. — D.O. de 17-8-944).

OFICIAIS E PRAÇAS DO 1.º ESCALÃO DA F. E. B. — (Dispensa).

Fica dispensado o requisito de arregimentação para a promoção dos oficiais e praças do Exército pertencentes ao 1.º Escalão da Fôrça Expedicionária Brasileira.

Aqueles que, por qualquer circunstância, forem excluídos da Fôrça Expedicionária Brasileira, ainda em território brasileiro, sómente poderão ser promovidos depois de satisfazerem ao citado requisito, mesmo que já tenham ingressado nos quadros de acesso.

Este Decreto-lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

(Decreto-lei n. 6.752 de 31-7 — D.O. de 2-8-944).

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Anuario Militar do Brasil, 1935	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1936	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1937	22,00
Anuario Militar do Brasil, 1940	27,00
Anuario Militar do Brasil, 1941	37,00
Anuario Militar do Brasil, 1942	42,00
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima	31,00
A Campanha da África Oriental — Gen. Waldomiro Lima (D. Oficial)	21,00
A Revolução de 1842 — Martins de Andrade	26,00
A Compreensão da Guerra — J. B. Magalhães	30,00
Andrade Neves o Vanguarda — Cap. De Paranhos Antunes	7,00
Aplicações Militares — Cap. Marcio de Menezes	16,00
Aspéto Geográfico Sul-American — Cel. Mario Travassos	6,00
As Condições Geográficas e o P. M. Brasileiro — Coronel M. Travassos (*)	6,00
Bandeira do Brasil — Cap. Janary Jentil Nunes	11,00
Boletim n.º 3 — Cel. Araripe e Lima Figueiredo	11,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

PAGADORIA CENTRAL F.E.B. — (Aumento).

— Fica aumentado de mais oito (8) soldados o efetivo da Pagadoria Central da F. E. B., que passará a ser o seguinte:
Primeiro Sargento, 1. Segundos Sargentos, 3. Terceiros Sargentos, 8. Cabos, 10. Soldados (oito para serviço de ordens), 88. Total, 110.
(Aviso n.º 1.941 de 20-7 — D.O. de 22-7-944).

POLÍGONO DE TIRO — (Criação).

— I — Fica criado, a título provisório, o Polígono de Tiro de Marambaia, subordinado à Diretoria do Material Bélico e destinado à realização das experiências técnico-balísticas a cargo da referida Diretoria.
(Aviso n.º 2.128 de 3-8. — D.O. de 5-8-944).

PRAÇAS DO EXÉRCITO MATRICULADAS NA E. T. DE AVIAÇÃO — (Designação).

— As praças do Exército matriculadas na Escola Técnica de Aviação de São Paulo, em consequência do Aviso n.º 1.053, de 28 de abril de 1944, devem ser consideradas em destino, pelas suas unidades, até que, por terminação dos cursos tenham nova designação conforme preceitua a parte final do aviso citado.
(Aviso n.º 2.221 de 8. — D.O. de 12-8-944).

PRAÇAS QUE CONTRAIRAM DIVIDAS COM A F. NACIONAL — (Solução de consulta).

— O Comandante do 3.º R.A.M. dizendo haver no Regimento várias praças que recebem vencimentos diretamente do empregador, sem interferência da Unidade, consulta como deve proceder com aquelas que contraírem dívidas com a Fazenda Nacional.

Em solução declaro:

Que as dívidas contraídas com a Fazenda Nacional constituem descontos obrigatórios; por conseguinte, devem elas ser descontadas, em fólio pela décima parte do ordenado, dos que as houverem contraído, por solicitação do comando da Unidade ao empregador. Tal desconto continuará a ser feito ainda quando licenciado ou excluído do serviço ativo do Exército, até o completo resarcimento do dano ou extravio causado à Fazenda Nacional.

(Aviso n.º 2075 de 28. — D.O. de 31-7-944).

QUADRO ESPECIAL DE OFICIAIS DA RESERVA DE 2.ª CLASSE DO EXÉRCITO. — (Inclusão).

São incluídos no Quadro Especial de Oficiais na Reserva de 2.ª classe do Exército, criado pelo Decreto-Lei n.º 6.509, de 18 de maio de 1944, alterado pelo dec. 6.678 de 13 de julho seguinte, o Ministro, os Membros do Ministério Público e os Escrivães da Justiça Militar junto à Força Expedicionária Brasileira, abaixo mencionados:

— o Ministro do Conselho Supremo de Justiça Militar Washington Vaz de Melo, com o posto de General de Divisão;

— o Procurador Geral Valdemiro Gomes Ferreira, com o posto de General de Brigada;

— os Auditores Adalberto Barreto e Eugênio de Carvalho Nascimento, com o posto de Tenente Coronel;

— os Promotores Orlando Ribeiro Moutinho da Costa e Amador Cisneiros do Amaral, com o posto de Capitão;

REPRESENTAÇÃO
DE
A DEFESA NACIONAL

Ampliando a sua rede de sucursais em vários Estados do país **A DEFESA NACIONAL** desenvolve, também, a sua circulação e habilita-se a tornar mais eficiente a propaganda em suas páginas.

Tendo, outrossim, entregue a exclusividade de sua publicidade em todo o Brasil ao

BUREAU INTERESTADUAL DE IMPRENSA

a revista por excelência do Exército acha-se habilitada a receber anuncios e toda a demais matéria respectiva através dos representantes desta prestigiosa organização abaixo discriminados:

São Paulo — Mario Herédia, Rua Barão de Paranaíacaba, 61 — 4.º andar.

Curitiba — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro, 573.

Porto Alegre — Arthur Batista Gonçalves, Rua Shuller, 44.

Recife — Aristofanes da Trindade, Travessa Madre de Deus, 113.

Pará — Edgard Proença, Edificio Bern (1.º andar), Avenida 15 de Agosto).

Anuncie nas páginas de

A DEFESA NACIONAL
que fará publicidade eficiente

50.000 LEITORES EM TODO O BRASIL

os Advogados Raul da Rocha Martins e Bento Costa Lima Leite de Albuquerque, com o posto de 2.º Tenente;
 — o Secretário do Conselho Supremo de Justiça Militar, Iberê Gracindo Fernandes de Sá, com o posto de 1.º Tenente.
 — os Escrivães Arí Abot Romero e Valter Belo Faria, com o posto de 2.º Tenente.

(Decreto-Lei n. 16.243 de 28. — D.O. de 31-7-944).

QUARTEIS E MAIS ESTABELECIMENTOS — (Recomendação).

— Tendo chegado ao meu conhecimento a prática desaconselhada de sempre feitos acréscimos e modificações nas instalações de água, esgoto, gás e energia elétrica dos quartéis e estabelecimentos, sem a audiência dos órgãos técnicos da Diretoria de Engenharia, recomendo:

- a) — devem os agentes diretores abster-se de autorizar diretamente os trabalhos da natureza mencionada, em benefício do rendimento das instalações em apreço e da segurança do imóvel.
- b) — As novas instalações e as reformas serão sempre executadas sob as vistas diretas dos órgãos técnicos da Diretoria de Engenharia;
- c) — os pequenos acréscimos e modificações poderão ser realizados sob a responsabilidade dos agentes diretores, mediante croquis, aos mesmos fornecidos pelos órgãos técnicos citados, com as características do material a empregar;
- d) — a conclusão dos trabalhos a que se refere o item anterior deverá ser objeto de participação àqueles órgãos, para atualização das plantas das instalações correspondentes.

(Aviso n. 2.30 de 16. — D.O. de 18-8-944).

RESERVISTAS DO EXÉRCITO (OFICIAIS E PRAÇAS) — (Incorporação adiada).

— I — Os reservistas do Exército (oficiais e praças), servidores do Serviço Nacional de Febre Amarela (S.N.F.A.) e do Serviço Nacional de Malária (S. N. M.), que estiverem exercendo suas atividades em serviços de campo, serão considerados de chamada ou incorporação adiada.

II — Cessará o adiamento previsto no item anterior desde que o reservista deixe o Serviço ou a obra.

III. — Para efeito do adiamento os dois Serviços interessados deverão remeter à chefia da correspondente Circunscrição de Recrutamento relações nominais dos reservistas em apreço, discriminando: nome; filiação; classe (ano do nascimento); lugar de nascimento (município e Estado); classe da reserva ou linha, quando se tratar de oficial; categoria (1.ª, 2.ª ou 3.ª), quando praça reservista, e corpo, centro de instrução militar ou Circunscrição de Recrutamento por onde se fez reservista; residência e, quando fôr o caso de praça. Circunscrição de Recrutamento que o convocou.

IV — As relações deverão ser remetidas dentro de uma semana, a contar do dia em que o reservista se enquadrar nas condições do item I.

V. — Aqueles Serviços (S.N.F.A. e S. N. M.) notificarão, imediatamente, à correspondente Circunscrição de Recrutamento, a rescisão ou término dos contratos e as dispensas de pessoal, prestando todos os esclarecimentos constantes das relações a que se refere o item III.

VI — A inobservância do disposto nos itens III, IV e V importa na perda das prerrogativas do referido adiamento.

VII. — Os reservistas já incorporados que se enquadrarem nas disposi-

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Breviário do Recruta — Cap. Frederico Trota	5,00
Cartilha da Mocidade — Cap. Micaldas Corrêa (*) ..	6,00
Caderneta de Ordens e Partes	11,00
Caderneta de Ordens e Partes (blocos)	3,00
Caderneta de Campanha do Cap. — Cap. Nelson Boiteux	13,00
Comandar — Major Niso Viana Montezuma	7,00
Concepção do Vitória entre os Q. Generais — Capitão F. Mindelo	21,00
Coletânea de Leis e Decretos 1544 a 1938 — Major Benito Lisboa	13,00
Contribuição da Guerra Brasil B. Ayres — Gen. Bertoldo Klinger (*)	13,00
Código de Justiça Militar — Ten. Cel. José Faustino da	
Código Penal Militar — Cap. Moacyr Faião Gomes ..	9,00
Silva	27,00
Dispersão do Tiro — Ten. Cel. Arnaldo Morgado da	
Hora	12,00
Do Brasil à Itália — Gen. Newton Braga	8,00
Educação Física Militar — Maj. Gutemberg Ayres de	
Miranda	10,00
Educação Física Feminina — Cap. Jair Jordão Ramos	3,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I.
"A Defesa Nacional".

des dêste Aviso quando forem convocados deverão ser imediatamente licenciados se forem requisitados pelos Serviços interessados.

VIII. — As disposições do item VII não se aplicam aos reservistas já incorporados ao 1.º Escalão da Fôrça Expedicionária Brasileira.
(Aviso n. 2.180 de 7-8. — D.O. de 9-8-944).

SARGENTOS DO CURSO DE MECÂNICO — (Computação).

— Nas fichas para promoção de Sargentos, o curso de mecânico-electricista do projetor "Sperry", deverá ser computado com o coeficiente 2 (dois).
(Aviso n. 2.220 de 10-8. — D.O. de 12-8-944).

RESERVISTA PRESO POR PROCESSO DE DESERÇÃO — (Solução de consulta).

— Consulta o Comandante do 29.º B. C. se ao reservista convocado recolhido ao xadrez da unidade, por estar respondendo a processo pelo crime de deserção, assiste o direito de optar pelos vencimentos do cargo que exercia em repartições públicas federal, estadual ou municipal.

Em solução declaro:

I — Estabelece o art. 224 da Lei do Serviço Militar que "o funcionário público federal, estadual ou municipal, ou o empregado, operário ou trabalhador nacional, quando incorporado em praça inicial ou convocado como reservista, terá garantido o lugar e assegurado o direito a 2/3 dos respectivos vencimentos ou remunerações, enquanto permanecer incorporado, vencendo pelo Ministério da Guerra ou da Marinha apenas a etapa".

II — Este dispositivo legal acha-se derrogado pelos Decretos-leis n.º 4.548, de 4-8-42 e 4.902, de 31-10-42. O primeiro assegurou a todos os servidores públicos federais, estaduais ou municipais, quando convocados ou sorteados, vencimentos integrais do cargo e ainda o direito de optarem entre os vencimentos do cargo e os do posto militar. O segundo estabeleceu que os empregados de empresas privadas terão, em idênticas condições, além da garantia do lugar, direito a 50 % do vencimento, ordenado ou salário, durante o tempo de incorporação.

III — Continua em plena vigência o parágrafo único do art. 224 da Lei do Serviço Militar, que dispõe:

"A nenhum châmado a incorporar-se, uma vez considerado insubmissô, ser reconhecido o direito às vantagens dêste artigo".

Outra não foi também a interpretação dada pelo aviso n.º 764, de 27 de março do corrente ano, que diz:

"Continuando em plena vigência o disposto no parágrafo único do art. 224 da Lei do Serviço Militar, o brasileiro convocado para a prestação do serviço de natureza militar, um vez considerado insubmissô, embora posteriormente indultado, não tem direito às vantagens asseguradas pelos Decretos leis ns. 4.902, de 31 de outubro de 1942 e 5.612, de 24 de junho de 1943".

IV — A' vista do exposto e atendendo a que a responsabilidade do reservista faltoso ou retardatário à convocação é muito maior que a do conscrito, em idênticas condições, não assiste, neste caso, ao desertor em causa, direito à opção de vencimentos; todavia, se fôr absolvido, readquire os mesmos direitos até então suspensos.

(Aviso n. 2.005 de 25-7. — D.O. de 27-7-944).

SARGENTOS DO CURSO DE MECÂNICO — (Computação).

— Nas fichas para promoção de Sargentos, o curso de mecânico-electricista do projetor "Sperry", deverá ser computado com o coeficiente 2 (dois).
(Aviso n.º 2.220 de 10-8. — D.O. de 12-8-944).

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Escola de Fogo — Facículo II	7,50
Escola de Fogo — Facículo III	7,50
Escola de Fogo — Facículo IV	7,50
Educação Moral do Soldado — Cap. Frederico Trota ..	10,00
Emprego Tático das Transmissões — Cel. Paulo Bolivar Teixeira	17,00
Ensaio Sobre Instrução Militar — Cap. José Horacio Garcia	13,00
Estratégica do Terror — Trad. Cel. J. B. Magalhães (*)	15,00
Estudo sobre Granadas de Mão e Fuzil — Cap. Moacyr N. Assunção	11,00
Exercício de Combate de Companhia — Maj. Alcebiades Tamoyo	18,00
Exterior e Julgamento dos Equídeos — Walter Jardim	30,00
Fenômeno Militar Russo — Cel. J. B. Magalhães	30,00
Fenomeno Militar Russo, desconto de 10% aos Assinantes da Rev. "Defesa Nacional"	27,00
Fichário para Inst. de Educação Física — Cap. Jair J. Ramos	16,00
Formulário do Contador — Cap. José Salles	5,00
Guerra da Sucessão, Separata n.º 53 — Ten. Cel. Arthur Carnaubá (*)	5,00

(*) — Este sinal indica que a obra foi publicada pela C.M.E.C.I. "A Defesa Nacional".

SUPRIMENTO MATERIAL AUTOMOVEL — (Aprovação).

O Diario Oficial n.º 168 de 21-7 do corrente ano (página n.º 12.922) publica o Aviso n.º 6.819 de 19-7-944, que aprova as instruções para suprimento de material Automovel.

TRANSFERENCIA PARA A RESERVA OU REFORMA — (Determinação).

— A fim de criar unidade de doutrina no estudo dos processos de transferência para a reserva ou reforma dos militares, determino:

a) — Cômputo de tempo.

Idade limite ou incapacidade física: até a data em que a atingirem ou a em que forem julgados por Junta Militar de Saúde.

Transferência para a reserva a pedido: até a data em que fôr assinada a informação pela Diretoria competente.

Os militares que completarem a idade limite e que estejam além mar, em operações de guerra, terão seu tempo de serviço computado de forma análoga aos transferidos para a reserva, a pedido.

b) — Dispositivos da Lei de Inatividade.

Reforma por incapacidade física: Decreto-lei n.º 3.940, de 16 de dezembro de 1941.

Transferência para a reserva: Decreto-lei n.º 3.940, de 16 de dezembro de 1941, para os sub-tenentes, sargentos-ajudantes e 1.ºs sargentos, e Decreto-lei n.º 198, de 22 de janeiro de 1938, para as demais praças, observando-se, porém, em ambos os casos, o disposto no art. 149 do Estatuto dos Militares e Aviso n.º 3.577, de 19 de setembro de 1940.

As praças com mais de dez anos de serviço e que forem julgadas incapazes definitivamente para o serviço do Exército, por "moléstia não adquirida em serviço", terão seus proventos calculados de acordo com o que prescreve o art. 215, alínea e, do citado Decreto-lei.

Finalmente, a Diretoria de Recrutamento ao calcular os proventos de inatividade deverá sempre observar o disposto no art. 215, § 1.º, do Decreto-lei n.º 2.186, de 13 de maio de 1940.

(Aviso n.º 2.123 de 2-8. — D.O. de 4-8-944).

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

A DEFESA NACIONAL, recebeu, no período de 20 de julho a 20 de agosto de 1944, as seguintes publicações:

- 1 — Revista Militar — N.º 77-78 — Março e Abril de 1944 — Bolivia.
- 2 — Revista Militar Del Perú — N.º 4 — Abril de 1944 — Lima — Perú.
- 3 — Revista Militar Del Perú — N.º 5 — Maio de 1944 — Lima — Perú.
- 4 — Revista de La Escuela Militar de Chorrillos — N.º 219 — Março de 1944 — Chorrillos — Perú.
- 5 — Revista Militar de La Escuela de Chorrillos — N.º 220 — Abril de 1944 — Chorrillos — Perú.
- 6 — Revista de La Escuela Militar de Chorrillos — N.º 221 — Maio de 1944 — Chorrillos — Perú.

A Defesa Nacional

em

SÃO PAULO

A representação exclusiva desta revista no Estado de São Paulo, capital e interior, está a cargo do Bureau Interestadual de Imprensa, cuja sucursal se acha instalada na Rua Barão de Piranapiacaba, 61 - 4.º andar, — Telefone 2-5841.

Os interessados pôdem dirigir-se ao endereço supra para anuncios, assinaturas, etc.

Chefe da Sucursal: — Mario Herédia.

Só podem efetuar recebimento de contas de **A DEFESA NACIONAL** os cobradores devidamente autorizados pelo chefe da Sucursal do B.I.I.



Anunciar na **A Defesa Nacional** é fazer
publicidade eficiente.

- 7 — Revistas de Las Fuerzas Armadas — N.º 9 — Abril de 1944 — Quito — Equador.
- 8 — Revista Militar Brasileira — N.º 3-4 — Julho a Dezembro de 1943 — Rio de Janeiro — Brasil.
- 9 — Revista de Medicina Militar — N.º 1 — Janeiro a Março de 1944 — Rio.
- 10 — Anuário Demográfico do Rio Grande do Sul — 1941 — 1942.
- 11 — Cultura Política — Revista Mensal de Estudos Brasileiros — N.º 41 — Junho de 1944 — Rio.
- 12 — Nação Armada — N.º 56 — Julho de 1944 — Rio.
- 13 — Revista Municipal de Engenharia — N.º 1 — Janeiro de 1944 — Rio.
- 14 — Liga Marítima Brasileira — N.º 443 — Maio de 1944 — Rio.
- 15 — Visão Brasileira — N.º 72 — Julho de 1944 — Rio.
- 16 — Histórico da Fortaleza de Itaipú — 1919-1944 — Rio.

LIVROS À VENDA NA BIBLIOTECA DA
C.M.E.C.I. "A DEFESA NACIONAL"

	Cr\$
Euclides da Cunha H. Militar — Cap. Umberto Peregrino	4,00
Formulario Processual — Ten. Cel. Nizo Montezuma (No Prelo)	16,00
Guia Cmt. Ptl. de Fuzileiros 1. ^a Parte (Ofensiva) — Maj. Tamoyo	15,00
Manual de Topografia Militar — Cap. Evarandro Del Corona	25,50
Pastas para Folhas de Alterações	8,00
Tática de Infantaria nos Peq. Escalões — Ten. Cel., Alexandre Chayes	16,00

Cousas Práticas

ADQUIRIR livros
pelo serviço de reem-
bolso postal da secção
de publicidade de
“A Defesa Nacional”.

CAIXA POSTAL N.º 32
MINISTÉRIO DA GUERRA
RIO DE JANEIRO

Serviço rápido e seguro

A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Redação e Administração
Edifício do Ministério da Guerra
PRAÇA DA REPÚBLICA — Telef. 43-0563

Correspondência

Para a Gerência: Caixa Postal, 32, Ministério da Guerra
Colaborações: Ten.-Cel. Lima Figueiredo, mesmo endereço

Publicidade

Bureau Interestadoal de Imprensa
PRAÇA MAUÁ, 7 — 13.º andar
Telefone 43-9918 e 23-1451

Assinaturas	Ano	Semestre
Associados da Cooperativa	Cr\$ 30,00	Cr\$ 15,00
Renovadas	Cr\$ 45,00	Cr\$ 25,00
Novas a partir de 25/2/44	Cr\$ 60,00	Cr\$ 30,00

A PUBLICIDADE NA A DEFESA NACIONAL

Comunicamos ao público, em geral, ao comércio e indústrias do país e aos nossos anunciantes do Rio de Janeiro e dos Estados, em particular, que todo o serviço de publicidade está a cargo, desta data em diante, do

BUREAU INTERESTADOAL DE IMPRENSA

com escritório à

PRAÇA MAUÁ, 7 — 13.º andar
Telefones: 43-9918, 23-1451 e Oficial 2-515
Caixa Postal, 365 — End. Telegr.: "Bureau"

S u c u r s a i s

São Paulo — Mario Herédia, Rua Barão de Paranápiacaba, 61 — 4.º andar — Telefone 2-5841.

Curitiba: — Percival Loyola, Rua 15 de Novembro, 573

Porto Alegre — Arthur Batista Gonçalves, Rua Shuller, 44

Recife — Aristofanes da Trindade, Travessa Madre de Deus, 113.

Pará — Edgar Proença, Edifício Bern (1.º andar), Avenida 15 de Agosto.